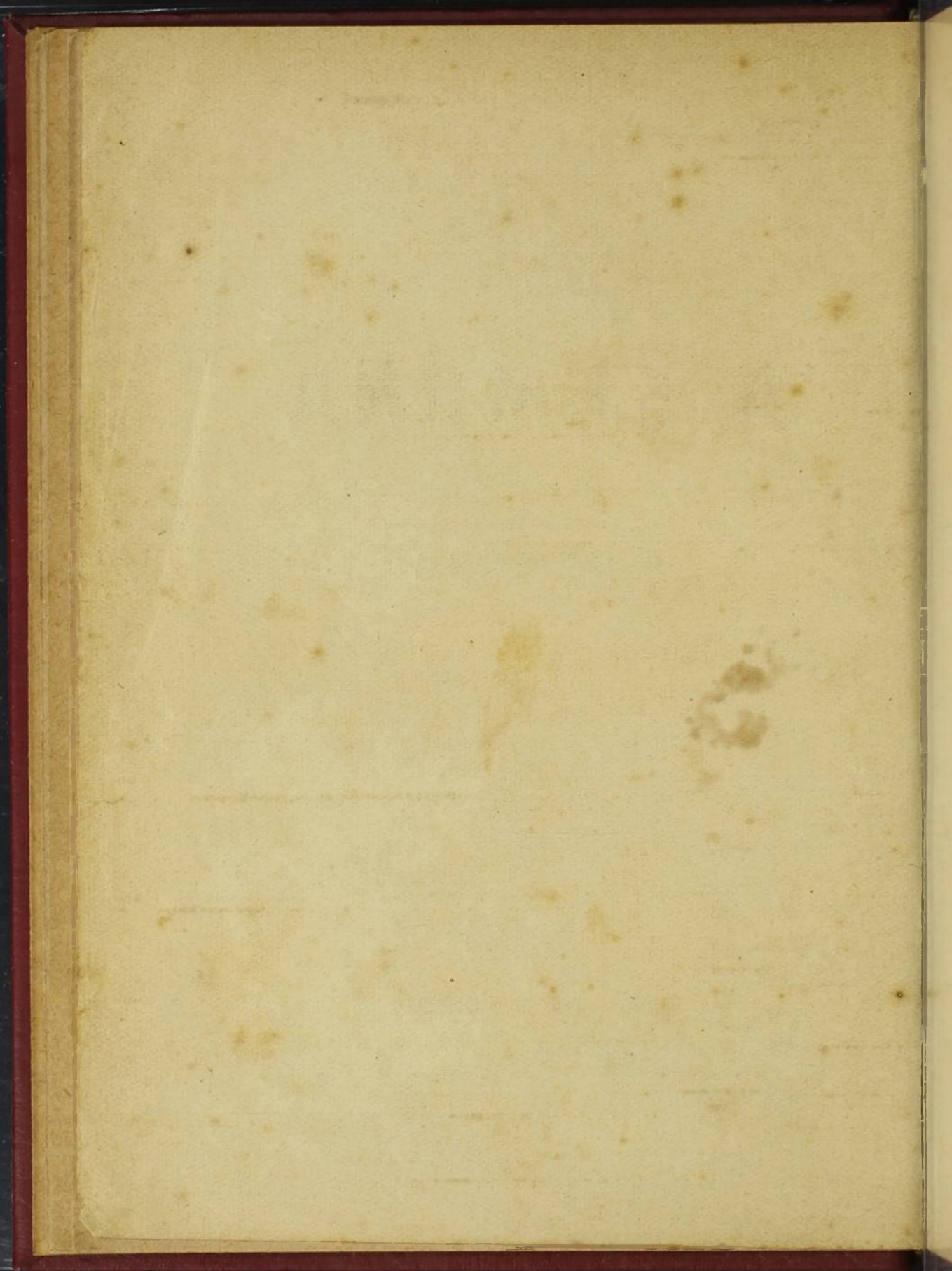


117-172-172
Revista
Popular

A SEMANA

TYP. DA EMPRESA LITTERARIA E TYPOGR.
⊗ ⊗ (Officinas movidas a electricidade) ⊗ ⊗
⊗ R. Elias Garcia, 184 ⊗ PORTO ⊗ 1915



MAX FLEIUSS

(Do Instituto Historico)

A SEMANA

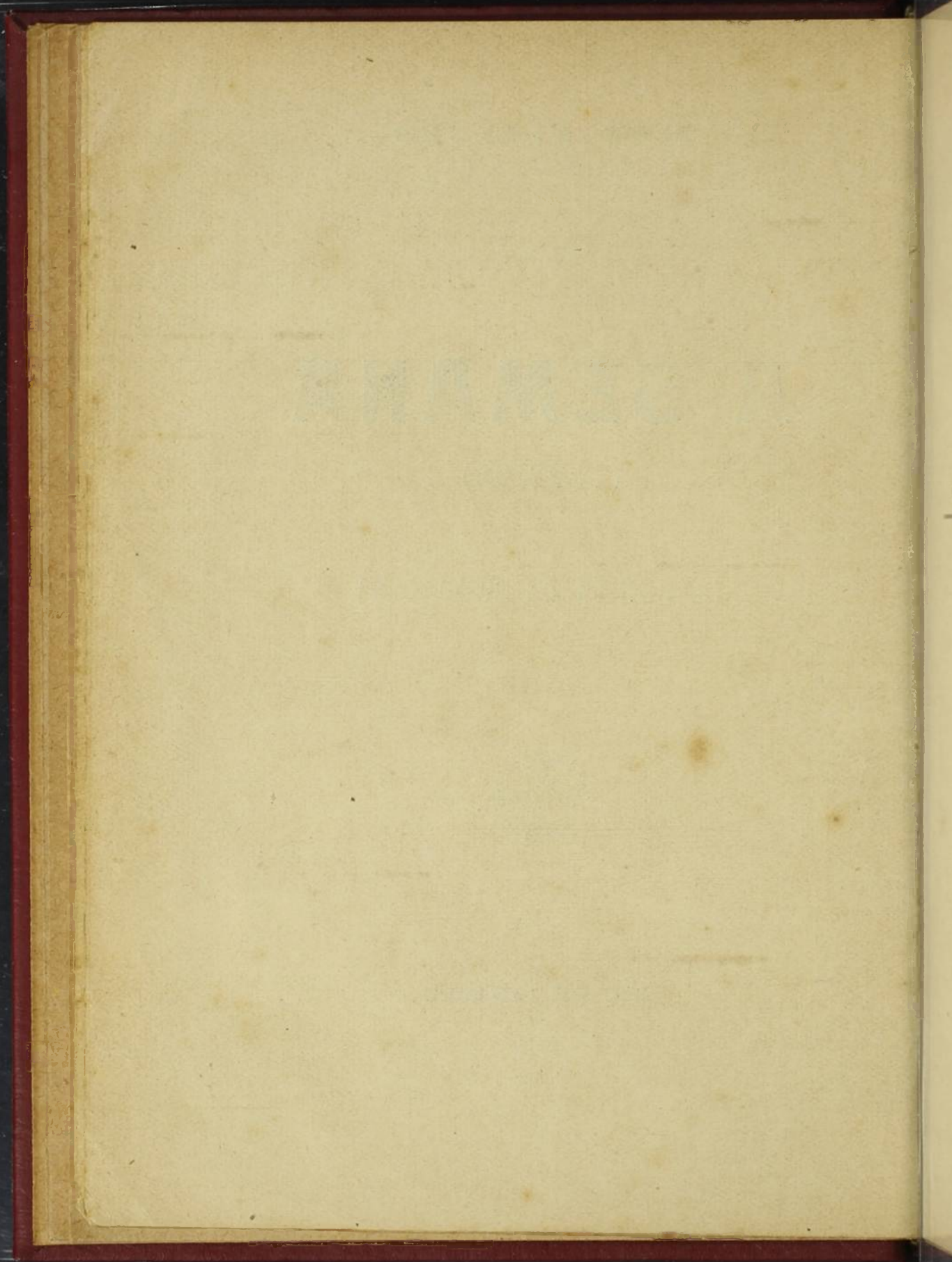
(1893-95)

(CHRONICA DE SAUDADES)



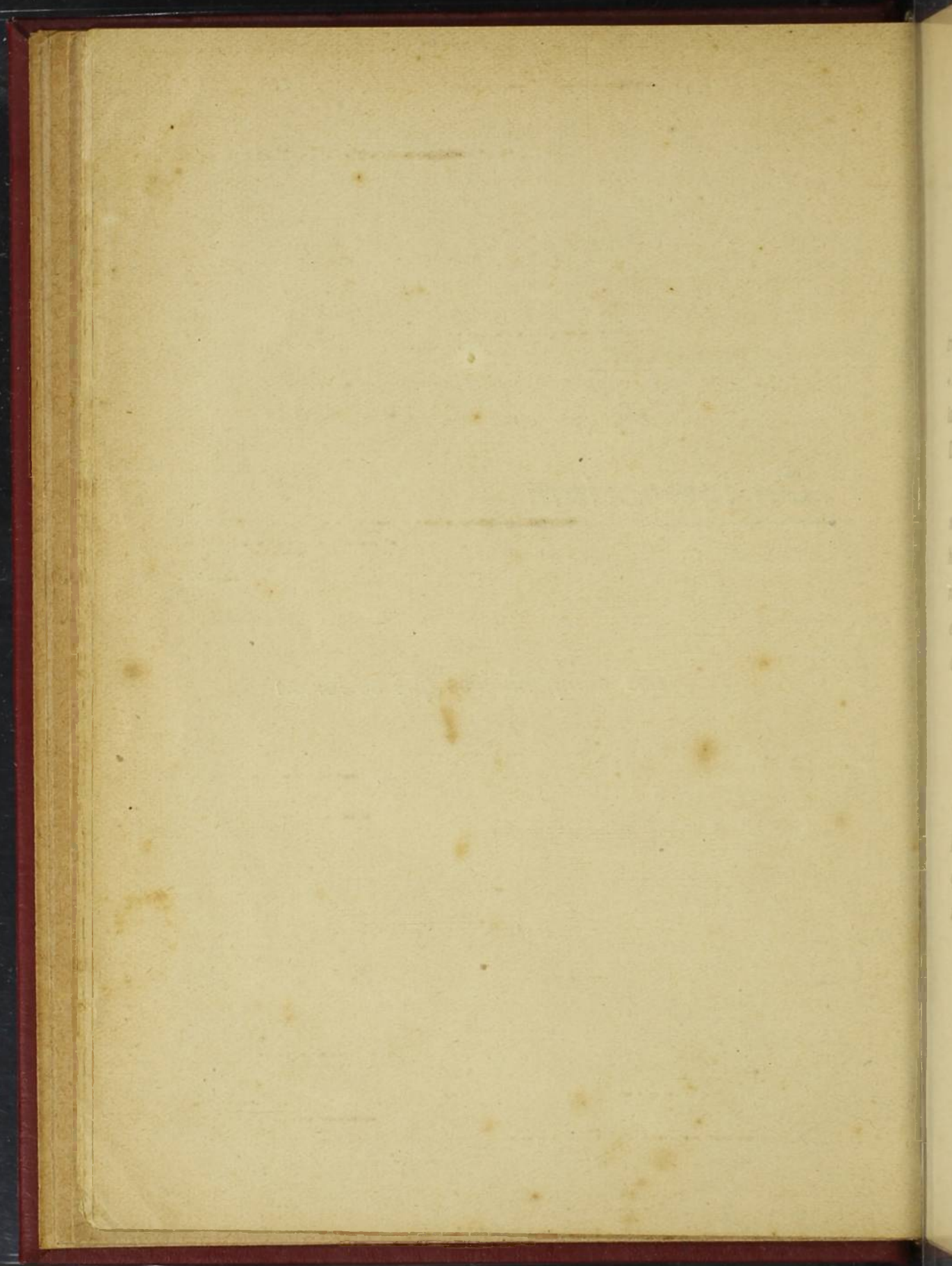
RIO DE JANEIRO

1915



In memoriam

aos companheiros que se foram



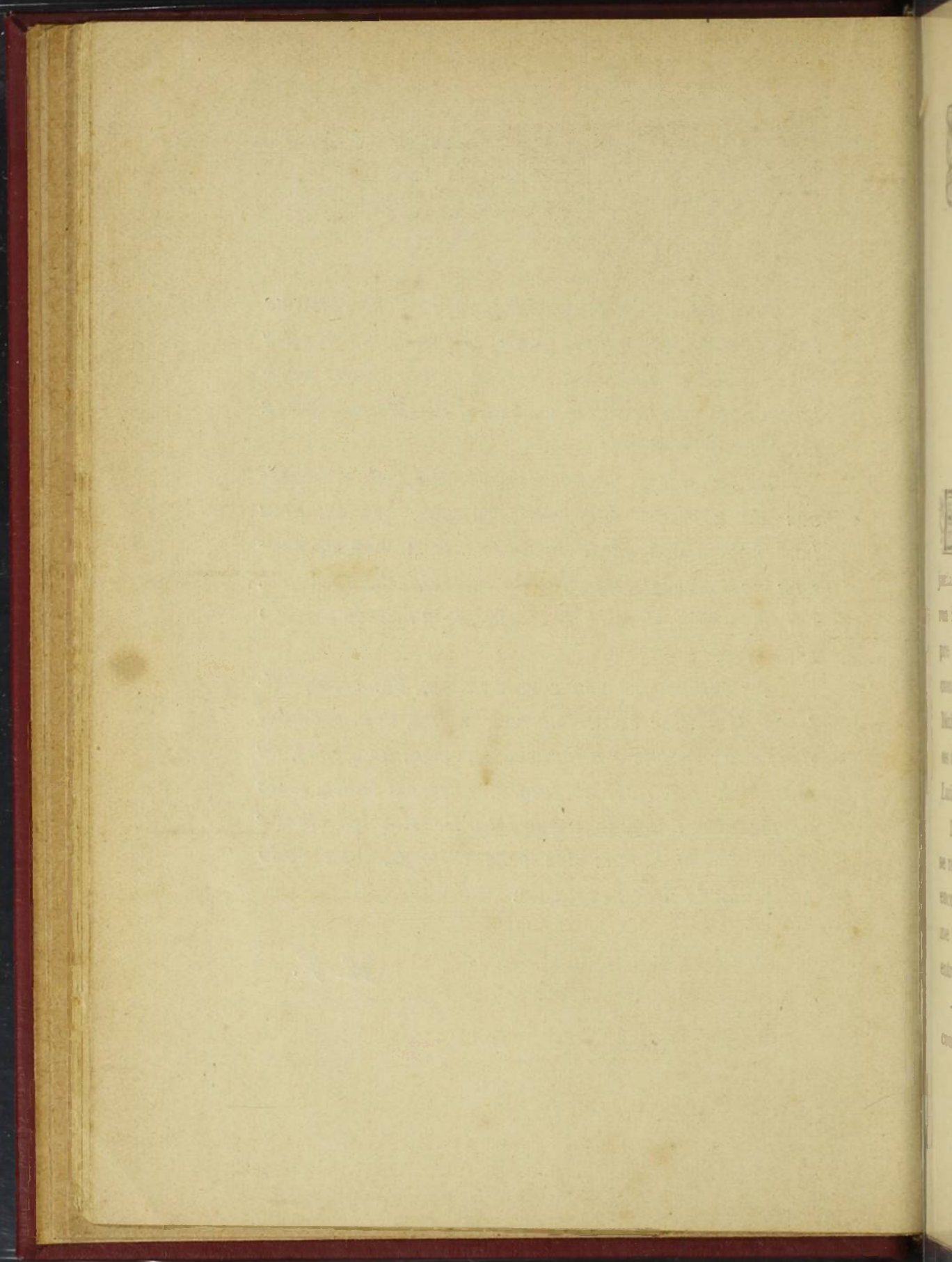
Fixo de modo mais duradouro os artigos que tracei, não ha muito, para a excellente revista « Sciencias e Letras », do meu amigo Clovis Bevilaqua e de sua distincta esposa, a illustre escriptora D. Amelia Bevilaqua.

Realizando o commettimento, não cedo a impulsos de vaidades literarias; cumpro, apenas, uma homenagem aos que dedicadamente me acompanharam no louvavel tentamen da inolvidavel phase que, em 1893-1895, deveu « A Semana » ao nosso esforço colectivo.

Às linhas que vão seguir faltam, por certo, bellezas de estilo; enaltecem-nas, porém, dois predica-dos: — a verdade e a justiça. Servirão, ao menos, de elucidario aos que, no futuro, quizerem saber, mais pormenorissadamente, o que foi o Brasil intellectual e quaes foram alguns dos seus cultores, num dado momento da nossa evolução.

Rio, 1—1915.

M. F.





I

ESTAVAMOS em Junho de 1893! Alberto de Oliveira, o grande poeta dos *Sonetos e Poemas*, jantava habitualmente commigo, na minha casa da rua do Rezende, n. 14. A companhia do Alberto sempre foi estimavel; tinha e tem a arte de agradar, com a palestra sempre variada, plena de interesse. Dizia-me tambem os seus ultimos versos e recitava os de outros poetas predilectos, especialmente os de Luiz Delfino.

De uma vez em que, quasi ás 10 da noite, Alberto se retirava para recolher-se a Niteróy, onde morava, encontrou-se na escada com Valentim Magalhães, que me ia procurar. Alberto retrocedeu e com Valentim entrou no meu gabinete de estudo.

— Aqui, o Alberto vae ser o juiz, disse Valentim com enthusiasmo.

Vae ser o juiz... É preciso explicar a phrase.

Valentim costumava receber, ás quintas feiras, em sua residencia da rua do Lavradio n. 133. Numa das nossas boas palestras, perguntei-lhe porque não fazia reaparecer a *Semana*, a bellissima revista literaria de sua fundação e que tanto successo lograra.

— Fôra loucura, respondeu-me. As letras hoje preferidas são as de cambio.

Por diversas vezes voltei ao assumpto, mostrando-lhe que seria facil reunir um nucleo de amigos e que com um pouco de perseverança a folha talvez conseguisse firmar-se.

— Pois bem, está feito, replicou-me Valentim, vamos nós dois restabelecer a *Semana*.

— Está feito, respondi.

No dia immediato, porém, muito cedo, escrevia-me Valentim, dizendo estar arrependido, que não medira bem as palavras da vespera e que cuidassemos de tudo, menos da *Semana*.

Sorri. Não era uma recusa, mas simples vacillação. Deixei a carta sem resposta. Á noite veiu elle proprio buscal-a.

— Então, recebeu a minha carta?

— Sim, recebi. Não vale nada.

— Como não vale nada? É boa!

— Não vale nada. O seu compromisso está firmado. Vamos restabelecer a *Semana*.

— Nunca! Repito: seria uma loucura.

Dahi a pouco, entretanto, citava-me elle os nomes dos futuros companheiros: o Rodrigo Octavio, o Silva Ramos, o Lucio de Mendonça, o Fontoura Xavier, o Henrique de Sá . . .

De subito, porém, despediu-se e saiu.

Dois ou tres dias depois, avistei-o no Largo de S. Francisco. Foi elle o primeiro a falar no assumpto.

— Olhe, disse-lhe, já mandei imprimir talões de recibos. É necessario que você escreva uma apresentação . . .

Nesse ponto fomos interrompidos e separámo-nos. Á noite, deu-se o que nas primeiras linhas deixei narrado.

Alberto de Oliveira ia ser o juiz. E o foi duma integridade de . . . quem ama as letras. Ouviu-nos. Valentim era o accusador, eu o defensor. O juiz desde logo mostrou-se parcialissimo; a sentença estava de antemão proferida: a *Semana* resurgiria.

E assim succedeu. Dentro de breves dias distribuia-se o seguinte manifesto:

«A *Semana*. — Accedendo a instantes solicitações

de amigos, menos meus que das letras, vou novamente publicar *A Semana*. O que foi este periodico, que, sob minha direcção, existiu nesta capital de Janeiro de 1885 a Novembro de 1887, sabe-o todo o Brasil, cujo movimento literario representou durante aquelle periodo, curtissimo na vida social, mas dilatado em se tratando de uma folha exclusivamente literaria, como foi aquella. Razões de força maior obrigaram-me naquella occasião a transferir a outrem a propriedade e a direcção da folha. Infelizmente poucos mezes mais teve de vida *A Semana*. A sua influencia sobre o movimento literario e artistico do Brasil foi tão patente e as saudades que deixou em todos quantos se interessam por elle são tão vivas ainda e tão geraes, que bem posso despir-me de toda falsa modestia para declarar que acredito que a noticia do resurgimento d'*A Semana* será recebida com vivo jubilo e geral approvação.

«O momento é opportuno. Ha quatro annos que o espirito publico vive absorvido, occupado, opprimido pela Politica, como por uma obsessão pesada e funesta. As letras retrahiram-se quasi completamente e o nivel intellectual tem descido de modo inquietante, perceptivel aos olhos menos sagazes. As incertezas e attribulações do actual momento politico vão

produzindo sobre a alma nacional uma depressão tão funda e penosa, que é tempo de abrir-lhe um respiradouro, de rasgar-lhe uma janela, aonde ella venha haurir um ar puro, alacre, oxygenado vigorosamente pelas serenas producções da literatura contemporanea. Esse ar ha de fazer-lhe bem, como faz o da madrugada, fresca, limpida, papeada do passado, ao enfermo que a febre devora lentamente, fatigando o cerebro e tendendo os nervos. Fóra das alegrias da familia, que são as melhores, não ha outras senão as que a Arte proporciona.

«Um bom livro, um bello quadro, um inspirado trecho musical, consolam melhor, fazem mais bem aos espiritos dilacerados nos espinhaes da vida moderna, tão dura e tão vertiginosa, que todas as exhortações e carinhos. A Arte é tão necessaria, tão indispensavel como o pão. A literatura, que é uma de suas manifestações mais poderosas, senão a que mais o é, porque a palavra, manejada pelo genio, tem, simultaneamente, as tintas da palheta, os sons da gamma, as fórmias do cinzel, a literatura é uma cousa séria, grave, austera, sagrada. Ella é a historia sem data dos povos. Um romance ou uma canção depõe mais cumprida e mais fielmente sobre o character da epoca em que viveu do que muitos livros

historicos. Um povo sem literatura é um povo sem historia. Devemos, pois, animar a nossa, tão auspiciosamente desabrochada e já tão cedo enlanguecida, porque serão os nossos romancistas que hão de historiar ao mundo os nossos costumes, a nossa educação, a nossa indole, as nossas tendencias, a nossa vida social inteira; porque serão os nossos poetas que hão de consagrar na admiração universal as bellezas fantasticas da nossa natureza e o mundo de sentimentos que palpita na alma das mulheres de nossa terra; porque serão os nossos chronistas, criticos, theatrographos, que hão de photographar a evolução da civilização brasileira, impulsando a vida nacional — na politica, na religião, na industria, nos costumes, na arte, na educação. Todo bom brasileiro deve desejar e auxiliar o apparecimento de um periodico que seja o microcosmo mental da patria, que seja, a um tempo, o tonico poderoso a enriquecer o sangue cerebral do paiz e o thermometro a registrar o grau de calor produzido por elle. Si devo novamente tomar sobre os hombros a responsabilidade pesadissima de reerguer e levar por deante *A Semana*, é porque, fazendo-o, eu, scientificamente fatalista, creio obedecer ao decreto tacito da força imanea a que chamam evolução os sabios, e que outra cousa

não é senão o que os crentes denominam Providencia. A *Semana* appareceu em 1885 pela mesma razão por que vae reaparecer em 1893: porque o estado cultural dos espiritos determinava esse facto naquelle momento historico. Ella vae resurgir pela mesma razão por que uma arvore que parecia morta, dada certa modificação climaterica ou na composição do solo em que se lhe enterravam as raizes, reflore, reemerge á luz, numa resurreição gloriosa de renovos tenros, de folhas de oiro e verde. Ella vae reviver, porque a intelligencia nacional exige outro repasto mais que as estereis dissensões politicas, em que temos vindo a entristecer-nos e a fatigar-nos, de desillusão em desillusão, de desesperança em desesperança; porque ha nos cerebros, ebullindo, pedindo fórma, uma seiva forte e fecunda, que ha de, forçosamente, brotar, derramada em luz, afirmar-se em obras, mais ou menos bellas, mais ou menos fortes, mas valiosas, como documentos, como symptomas de um renascimento promissor.

« Enganar-me-ei? É possivel. Mas creio que não, tanta confiança tenho na reacção do espirito nacional neste momento, e tão convencido estou da necessidade de abrir uma valvula para os talentos novos, que estão, indecisos e timidos, á espera de um cha-

mado amigo, de um brado de animação. *A Semana* estará aberta a todos que tiverem talento, sem distincção de escolas, nem de tendencias, nem de maneiras. Julgam, seguramente illudidos, que devo ser eu quem venha novamente, sacrificando interesses e as poucas horas que a labuta diaria me deixa disponiveis, fazer esse chamado, dar esse brado animador, offerecer o exemplo de minha fé na literatura patria e da minha tenacidade no trabalho. Pois seja. Sei as difficuldades e desgostos que me aguardam. Serei compensado, si *A Semana* puder honrar as suas tradições e corresponder ás saudades que deixou. Conto não só com o auxilio dos meus amigos, como com o do publico, que tão efficaamente a amparou em sua primitiva phase. *A Semana* terá os mesmos collaboradores de então, além dos escriptores novos que a queiram honrar com as suas producções. Não terá prevenção, nem coteries, nem preconceitos literarios. Procurará ser moderna, sem acompanhar as extravagancias e despropositos nascidos da sêde de ser novo, de ser original por qualquer modo. Procurará abranger em suas columnas todo o movimento intellectual brasileiro e estrangeiro, em suas diversas e variadissimas manifestações — arte, letras, sciencia e industria, de modo a poder ser util a to-

das as classes de leitores e especialmente agradável a algumas.

« Si aos desejos meus e do meu distincto amigo Max Fleiuss, redactor-gerente, que commigo vae tentar este grande esforço, corresponder o publico com a sua sympathia e auxilio, *A Semana* prestará serviços realmente valiosos aos que se dedicam á litteratura, pois contribuirá para tornal-a uma profissão real e digna, quer pela edição de obras, quer pela remuneração dos trabalhos literarios insertos em suas columnas. Faço um appello a todos os brasileiros capazes de se desvanecerem com a segurança de que a sua terra tem uma litteratura, que a representará melhor do que todos os diplomatas; faço-lhes um appello, para que me coadjuvem na realização dessa empresa, que será, além de alevantada e bella, utilissima a todos nós. Sósinho, não me animaria a metter-lhe hombros, mas acompanhado por amigos, como os de que me honro e que me cercam e apoiam, não só me atrevo a lançar novamente *A Semana*, como tenho prévia e completa confiança no seu exito. A todos hypothecamos, Max Fleiuss e eu, o nosso reconhecimento. E agora, meus amigos e meus senhores, mãos á obra. Julho de 1893. *Valentim Magalhães.*»

Divulgado o manifesto, copiosas palmas tivemos

em resposta. Os jornaes desta Capital e dos Estados acolheram a idéa com extrema generosidade e sympathia. *O Jornal do Commercio, O Jornal do Brasil, O Paiz, O Diario de Noticias, A Gazeta de Noticias, O Estado de S. Paulo, O Correio Paulistano* e muitos outros publicaram longos editoraes, annunciando em termos lisongeiros o reaparecimento d'*A Semana*.

II

Publicado o prospecto, tratámos, Valentim e eu, de organizar as bases materiaes da empresa.

Valentim não podia concorrer com a menor quantia, estava nessa epoca oberado de compromissos e fôra extremo sacrificio exigir-lhe outro concurso, além do intellectual, que devia ser, e de facto o foi, valioso. Nem por isso, porém, se recusou a falar com amigos e desta fórma conseguiu do Dr. Bezerra de Menezes 200\$, do Dr. Arthur Getulio das Neves 100\$, do Dr. Joaquim Abilio Borges 200\$, de Fontoura Xavier 200\$, do Sr. L. M. Esteves 600\$, do Dr. Henrique de Sá 200\$, na importancia total de 1:500\$.

Por minha parte, entrei com um conto de réis.

Era um capital ridiculo, que não daria para um trimestre e, por certo, não levaríamos adeante o nosso projecto, si Valentim não tivesse obtido a promessa formal, absolutamente formal, de um capitalista, que se compromettera a emprestar-nos vinte contos.

Assisti, a convite de Valentim, a uma das conferencias com o argentario. Recebeu-nos superiormente e reiterou a promessa.

— « Devia realizar naquelles dias uma grande operação bancaria, disse-nos, e logo depois abriria em seu nome, e a favor d'*A Semana*, o credito de 20 contos. Não esperava lucros dahi, ponderou sorrindo, mas consolava-o o poder auxiliar um jornal literario, não sendo menor o prazer de servir ao Sr. Dr. Valentim Magalhães. »

Quando saímos do escriptorio desse cavalheiro, o desanimado era eu. Valentim, qual nova Perrette, imaginou logo uma officina de trabalhos graphics, encomendas de material typographico dos Estados Unidos, um prélo de reacção, farto deposito de papel. Desbancariamos o Leuzinger, e *A Semana*, em breve, ultrapassaria em importancia ao proprio *Jornal do Commercio*...

Deixei-o falar. Vendo o meu mutismo, Valentim encordoou um pouco e exclamou :

— Que diabo ! não dizes nada !

— Não sei o que te diga, mas, com franqueza, confio mais nos teus *Vinte Contos* (título do livro de contos de Valentim) do que nos desse homem.

Valentim não gostou da pilheria. Pigarreou, quiz retrucar, mas, por fim, só me respondeu com um secco :— *Não tens razão, és de um scepticismo de velho.*

Era, porém, impossivel voltar atrás e, com o capital acima descripto e a esperança nos 20 contos, lançámo-nos na aventura.

O aluguel do escriptorio foi o primeiro trabalho. Custámos a encontrar ponto conveniente. Afinal descobrimos um bello 2.º andar á rua dos Ourives n. 71, onde hoje tem, no primeiro pavimento, seu frequentadissimo consultorio o illustre professor Miguel Couto.

O aluguel ia muito além das nossas forças, mas o distincto artista Rodolpho Amoêdo, que por essa epoca residia em Santa Theresa, desejava transferir-se para o centro da cidade e ficou com a maior parte da casa, cedendo-nos a sala da frente e dois gabinetes.

Foi assim que nos installámos, mandando mobiliario nosso, limitado, aliás, a tres mesas e algumas cadeiras.

Valentim multiplicava-se em providencias. A 17 de Julho escrevia-me, depois de ter estado commigo longamente pela manhã :—«Meu caro Fleiuss. Não me lembrava, quando nos despedimos, hoje, que amanhã fiquei de ir almoçar com o Abilio. De modo que só ás 2 e $\frac{1}{4}$ nos poderemos encontrar, porque tenho aula tambem. Como me fica em caminho, será bom encontrarmo-nos na casa do Barreiros, onde resolveremos sobre a impressão da folha. V. reveja a prova das circulares, e, si ainda fôr tempo, mande fazer os talões de 50 e não de 100. Mande-me listas para a subscrição do capital. Estou escrevendo cartas e expedindo listas a meio mundo. Teu *Valentim.*»

Por meu turno, secundava-o com a maior diligencia.

Afinal entregámos os originaes á typographia do Barreiros, uma casa muito mal organziada, á rua de S. José, com o material todo velho, sem prélo. Revoltei-me contra tudo isso, mas Valentim objectou-me que o Barreiros faria preços muito razoaveis.

Outra cousa hedionda foi o cabeçalho da folha, offerta de um velho gravador, amigo de Valentim. Era simplesmente horrivel, sem gosto, mal gravado, inqualificavel... Por isso mesmo vinguei-me do Va-

lentim e do gravador, deixando sem revisão a noticia em que o meu saudoso companheiro o elogiava. A local saiu encantadora: «*O nosso boniio cabeçallo é trabalho do hobil xylographo XXX, que gontilmente nos offereceu o seu valioso concurso artistico.*»

Constituimos a redacção. A chefia ficava, como era natural, com Valentim: coube-me a gerencia, de par com a redacção geral; Henrique de Magalhães seria o nosso secretario e faria os *Tratos á bola*, secção charadistica como até hoje não houve igual, e o *Correio*; Luiz Rosa, o meigo poeta do *Lotus*, alma bonissima, seria o nosso unico auxiliar effectivo.

Luiz Rosa era um companheiro encantador. Não pôde, porém, prestar-nos por muito tempo o concurso de sua tão espontanea intelligencia, pois adoeceu para nunca mais volver á saúde.

Appareceu *A Semana* a 5 de Agosto. O primeiro numero foi muito fraco. Não havia quasi collaboração; apenas o Henrique de Sá iniciára os seus justamente apreciados *Cavacos Medicos* e Luiz Rosa contribuiu com um bello soneto.

Valentim, confiando ainda firmemente nas asseverações do capitalista, escrevera sob o pseudonymo de *Necker* uma chronica financeira, elogiando com enthusiasmo interessado a negociação bancaria

decidida, havia dias, em magnificas condições para o nosso protector em expectativa.

No artigo de apresentação, Valentim, referindo-se á primeira phase da *Semana* e depois de outras considerações, assim concluiu: — «Continúo essa obra. Porque? Para que? Respondamos primeiro ao *porque*. Porque aquellas duas forças não se extinguiram em mim e porque encontrei (ou antes: elle se fez encontrar) o homem capaz de dar a uma folha como *A Semana* a direcção administrativa de que precisa: o Sr. Max Fleiuss. Disse que elle *se fez encontrar* porque foi elle quem me procurou e seduziu—é o termo—para reeditar *A Semana*. Deixei-me por fim convencer. Alguns amigos a quem me dirigi acolheram-me a mim e á minha idéa com bondade e carinho, etc.»

A parte graphica do numero desagradára inteiramente e com bastante razão. A despeito disto, a imprensa o recebera com indulgencia e a edição esgotou-se.

O 2.º numero foi ainda fraco e horivelmente impresso. Falei então ao Valentim; não consentiria na continuação desse estado de cousas. *A Semana* devia apparecer com outro aspecto. Ajustámos, pois, o trabalho com a casa Lamoureux, e o 3.º nu-

mero, publicado a 19 de Agosto, alcançou em todos os sentidos exito completo. Além da feição material de grande nitidez, Rodrigo Octavio, Narcisa Amalia, Alfredo de Sousa e Victor Silva illustraram as suas paginas. Partiu dessa data a verdadeira corrente de sympathia dispensada á nossa folha.

O 4.º e o 5.º numeros tambem brilhantes. Appreciam as primeiras respostas á questão scientifica, provocada por Valentim, sobre a combustão espontanea, descripta por Emilio Zola no seu ultimo romance da série dos Rougon-Macquart — *Le Docteur Pascal*. — Os abalisados Drs. João Baptista de Lacerda, Agostinho José de Sousa Lima, Publio de Mello e Leonel Rocha mostraram-se contrarios á these do escriptor francez.

Notavel attenção despertou essa questão scientifica, pois eminentes medicos discutiram brilhantemente o assumpto, com especialidade o sabio Dr. Domingos Freire.

A 9 de Setembro publicou-se o numero 6.º, em plena revolta da esquadra! Era temeridade cuidar de cousas literarias numa epoca em que todos viam aterrados com os bombardeios diarios entre as forças de mar e terra. Não nos arreceámos, porém, e a folha venciu as difficuldades.

Nesses entrementes, Valentim procurára de novo o capitalista e por fim, abatido, num extremo desanimo, disse-me :—«Tu tinhas razão, aquelle homem nada fará por nós. Agora encontrou na revolta novo pretexto para adiamento. Não volto mais lá.»

Respondi-lhe como amigo, incitando-o a trabalhar, cada vez mais, pela *Semana*, que, talvez, pudesse dispensar outros auxilios pecuniarios.

O outro numero devia apparecer a 16 de Setembro ; tivemos, porém, de adial-o. A revolta tomára proporções formidaveis e o bombardeio do dia 13 desse mez paralyzára a vida da Capital.

A 14, Valentim escrevia-me, verdadeiramente aterrado, de Jacarépaguá :—«Meu caro Max. Hontem fui á cidade ; cheguei ao meio dia, mas voltei trazido na onda dos que fugiam, espavoridos, ao bombardeio. Esta noite tomei um suadouro, razão pela qual não vou hoje. Não podemos dar folha no sabbado. Fôra tolice ; além de estar a cidade abandonada, ninguem está para ler cousas literarias nesta horrivel situação. Por isso debes fazer uma declaração. Para compensar a falta deste numero, daremos o de 23 com 16 paginas. Pede aos jornaes para fazerem a declaração na parte editorial ; si não quizerem, publica-a na ineditoral. Escreve-me, logo que esta receberes, dando-me

noticias. Até aqui nestes confins têm chegado centenas de foragidos. Assisti hontem a scenas pungentes. Em que dará tudo isto? Que se pensa? Que se espera? Eu estou consternado e indignado contra esse aventureiro que sacrifica aos seus interesses, ou mesmo aos de uma classe, os de toda uma sociedade, de uma cidade como o Rio de Janeiro, de um paiz como o Brasil. E tu não temes as balas? A tua coragem é mesmo verdadeira? Escreve. Teu *Valentim.*»

Em virtude dessa carta, publiquei nos jornaes a seguinte declaração:—«Attendendo á gravidade excepcional do momento que atravessamos, em que a politica, e de modo tão doloroso, absorve todas as atenções, resolvemos não publicar *A Semana* sabbado 16. Para compensação desta falta, terá o numero de 23 do corrente 16 paginas. Rio, 14 de Setembro de 1893.—*Valentim Magalhães, Max Fleiuss.*»

Effectivamente demos a 23 um bello numero, com o dobro de paginas e esplendidamente collaborado por Magalhães de Azeredo, Victor Silva, Adolpho Caminha e outros.

Na *Historia dos Quinze Dias*, Valentim referiu-se, talvez demasiadamente, aos successos politicos. Nessa chronica, o meu saudoso companheiro não sabia ainda que attitude devia tomar em face dos acon-

tecimentos. Pedira-me na vespera a minha opinião e eu com franqueza dissera-lhe que *A Semana*, sendo um jornal puramente literario, devia abster-se de cousas politicas.

— Mas isso é um absurdo, meu caro, objectou-me Valentim. A revolta interessa a todos e não ha quem, tendo de escrever uma chronica, possa deixar de falar na revolta.

E, naturalmente devido a esse modo de pensar, foi que Valentim se intrometteu na ingrata séara.

Nesse numero publicámos o resultado do primeiro plebiscito literario sobre os seis melhores romances escriptos em lingua portugueza.

Apurámos com a maior exactidão as cédulas recebidas, trabalho em que Valentim se extremára, para que não nos acoimassem de phantasias. O resultado foi o seguinte: *Os Maias*, em primeiro logar, com 94 votos; o *Primo Basilio*, em segundo, com 81; as *Memorias Posthumas de Braz Cubas*, em terceiro, com 68; *A Reliquia*, em quarto, com 50; *A Mão e a Luva*, em quinto, com 49; *O Atheneu*, em sexto, com 51, sobre 50 dados ao *Homem*.

Ainda nesse numero inserimos o primeiro trabalho de Carlos Dias, na secção — *Os que surgem*. A proposito, escreveu Valentim :—« O trecho de prosa,

que hoje publicamos sob o titulo *D. Amor* forma um dos capitulos de um romance em que está trabalhando ha bastantes mezes Carlos Dias, moço de dezoito annos de idade. Corre a narrativa no reinado de D. Henrique e na suzerania de Felippe de Castella. O joven autor tem ido, com o mais attento cuidado, beber ás fontes historicas os conhecimentos e informes indispensaveis a um trabalho desse genero, de modo a embeber-se, a impregnar-se o mais completamente possivel do character geral, do ar da epoca, quer no attinente aos factos, crystalizados nas chronicas do tempo, como no respeitante aos usos, costumes, crenças, vicios, abusões, as mais characteristics modalidades da alma social e a todo o colorido e córte da linguagem da epoca. *A Semana* sente-se orgulhosa e contente de abrir a sua secção *Os que surgem* com a apresentação de Carlos Dias, certa de que nesse facto encontrará elle o encorajamento necessario para proseguir a sua rija e gloriosa tarefa.»

«A sua rija e gloriosa tarefa.» Palavras propheticas. O Carlos Dias, de então, é hoje o notavel homem de letras portuguez Carlos Malheiro Dias, autor de varios romances celebres, entre os quaes figura o intitulado — *Telles de Albergaria*. Foi director da *Illustração Portugueza* e seus escriptos recommendam-se

pelo estilo pujante e pela concepção. O seu nome literario nasceu n'*A Semana*.

Ainda me recordo da timidez com que elle se apresentava a Valentim, ao Lucio e ao Araripe, e, quando o levei á casa de Machado de Assis, no Cosme Velho, parecia um collegial culpado. Tempos depois foi injusto comnosco, atacando-nos num capitulo de romance que publicou com o nome *A Mulata*. E isso sem que tivesse o menor motivo de queixa contra nós, que sempre o acolhêmos com o carinho merecido. Foi, de certo, victima de alguma *intriguinha* literaria...

Nesse numero, Valentim pôz a premio a traducção do seguinte soneto attribuido a Molière :

LA MORT DU CHRIST

Lorsque Jésus souffrait pour tout le genre humain,
La Mort, en l'abordant au fort de son supplice,
Parut tout interdite et retira sa main,
N'osant pas sur son Maître exercer son office.

Mais le Christ, en baissant la tête sur son sein,
Fit signe à la terrible et sourde exécitrice,
Que, sans avoir égard au droit du souverain,
Elle achevât sans peur le sanglant sacrifice.

L'implacable obéit, et ce coup sans pareil
Fit trembler la nature et pâlir le soleil,
Comme si de sa fin le mond eut été proche.

Tout gémit, tout frémit sur la terre et dans l'air :
Et le pêcheur fut seul qui prit un cœur de roche,
Quand les roches semblaient en avoir un de chair.

Mais adeante veremos como foi discutido esse concurso, cujo resultado soffreu impugnação da propria redacção d'*A Semana*, embora eu e o Valentim tivéssemos obedecido ao julgamento sem a menor restricção.

O numero 7-8 teve larga tiragem, proporcionando-nos recursos para proseguir na temeraria empresa. A secção *Corrcio*, a cargo, como já disse, de Henrique de Magalhães, despertava extraordinarias sympathias.

A despeito, pois, da crise politico-militar (que na epoca não era simples figura de rhetorica), eu não receiava pela folha e Valentim era da mesma opinião. Alludindo ao nosso ex-futuro protector, Valentim, numa dos suas habituaes *boutades*, exclamou :—«Talvez o convidemos ainda para nosso empregado ; daria um bom caixa.»

E cumpre assignalar sem mais demora o notavel concurso que nos prestou, em S. Paulo, o Dr. Manuel Ferreira Garcia Redondo. Foi verdadeiramente incansavel, quer angariando assignaturas, quer collaborando assiduamente.

Egualmente bem feitos os numeros 9, 10 e 11, de 30 de Setembro, 7 e 14 de Outubro.

No primeiro destes veiu a admiravel resposta do sabio Domingos Freire sobre a questão da combustão espontanea.

Luiz Delfino, o poeta magno, dava um dos seus bellissimos sonetos, Rodrigo Octavio criticava com sympathia os *Broqueis*, de Cruz e Souza.

No ultimo de taes numeros appareciam na secção —*Os que surgem*— dois novos cultores das letras : José Vicente Sobrinho e Raul Braga. A elles se referiu Valentim dizendo : «José Vicente Sobrinho revela-se nos «Palhaços» um batedor de caminhos novos, um sedento de fórmãs e idéas ineditas, originaes, bizarramente impressionistas. Fareja a maneira dominante de amanhã que hoje mal se vislumbra nas nebulosidades das tentativas desorientadas. Raul Braga é, a seu lado, um atrasado. Faz realismo, descreve minuciosamente trivialidades da vida, com attenção excessiva. Tem geito para o genero ; mas o genero vae

passando de moda. Decididamente o Ideal reclama e retoma o seu lugar nas letras. E é o Zola que dá o exemplo, constricto e ardente de nova Fé. Não ha remedio senão seguil-o. De ambos os novos collaboradores é licito esperar alguma cousa por estas amostras.»

Nesse numero 11, tive de responder a uma critica que, pelo *Album*, nos fizera Aluizio Azevedo sobre o resultado do plebiscito literario. O saudoso amigo por um voto perdera a collocação em 6.º lugar, vencido pelo *Atheneu* de Raul Pompéia. As observações que offereci em réplica tiveram a ventura de agradar ao eminente romancista, tão injustamente esquecido.

O numero 12 appareceu com uma chronica devida a quem está redigindo estes periodos, que só exprimm preito de saudade. Garcia Redondo escrevia sobre plagios, Victor Silva dedicava-me um esplendido soneto; Luiz Rosa, Raul Braga, Alcindo Coelho contribuiam para o bom effeito geral.

Excellentes tambem o numero 13, feito por Valentin, Alcides Flavio, Garcia Redondo, Xavier de Carvalho, Rodrigo Octavio, João Andréa, Neves Armond.

Alcides Flavio era o pseudonymo de Antonio Fernandes Figueira, hoje insigne clinico de crianças, preocupado com a sua especialidade, mas nem por

isso desdenhando as puras glórias que conquistou como artista do verso. Antonio Figueira é um dos nossos melhores poetas; ficou celebre o soneto que escreveu no amphitheatro da Faculdade de Medicina, quando alli depositaram, para estudos, o corpo de uma virgem.

Não resisto ao desejo de transcrever os seus versos, publicados em o numero 14. Foram, então, a nota predominante :

CONSELHO DE MEDICO

(Introdução a um livro)

— «E' quando o branco inverno aos poucos assoberba
Montes, valles e céus, que tristemente brancos
Ficam, emquanto a noite ostenta os negros flancos,
Que eu sinto renascer esta nevrose acerba.

Tal como a nostalgia original do Kant:
—Areia ao norte e sul, a éste e oeste—areia;
Haja treva, haja sól, o olhar desça ou levante,
Encontro de pesar a natureza cheia.

E esse desgosto frio isola num circuito
A alma, aperta-a, deprime e para o gozo scinde-a,
De geito que da vida eu elimino o intuito
E aspiro á negação do pensador da India.

Sei que existe o prazer. São palmas ao talento,
Para os uivos da carne um corpo nú que a cinge,
E que ha luz pela terra e pelo firmamento.
E no emtanto, o torpor o craneo me constringe.

De um irisado olhar uma illusão emigre
E paire sobre mim,—doirada mariposa,—
Que logo meu descrer, um rancoroso tigre,
Toma-a, esphacela-a, mata... (e apenas ella pouosa!)

E que tenho, senhor? Que devo mais dizer-vos?
Não amo, não odeio, e vivo sem ter vida...
Que molestia fatal se incrusta nos meus nervos?
Ou acaso da insania abriu-se-me a ferida?»

Eu disse; e o bom doutor, lançando em vôo os olhos
Ao meu rosto e depois á extensa bibliotheca,
Sorriu de um doce riso e da alma nos refólhos
Penetrou numa phrase: — «E' o coração quem pecca.

«Analysai com calma o que trazeis occulto
A vós mesmo, no falso egoismo de homem forte:
Saturastes de mais em amoroso culto
O cerebro, e o veneno ahí procreado é morte.

«Tomai o succo então ao toxico papaver,
E assim, bebendo mais, bebendo menos, o opio
Dar-vos-á de illusões ideal kaleidoscopio
Ou vos fará tombar examine cadaver.

«O amor vos envenena. E, então, por mais que lerdés,
Remedio não tereis; segui o que vos digo,
E a illusão findará: vereis os prados verdes,
O sol vermelho de ouro, o firmamento indigo.

«Para tanto Henri Heine é medico. Das dôres,
Tristes canções fazei, dos prantos fazei versos,
E virá outra vez a aurora dos amôres,
E tereis outra vez os pesares dispersos.

«Deixai rolar o mundo. Emanações hediondas
Hão de ficar lá em baixo, o vosso canto acima ;
Que a magua se dilue dos versos entre as ondas,
E a lagrima disseca ao transformar-se em rima.»

Ouvi, e, ao salutar conselho me amparando,
Estas paginas fiz... Sinto-me bem agora,
E dizem que ha desgosto e noite, quando em quando,
E eu só vejo o prazer e o rutilar da aurora !

Em o numero 15, iniciou Garcia Redondo a sua apreciadissima «*Botanica Amorosa*»,— que trouxe á *Semana* grande cópia de leitores. E na secção—*Tratos á bóla*—collaborava, com frequencia e muito agrado dos especialistas, um escriptor que se assignava *Lilazia*. Das charadas passou depois para o alto jornalismo, occupando com brilho o primeiro posto num dos nossos vespertinos.

Mas... era verdadeira temeridade cuidar de letras num periodo como aquelle, em que diariamente ribombava o canhão... A cada passo o toque de cornetas; em cada esquina os boateiros; surgiam os secretas, em cujo corpo se alistaram até mulheres e velhos figurões, que se esqueciam dos cabellos brancos, sequiosos de maldade e de lucros.

Póde-se dizer que naquelles tempos nefarios um dos raros pontos a salvo das agitações era o modesto

escriptorio da rua dos Ourives n. 71, onde alegremente trabalhava um grupo de intellectuaes.

O numero 16, publicado a 18 de Novembro, insistia nos assumptos politicos, a despeito das minhas constantes observações.

Valentim inclinava-se agora á facção revoltada. A «*Historia dos sete dias*», de sua lavra, e sempre lida com tanto interesse, referia-se á suspensão dos jornaes e dizia, entre outras cousas:—«Alguns collegas, que tiveram a pouca vergonha de não dobrar os joelhos ante o altar da Santa Rolha e não entoar loas em acção de graças por lhes haverem conservado magnanimamente a referida caixa, só lhes retirando o conteúdo, foram delicadamente suspensos com dois dedos e estão a esta hora a bambolear-se elegantemente, no alto, como esses bonecos que os meninos fazem no collegio e conseguem pregar no tecto por meio de um fio pendente de uma bola de papel-mascado, que se adapta e gruda ás tabuas. Olhem, daqui estou a ver as meias roxas das pernas do *Apostolo*. Lá se balança ao sabor do vento. Porque o elevaram tão alto, ignoro. Não li o artigo peccaminoso; mas muito o devia ser elle, para que tão cruelmente fosse punido o tonsurado collega. Imaginem *A Semana* suspensa... Uma senhora! Que indecencia! Evitemos

esse naufragio do pudor. Sacrifiquemos contrita e humildemente á Santa Rolha e digamos *amen* a tudo. *Amen.*»

Essas allusões á politica, ou, antes, aos processos politicos então em vóga, trariam necessariamente disabores á nossa folha; pessoalmente, ao autor desta singela narrativa, ellas já tinham prejudicado. Naquelles tempos de delações e explorações só se podia pensar de accôrdo com os thuriferarios do poder, thuriferarios, sim, porque o Marechal Floriano acarretou mais culpa exclusivamente devida aos seus inominaveis bajuladores.

E, falando no Marechal, não será descabido referir um caso então occorrido entre o dictador e quem escreve estas linhas. Residiamos ambos no Cosme Velho; o Marechal na casa denominada do *Engenheiro*, á ladeira do Ascurra, eu—na propria rua do Cosme Velho, n. 46. Certa noite tomei o derradeiro bond que passava pelo Largo do Machado ás 2 e 45 da madrugada, e reconheci que no ultimo banco, perto do conductor, se achava o Marechal Floriano. Viajava sósinho, vestido á paisana, e apoiando as mãos num guarda-chuva, cujo cabo apresentava não banal guarnição de prata. Tinhamos relações pessoais e, por isso cumprimentei-o. O Marechal cortez-

mente correspondeu. Na Bica da Rainha havia á espera delle quatro soldados de cavallaria, armados de clavinotes. A precaução não era desarrazoada; estávamos em plena revolta e o Marechal era alvo de tremendos odios. Chegado o bond áquelle logar, o Marechal montava a cavallo, seguido de perto pelas ordenanças.

Na noite immediata, ás mesmas horas, viajámos juntos e na seguinte igualmente...

Esses encontros tão repetidos podiam parecer propositaes e, por tanto, como justa salvaguarda em tempo de guerra, quando o bond, pelo Jardim das Laranjeiras, ficou vazio, deixei o meu logar, no banco da frente, e fui sentar-me perto de Floriano. Foi elle o primeiro a dirigir-me a palavra:—«Então, vem da sua *Semana*? Tem alguma agencia no Largo do Machado?» perguntou, sorrindo maliciosamente.—«Não, Marechal, respondi, venho da casa de um amigo...» —«Estou quasi acreditando... replicou-me no mesmo tom, e depois continuou:—«Tenha cuidado com esses amigos...» Passámos depois a conversar e o Marechal queixou-se de seus incommodos, que o privavam de dormir tranquillo; não se referiu, porém, nem indirectamente, á revolta. Nessa palestra chegamos á Bica da Rainha. Tentei despedir-me. O Marechal dis-

se-me:—«O Sr. vae a pé até a sua casa? Eu o acompanho; talvez me faça bem andar um pouco.»

E caminhámos... Ao longe ribombavam os canhões, feria-se sem intervallo a lucta entre irmãos e numa rua solitaria de arrabalde, alta hora da noite, o indomavel chefe do Estado, despreoccupadamente, indifferentemente, como si fôra o menos conhecido dos populares, andava ao lado de humilde jornalista. Quantos não ambicionariam tal companhia...

Quando, no dia seguinte, contei esse facto aos meus companheiros, Valentim olhou-me com enfado, cioso talvez de minha gloria; em breve, porém, reconheci que elle queria que eu tivesse pelo menos estrangulado o Marechal...

Ainda nesse numero 16, Silva Ramos, que já naquella epoca fazia jus a todas as considerações, devidas ao seu merito literario, escrevia-me a seguinte carta, remettendo-me a traducção do soneto de Molière:—«Meu caro Max Fleiuss. Respondo lisongeadó á amabilidade de sua carta. Como a Fortuna me hafejou no pleito aberto pelo *Album* sobre a traducção de um soneto de Souлары, persuadiu-se V. de que o meu amor proprio não deixaria de me fazer acreditar que eu seria o eterno vencedor de quantas pugnas desta natureza viessem a pelear-se na arena

literaria, e que, por esse motivo, me apressaria a concorrer á traducção do bellissimo soneto proposto pela *Semana*. Quando traduzi, por desenfado, o soneto posto a concurso pela *sympathica* folha do Arthur Azevedo, estava tão proximo de suppor que a minha traducção seria a preferida, como quando compro um bilhete de loteria me acaricia a esperança de que tirarei o premio grande. Si em alguma cousa me fiei, foi em que os bons poetas, repugnando-lhes constringer o estro indomavel nos limites angustos de uma traducção, abandonariam o terreno estreito á esgrima desordenada dos «dilettanti.» Dá-se o caso que, quando traduzi o soneto *Rêves ambitieux*, eu estava, como sempre estive, inteiramente convencido de que uma boa traducção de um bom soneto é cousa simplesmente impossivel. Não ha phrase que possa ajustar-se rigorosamente em duas fórmas eguaes. Si acerta numa parte pela propriedade da elocução, descondiz na outra pelo descompassado do *numerus*; si frisa de um lado no cadenciado do *rythmo*, desconcerta do outro na magnitude do pensamento. E, si assim é na prosa, que corre á vontade, o que não será no verso, obrigado a numero igual de *syllabas* e á *symmetrica* disposição de *accentos*, sem falar na distribuição regular dos graves e agudos, de partilha tão

desproporcionada de lingua para lingua... E acima de tudo no soneto, a mais difficil das fórmulas do verso... Além de que é muito contestavel a gloria que possa advir de uma traducção ainda soffrivel, visto como em muito pouco depende ella do talento. E' um trabalho de paciencia, relativamente facil para quem, áparte o gosto pelas bellas-lettras, é obrigado pela profissão de ensinar linguas a exercitar-se diariamente em justapor e contrapor os respectivos vocabularios. Já vê que, assim pensando das traducções, sómente por diversão de espirito posso entregar-me a taes lucubrações, não me havendo passado absolutamente pela idéa concorrer á traducção do soneto «*La Mort du Christ.*» E dahi, quem sabe? Estou eu aqui a dar-me ares de modesto e, afinal, bem póde ser que o não pensar eu em concorrer fosse receio, muito natural, de que, sendo vencido desta feita, viesse a perder, por este feitio, a doce illusão que me trazia embalado de que sou o primeiro traductor desta Capital, incluindo os arrabaldes... Pois, para me castigar de tamanha vaidade e para corresponder á gentileza d'*A Semana*, apesar de quanto lhe disse, ahi vae a traducção. Seu affectuoso—*Silva Ramos*, Rio, 9-11-93.»

É, sem duvida, ocioso exaltar quanto essa carta

encerra de verdadeiro, relativamente ao valor das traducções.

O numero 17, de 25 de Novembro, trazia a collaboração do scintillante homem de letras, que se chama Carlos Magalhães de Azeredo. *Crepusculo Final* era o titulo do seu bellissimo conto que illustrou as paginas d'*A Semana*. José Vicente Sobrinho publicava tambem um bom trabalho: *Recordações*. Izidoro Martins Junior, um soneto, *Jonglerie*; e, devido á obsequiosidade do Dr. Sá Vianna, que possui soberba collecção de autographos, podiamos dar uma poesia inédita de Gonçalves Crespo — *O Primeiro Beijo*, escripta em 1868. Além dessas joias, Luiz Delfino brindava os leitores com um dos seus magnificos sonetos.

A *Historia dos sete dias*, do numero 18, publicado a 2 de Dezembro de 1893, foi escripta por Silva Ramos, que, desde então, passou a formar inteiramente a nosso lado, numa solidariedade que nos honrava, prestando-nos o bello concurso de seu talento. A chronica de Julio Valmor, pseudonymo do nosso novo companheiro, agradára inteiramente; encantadora, de facto, pela vernaculidade e pela graça dos conceitos.

Por favor de Sá Vianna, publicámos uma poesia

inédita de Gonçalves Dias -- *A Violeta*, digna em tudo do famoso cantor dos *Tymbiras*.

Valentim escrevia a Garcia Redondo uma *Carta aberta*, genero que sempre lhe foi agradável para expender certas opiniões pessoases que, achava elle, não ficariam bem externadas por outra fórma.

Foi nesse numero 18 que appareceram uns versos de Faria Neves Sobrinho — *Lyrical*, precursores seguros do renome justissimo que em breve havia de coroar o poeta pernambucano.

Dava tambem tal numero o juizo da commissão composta dos Srs. Augusto de Lima, Olavo Bilac e Raymundo Corrêa, incumbida, por Valentim, de apreciar as traducções do soneto de Molière — *La Mort du Christ*.

As traducções foram em numero de dez; entre os concorrentes, Arthur Azevedo, Silva Ramos, Brito Mendes, Silvio de Almeida, Henrique de Magalhães, Domingos Castro Lopes.

Precedendo o laudo, Valentim escreveu as seguintes linhas:

«O Soneto de Molière. — Do soneto — *La Mort du Christ*, attribuido a Molière, e por nós publicado em o n. 7-8, recebemos dez traducções. Para julgal-as, decidindo qual a melhor e que devia receber o pre-

mio, escolheu o nosso director os illustres poetas Raymundo Corrêa, Olavo Bilac e Augusto de Lima, que, por feliz acaso, se encontram reunidos em Ouro Preto. Publicamos em seguida a especie de acta ou auto de julgamento humoristico firmado pelos nossos amigos, e no qual é considerada a traducção marcada com a letra — C — como sendo a « menos má » das dez. Respeitando absolutamente, como nos cumpre, a decisão do jury por nós eleito, é ao autor dessa traducção, o sr. Silvestre Mineiro, que daremos o modesto premio — uma obra illustrada de Molière; com tal fazer não queremos, todavia, significar approvação absoluta do modo por que foi julgado o concurso. Para que os leitores possam avaliar da maior ou menor justiça da decisão, publicamos hoje, com o soneto em francez, as dez traducções que delle nos foram remettidas, certos de que entre ellas hão de achar algumas a que se não pódem applicar as expressões fulminatorias do auto de julgamento, sem excessivo e descabido rigor. Ha, entre ellas, algumas pessimas, outras más, mas tambem ha duas ou tres... soffríveis, pelo menos. Os leitores, porém, que julguem. Só nos resta agradecer aos illustres poetas, que outr'ora nos honravam com a sua preciosa collaboração, — favor de que *A Semana*

acaba de mostrar não se haver esquecido,— a gentileza com que se dignaram de aceitar a nossa incumbencia e a solitudine com que della se desempenharam. »

Agora o laudo :

— « Ouro Preto, 24 de Novembro de 1893. — Concurso poetico d'A *Semana*. Traducção do soneto — *La Mort du Christ*, de Molière.

« Nós, abaixo assignados, membros do tribunal nomeado pel'A *Semana* para julgar das traducções que do bello soneto de Molière nos foram enviadas em numero de dez, e designadas por letras de A até J, vimos por esta apresentar ao illustre redactor daquella folha o nosso julgamento. Começamos por dizer que nenhuma das traducções póde ser justamente classificada pelo seu merito, pois nenhuma dellas é hõa, ou, melhor dizendo, todas ellas são más. Como, entretanto, o distincto amigo redactor d'A *Semana* nos pediu que classificassemos tres das traducções, pelo menos, si possivel fosse, cumprenos confessar-lhe que, apesar de toda a nossa hõa vontade, só nos foi possivel dar menção honrosa á traducção designada sob a lettra — C, unica e simplesmente, entre as demais. Tenham paciencia os outros traductores; si não damos aqui as razões por que

repellimos os trabalhos com que concorreram é só porque para isso teríamos de transcrever os seus versos, com o que offenderíamos, atormentariamos, horrorizariamos, etc., os ouvidos dos leitores da bôa *Semana*. Não sabemos si com os versos de C produziremos o mesmo effeito. Em todo caso, lá vão elles, com o respectivo gripho em duas expressões só de arrepiar defuntos :

.

 a lei do triste officio

 de Deus a regalia
 etc. etc. etc. — *Augusto de Lima, Olavo Bilac, Raymundo Corrêa.*»

O soneto premiado foi, pois, o seguinte :

Chegando-se a Jesus, quando este padecia,
 Em bem da humanidade, as ancias do supplicio,
 Attonita ficou a Morte, que temia
 Aplicar ao Senhor a lei do triste officio.

Mas Jesus, com a fronte a descair, fazia
 A' cruel segadora um gesto que era indicio
 De que, não tendo já de Deus a regalia,
 Almejava apressar aquelle sacrificio.

A Morte obedeceu então, e, de surpresa,
Logo o sol desmaiou, tremeu a natureza,
Qual si tudo do fim se fosse approximando.

Tudo na terra e céu gemia e vacillava :
Como que a pedra tinha um coração chorando ;
Só, coração de pedra, o homem não chorava !

E assim se realizou o primeiro concurso literario d'*A Semana*, no qual tomavam parte alguns homens de letras, e julgado por tres poetas de incontestavel valor.

Na *Historia dos sete dias* do numero 19, Silva Ramos, um dos concurrentes, assim se exprimia sobre o concurso :

«A' chronica não pôde deixar de ser em extremo sensivel a formidavel tarefa que apanharam os traductores do soneto—*La Mort du Christ*. E' que o chronista não ignora que o amor proprio mais irritavel, tirante o das mulheres, é sem contestação o dos poetas. Sempre me ha de lembrar o que me succedeu com Fernando Leal, um escriptor portuguez de subido merecimento e que, supposto menos conhecido como poeta, bastaria a conquistar-lhe tal nome a superioridade de alguns de seus trabalhos em verso. Em uma quinta-feira santa, em que juntos andavamos os dois percorrendo as egrejas de Lisboa, Leal, quiçá por ali-

geirar a via-sacra, fez-me ouvir a sua ultima poesia, uma óde ao sol, si bem me lembro, pedindo-me que lhe revelasse com toda a sinceridade a minha impressão. E' claro que tomei como simples cumprimento o interesse que me manifestava por um juizo que, por obscuro, em nada podia influir na reputação gradualmente crescente do já então estimado poeta. No entretanto, satisfiz sem tergiversar, applaudindo incondicionalmente o seu trabalho. Insiste Leal, rogando-me que me não deixe levar por considerações de delicadeza ou de amizade e que examine detidamente a poesia, afim de decidir si produzirá bom effeito. Escuto-lh'a de novo, com todo o prazer, e tenho a satisfação de confirmar o meu juizo. Passam-se tempos e uma bella noite, entrando na cervejaria do Leão, por aquelle tempo ponto da reunião de artistas e poetas, avisto abancados Fernando Leal e o malaventurado Cesario Verde. Como quer que naquelle mesmo dia tivesse apparecido publicada a poesia que eu escutara a Fernando, apressei-me a felicitá-lo mais uma vez pela sua bem trabalhada producção. Ainda agora não explico a mim mesmo o que levou o autor da óde ao sol, que áquella hora já havia recebido do publico a consagração da sua obra, a instar mais uma vez pelo meu parecer. «Com franqueza, obser-

vei-lhe, é uma bella poesia. Apenas algum grammatico em demasia escrupuloso poderá fazer reparo em que tratando o autor por *tú* o sol, logo adiante passa a tratá-lo por *você*, obrigando os versos a uma evolução da segunda para a terceira pessoa; mas isto, afinal de contas, até imprime aos versos um certo sabor de naturalismo, visto como são frequentes taes saltos na conversação familiar ».

« Palavras não eram ditas, eil-o que cresce para mim, numa invectiva por tal fórma insultuosa, acompanhada de gestos por tanta maneira decisivos de me atirar qualquer cousa, que, si Cesario não se mette de permeio, com certeza teríamos offerecido á galleria o espectáculo gratuito de um esmurramento olympico. Não satisfeito com este movimento de uma irritabilidade atrabiliaria, retirou-me a amizade. Com Cesario Verde, que tão nobremente conseguiu libertar-me da ira enfurecida do poeta allucinado, aconteceu um caso um tanto semelhante, que, comquanto menos violento, não deixa de patentear igualmente como é facil de azedar-se o fermento de que é feita a inspiração dos poetas.

« Uma manhã subiamos nós o Chiado, de braço dado, e Cesario ia-me repetindo uma bellissima poesia, de cujo nome não me recordo, em que compa-

rava a fructos as diversas partes do corpo humano, fazendo avultar, com aquella originalidade que só elle possuia, a estreita ligação que prende o homem á restante natureza. Ouvi-lhe os versos com o sorriso nos lábios, como quem encontra no sorriso a mais suave expressão das alegrias interiores, quando a alma sente expandir-se na contemplação maravilhada de qualquer quadro encantador. Ao terminar a poesia, o meu jubilo havia attingido a maxima intensidade, que se traduziu na mais irreprimida jovialidade que dar-se pôde. Qual não é, porém, o meu espanto ao ver Cesario retrahir-se-me, corar até as orelhas e observar-me encordado:—«E' preciso que V. saiba que nunca me passou pela idéa que os meus versos fariam rir quem quer que fosse. Si o tivesse adivinhado, teria poupado a mim mesmo essa desillusão e a V. o esforço supremo de escancarar as mandibulas». E nunca mais me disse versos. E esta? Aproveitaram-me as lições. Dahi em diante jamais deixei de oppor a mais inexpressiva das physionomias sempre que um poeta me concede a suprema ventura de desenvolver deante dos meus olhos ou dos meus ouvidos as maravilhas do seu éstro. Por isso avalio bem quanto aquella sentença, firmada por tres poetas de primeira grandeza, deve ter bulido profundamente com o amor

proprio de cada um dos concurrentes. No entretanto, ousou affirmar, não ha motivo para isso. Os distinctos poetas julgadores não podiam melindrar com o seu parecer nem os traductores nem as traducções. Não podiam melindrar os traductores, pela razão de que ignoravam absolutamente quem estes fossem; não podiam melindrar as traducções, porque, não tendo elles jamais recebido de nenhuma dellas a mais ligeira offensa, não se pôde razoavelmente acreditar que hajam tido o minimo interesse em lhes serem desagradaveis. Si as receberam com quatro pedras na mão, é que ellas se lhes não apresentaram com aquelle requintado esmero que convem a filhas que pretendem honrar o nome de seus pais. Foi, portanto, por consideração com esses mesmos progenitores que elles lhes negaram a caricia affectuosa com que poetas daquella elevação têm o poder de transmittir num beijo a immortalidade.»

Essas palavras de Silva Ramos foram a melhor e mais completa resposta que podiamos offerecer ás cartas irritadissimas que Valentim recebera sobre o caso. Houve mesmo um traductor que foi á redacção saber onde moravam os julgadores, para... desancal-os.

Felizmente as razões de Silva Ramos conseguiram

serenar os animos, tanto mais quanto elle fôra um dos traductores.

Ainda nesse numero 19 inseriamos um capitulo do livro inédito de Garcia Redondo, *Caricias*, e, na secção—*Os que surgem*,— davamos o *Viatico* de Themistocles Machado, joven poeta cearense de quem nunca mais tivemos noticia.

Pedro Rabello, depois membro da Academia Brasileira de Letras, contribuiu com um conto — *Mana Minduca*. Nos *Factos e Noticias*, Valentim, sempre contra o meu voto, transcreveu a entrevista da *Platêa*, de S. Paulo, com o Dr. Eduardo Prado, a proposito da apprehensão, feita pela policia paulista, de toda a edição da *Illusão Americana*.

As respostas de Eduardo Prado, como tudo, aliás, quanto elle escrevia, eram interessantissimas. O momento, porém, não comportava essas allusões politicas, desfavoraveis á situação.

Mas vejamos a entrevista, antes de narrar o que ella nos occasionou. — Dizia a *Platêa*: — «O Dr. Eduardo Prado recebeu muito graciosamente o nosso companheiro e não pareceu dar muita importancia nem ao livro, nem á sua prohibição. Eis, mais ou menos, o que elle nos disse:— Na minha infancia, havia na rua de S. Bento um sapateiro que tinha

uma taboleta onde tinha pintado um leão que, raioso, mettia o dente numa bota. Por baixo lia-se : rasgar póde — descoser não. Dê-me licença para plagiar o sapateiro e para dizer : — prohibir podem, responder não. Quanto ao honrado chefe de policia, penso que S. Ex.^a me lisongeou por extremo, julgando a minha prosa capaz de derrocar instituições tão fortes e consolidadas, como são as instituições republicanas no Brasil. Demais, S. Ex.^a póde dizer-se que, só por palpite, prohibiu o livro. Saiu o volume ás 4 horas e ás 5 foi prohibido, antes da autoridade ter tempo de o ler. Confesso que a publicação foi um acto de ingenuidade de minha parte. Não quero dizer que confiei — por isso digo antes que me estribei no art. 1.^o do Dec. 1.565, de 13 de Outubro, regulando o estado de sitio. O vice-presidente da Republica e o honrado Snr. seu ministro do Interior disseram nesse artigo — « Art. 1.^o : E' livre a manifestação do pensamento pela imprensa, sendo garantida a propaganda de qualquer doutrina politica ». — E com suas assignaturas completaram a sua palavra nessa garantia. Escrevo um livro sustentando a doutrina politica de que o Brasil deve ser livre e autonomo perante o estrangeiro e o aphorismo de Montesquieu de que as republicas devem ter como

fundamento a virtude. O governo é contrario a essas opiniões e está no seu direito. Manda, porém, prohibir o livro! Onde está a palavra do governo, dada solennemente num decreto, em que diz garantir a propaganda de qualquer doutrina politica? A sabedoria popular diz: — palavra de *rei* não volta atrás. — O povo terá de inventar outro proverbio para a palavra do vice-presidente da Republica.»

Quando vi, em prova de pagina, essa entrevista, adverti a Valentim do perigo que corriamos todos:— No minimo, ponderei, *A Semana* será suspensa.

Não me attendeu o saudoso companheiro, replicando-me que se tratava apenas de uma publicação literaria. Dias passados, surgiu em nosso escriptorio um atrevidissimo agente de policia, que me foi logo dizendo, de chapéo á cabeça, sem mais preambulos: — « O Sr. coronel chefe de policia não quer que esse jornal saia mais ! »

Valentim, numa saleta proxima, ficou estarrecido. Luiz Rosa, suave, a pensar sempre nos seus versos, sorriu, talvez por ter achado uma rima difficil. Eu, respondi com ares importantes ao policia:— « Vou falar ao Marechal ». Riu-se o homem da minha improvisada superioridade e retirou-se.

Valentim veiu a mim: — E agora?! — Agora, dis-

se-lhe eu, é cumprir a ordem. Estamos suspensos; aliás, eu o previra.

Valentim esteve algum tempo irresoluto e exclamou: — Aqui não se pôde mais viver! Isto não é mais paiz! — Pouco depois saiu.

Encarei friamente a questão e achei que ainda se poderia tentar alguma cousa, pois, afinal de contas, o nosso crime não era dos maiores.

Tratei de agir, antes que a intriga tecesse a sua rede de calumnias.

Escrevi uma cartinha ao Marechal Floriano e procurei, á tarde, o 1.º delegado auxiliar Dr. Cesario de Mello, meu vizinho, no Cosme Velho, e que me conhecera criança. O Dr. Cesario era um bom velho; muito timido, obedecendo cégamente ao que lhe determinavam, mas sempre inclinado ao bem, desde que sem prejuizo o pudesse praticar...

Para, naquella epoca, se falar com um delegado auxiliar na Repartição Central de Policia, era preciso ter verdadeira sorte. Esbirros malcreadissimos, fumando insupportaveis cigarros e escarrando com estrondo, guardavam insolentemente todas as portas. Era preciso possuir muita paciencia, excepcional paciencia.

Ao chegar ao segundo andar do edificio, onde,

nos fundos, tinha seu gabinete o Dr. Cesario, fui logo recebido por um tremendo — *Aqui não se passa!* — Era uma sentença definitiva, que me ia fazendo retroceder, mas bôa estrella me acompanhava. Bem em frente ao corredor abriu-se uma porta e vi o Dr. Cesario, como de costume todo vestido de preto. Não tive duvidas : gritei-lhe o nome. Reconheceu-me; entrei, não sem evitar uns olhares ferozes do porteiro.

Expuz o que alli me levava.

Ouviu-me bondoso e disse-me : — « Já ha muito que vocês deviam estar suspensos ». Era animador... Apresentei novos argumentos, elogiei-o ; gabei o tino policial do chefe e afinal consegui as seguintes consoladoras palavras : — « Olhe, eu não asseguro nada, mas vou falar ao coronel Valladão. Acho que você deve procural-o. Venha logo mais, depois das 8 da noite ».

Saí desconcertado. Suspensa *A Semana* difficilmente poderia voltar á vida da sua nova phase. Era a quéda! Todos os esforços perdidos! Andei a pé longamente, jantei num restaurante horrivel; esperei ancioso que chegasse a hora indicada pelo Dr. Cesario. Emfim, ás 8, penetrei de novo no casarão da rua do Lavradio, onde reinava silencio quasi

absoluto, indicando uma especie de abandono pela fadiga... No alto da escada, sentado num simples banco de madeira, solicitante como eu, encontrei o general Francisco Glycerio. Estava visivelmente contrariado; conversámos. Lembrou a sua situação no regimen e expôz-me a que o obrigavam as condições presentes. Sempre apreciei no general Glycerio o typo do homem que por seus proprios esforços rompe a obscuridade, procurando sustentar-se em nivel superior. Affligiu-me vel-o alli, á espera de uma audiencia subalterna...

Dahi a momentos um continuo surgiu e perguntou-me nestes termos: — «*O que quer você?*» — Respeitosamente, respondi-lhe que o 1.º delegado auxiliar me mandara comparecer áquella hora.

— Dê-me o cartão — replicou-me, muito do alto. E sumiu-se. Só meia hora depois reapareceu, e bruscamente, sem olhar para o general Glycerio, disse-me imperativamente: — *Entre!* — Fui attendido pelo coronel Valladão, que, na verdade, muito amavel, depois de algumas observações, relevou a suspensão d'*A Semana*, assegurando-lhe eu que evitaríamos as questões politicas.

Sai satisfeito; á porta estava ainda o Sr. Glyce-

rio... Procurei logo o Valentim, a quem dei conta da boa nova, nos termos em que a conseguira.

Foi um successo. — «É de assombrar, menino!» exclamou o meu companheiro — e desandou a asso-biar a toda a força a marcha da *Aida*...

O n. 20 teve, além de Silva Ramos, Urbano Duarte, Luiz Rosa, Gervasio Foriovani e o Dr. Castro Lopes, cuja collaboração trouxe grande realce á nossa folha.

Igualmente apreciavel o n. 21, com um interes-sante artigo de Fontoura Xavier sobre o — *Poeta lau-reado da Inglaterra*.

Nesse numero publicavamos as condições geraes para os primeiros concursos literarios, que tanta animação despertaram, servindo para affirmar o talento de alguns jovens, até então quasi desconhe-cidos.

Desses concursos, pôde-se com segurança dizer, partiu o renome que em breve conquistaram, pois os processos de julgamento adoptados pela *Semana* não permittiam o menor favoritismo. Nem Valentim, nem eu, sabiamos dos nomes dos concurrentes, e um, que por simples inadvertencia nos disse haver tomado parte, e isto quando os trabalhos estavam quasi concluidos pela commissão, foi convidado,

embora delicadamente, a desistir. E tratava-se apenas de Arthur Azevedo!

O n. 22 appareceu a 30 de Dezembro, na minha ausencia, pois havia partido para S. Paulo, em viagem de propaganda da folha.

Valentim escreveu um bom artigo contra o *Anno terrivel* de 1893, que expirava em plena guerra civil. A saudosa e intelligente poetisa D. Maria Clara da Cunha Santos dava-nos mimoso *Conto do Natal*; José Vicente Sobrinho, Placido Junior, Moraes e Silva, Luiz Rosa completavam a collaboração, á cuja frente se encontrava o querido Julio Valmor.

Ao terminar o anno de 93, *A Semana*, após cinco mezes de esforços, podia considerar mais ou menos estavel a sua carreira. A despeito do terrivel contra-tempo da *revolta da armada*, que começára quando a nossa folha tinha apenas um mez, o publico favorecera a tentativa. Tudo nos assegurava um anno mais ou menos folgado. Para maior segurança, partira eu em busca de novas assignaturas. Em S. Paulo aguardava-me generoso acolhimento do governo do Estado, da imprensa e, mais especialmente, do nosso distincto collaborador e dedicado amigo Garcia Redondo.

O numero 23, de 6 de Janeiro de 1894, publicou-se

ainda em minha ausencia. A viagem de propaganda foi fructuosissima, graças ás recommendações dos amigos.

Nesse numero, Araripe Junior iniciou a sua collaboração, que jamais nos faltaria. Era um companheiro digno, em tudo, do acendrado respeito e carinho com que o tratavamos. Mais adiante, quando terminar estas simples analyses dos numeros e descrever a nossa vida intima na redacção da *Semana*, farto ensejo se me deparará de dedicar ao inesquecível amigo algumas palavras, que ao menos terão o valor da sinceridade.

O romance brasileiro — tal o titulo da serie de brilhantes artigos por elle escriptos sobre *A Normalista*, de Adolpho Caminha.

Ainda nesse numero apparecia uma das *Cartas a minha irmã*, devidas a José Vicente Sobrinho e tão justamente apreciadas no duplo aspecto do estilo e das idéas. Wenceslau de Queiroz dava um bom soneto — *Azas de marmore* — e Julio Cesar da Silva, um grande poeta, um verdadeiro poeta, de quem hoje tão pouco se fala, publicava versos admiraveis.

No numero 24, Francisca Julia da Silva, outra estreante, irmã de Julio Cesar, offerecia um *lied* —

D. Alda — que transcrevo, precedendo-o da carta primorosissima que a proposito me enviou.

E' preciso dizer que quando, na redacção, recebiamos os trabalhos de D. Francisca Julia, suppunhamos todos tratar-se de um pseudonymo. Nunca tivemos a menor referencia ao seu nome e, assim, era, até certo ponto, justificavel a nossa reserva.

Eis a carta : — « Sr. Director da « Semana » — Ahi vae um *lied*. — Sei de mais que nestes tempos em que o espirito já se não compraz com o perfume campezino, com o ingenuo lyrismo da poesia antiga, tão singela e tocante na sua simplicidade, mormente no Brasil, onde a poesia allemã nunca exerceu uma influencia apreciavel, os *lieds* que tenho composto, á imitação dos de Gœthe, vão passar despercebidos. O *lied* é a poesia popular da Allemanha. Inspirado no amôr, ora expansivo e alegre, ora terno e intimo, tocado dessa melancolia morbida, desse vago e infavel languor a que os allemães deram o nome suave do Sehnsucht, o *lied* é o espelho onde se reflectem todas as tradições, todos os sonhos, toda a alma, emfim, essencialmente romantica, daquelle povo. Henri Blaze, o eximio traductor de Gœthe, tentou debalde aclimal-o na França. Fialho de Almeida já escreveu com muito criterio: « Como generalizar

uma tal poesia, quando o espirito não tem mais o perfume da adolescencia e a frescura das edades primaveris? O lyrismo profundo morre, pois, falto de condições sociaes que o impulsionem e fecundem». E aclimar o *lied* no Brasil, principalmente nesta epoca, é uma utopia. Mas, para que se não diga que eu nunca «tentei» alguma cousa, ahi vae um. Mais tarde lhe hei de mandar outros da minha collacção que tenho.—*Francisca Julia da Silva.*»

Agora os bellissimos versos desse *lied*:

D. ALDA

Hoje D. Alda madrugou. A's costas
Sôlta a opulenta cabelleira de ouro,
Nos labios um sorriso de alegria,
Vae passear ao jardim: as flôres, postas
Em longa fila, alegremente, em côro,
Saúdam-na: — «Bom dia»!

D. Alda segue... Segue-a uma andorinha;
Com seus raios de luz o sol a banha;

E D. Alda caminha...

Uma porção de folhas a acompanha...
Caminha... Como um fulgido brilhante,
O seu olhar fulgura.

Mas—que cruel!—ao dar um passo adeante,
Emquanto a barra do roupão sofralda,
Pisa um cravo gentil de lactea alvura!
E este, sob os seus pés, inda murmura:

— «Obrigado, D. Alda!»

D. Francisca Julia da Silva encontrou n'A *Semana* o campo apropriado para a expansão do seu brilhante talento.

Os formosos sonetos por ella publicados em a nossa revista foram, como disse o illustrado e competente João Ribeiro, ao paronymphar os *Marmores*,— « consagrados definitivamente pelo applauso de Araripe Junior, Lucio de Mendonça, Valentim Magalhães, Xavier da Silveira, Silva Ramos, Fontoura Xavier, Max Fleiuss, Escragnolle Doria, Luiz Rosa, Americo Moreira e o prefaciador.»

Foi effectivamente n'A *Semana* que a illustre poetisa paulista alcançou, muito merecidamente é certo, o grande renome que para logo a cercou.

Ella mesma assim se exprimiu numa carta que me endereçou de S. Paulo a 9 de Abril de 94 e que, como documentação, transcrevo:— « Sr. Max Fleiuss. Devo á *Semana* (e creio que especialmente a V.) algum nome que tenho. Até ha pouco tempo eu não tinha provado, a não ser muito de leve, o sabor delicado de um elogio. Ás vezes, muito raramente, um chronista cá da terra se lembrava de arriscar, com timidez, algumas palavras de encomios. Quasi sempre não passavam de « poetisa esperançosa, si bem que pouca inspirada, mas sem preten-

ções artisticas»... E eu devorava essas palavras, com avidez, saboreando-as longamente. Quando publiquei a minha primeira poesia, um ballada á antiga, um dos nossos poetas, Severiano de Rezende, que, falemos a verdade, nunca fez bons versos, dedicou-me algumas linhas pela imprensa, em que me aconselhava a que não escrevesse mais versos, e terminava assim, si me não falha a memoria: «Minha senhora, ha occupações mais uteis: dedique-se aos trabalhos de agulha». E' inutil dizer que não acci-tei o gentilissimo conselho... Depois tive occasião de ler um artigo do Sr. Dr. Valentim Magalhães em que se citavam, com profusão, nomes femininos. O meu passou em branco. Fiquei triste. Foi essa a razão por que, acostumada a não me julgar nada, mesmo entre os versejadores da ultima plana, sempre me conservei arredia de todos os certames.

«E, entretanto, nestes ultimos tempos, o meu nome já é citado nas rodas literarias com certo respeito e deferencia. A quem o devo? Quero crer que á *Semana* e particularmente a V. Quanto aos *lieds* que devo á *Semana*, mais tarde mandarei. Temo, porém, que se torne desagradavel a assiduidade da minha collaboração.

«Brevemente lhe mandarei duas poesias, ao gosto

nephelibata, assassinadas ha tempo pela má revisão do *Correio*. Correctas como estão, retocadas com algum rigor de fôrma, quero vel-as publicadas n' *A Semana*. Ser-me-á permittido?—*Francisca Julia da Silva.*»

Para provar, o que hoje já não é mais preciso, o valor de D. Francisca Julia, basta transcrever o seu magnifico soneto *Os Argonautas*, publicado em primeira mão n' *A Semana* e que constitue a mais pura joia dos *Marmores*:

— Mar fóra, eil-os que vão, cheios de ardor insano.
Os astros e o luar,—amigas sentinellas,
Lançam bençams de cima ás largas caravelas
Que rasgam fortemente a vastidão do oceano.

Eil-os que vão buscar noutras paragens bellas
Infindos cabedaes de algum thesouro arcano...
E o vento austral que passa em coleras, ufano,
Faz palpitar o bojo ás retesadas velas.

Novos céos querem ver, mirlificas bellezas;
Querem tambem possuir thesouros e riquezas,
Como essas náos que têm galhardetes e mastros...

Ateiam-lhes a febre essas minas suppostas...
E, olhos fitos no vacuo, imploram, de mãos postas,
A aurea bençam dos céos e a protecção dos astros...

Ainda nesse numero 24, o meigo Luiz Rosa publicava um dos seus encantadores poemetos em prosa — *No Inverno*, — que retratavam toda a melancolia

da sua alma presciente de um fim proximo. Tinhamos ainda Moraes Silva e José Vicente Sobrinho.

No numero 25, de 20 de Janeiro, reassumia Valentim o seu posto de chronista, apreciado a todos os respeitos, mimoseando-me com uma referencia amavel e alludindo com verdadeiro chiste ao seu periodo de descanso.

Araripe Junior estudava agora, no *romance brasileiro*, o *Missionario* do Sr. Dr. H. M. Inglez de Sousa; Leopoldo Brigido, que parece ter abandonado as letras, publicou vilrante quadro intitulado — *Lucta*. Luiz Delfino, o maior sonetista destes ultimos tempos, rapidamente esquecido, e Magalhães de Azeredo contribuiam com esplendidos versos.

Que o éstro sumptuoso de Luiz Delfino illumine por momentos estas chronicas de saudades!

STRUGGLE FOR LIFFE

Fui-me viver nas sombras da floresta,
Viver ahi só, ahi só buscar repouso,
E a serena alegria, e o intimo goso
Do céu cheio de luz, da terra em festa.

Pois olhem, nada disto achei, e ousou
Crer que ninguem a paz haurira nesta
Mentida calma: um véo delicioso
Cobre o odio, e a traição, que o campo infesta.

Fura o bysso da tunica impolluta
Do lyrio a larva immunda, o insecto,— e ouço
O rumor surdo de aspera disputa

Do berço á flôr, do pranto em grito ao fosso:
E dão o amor da vida e o horror da lucta,
Armas ao verme, espantos ao colosso...

Aleides Flavio (Fernandes Figueira) concorria nesse numero com uns versos, tambem primorosos, aos quaes accrescentou a seguinte observação:— «A fórma desta composição, que ainda não foi, ao que me consta, usada em portuguez, não é arbitrária. Vide: «D. Quijote de la Mancha», part. I, cap. XIV, «Cancion de Grisostomo».

ETERNO ASSUMPTO

Si eu espalhasse pelo mundo a fria
E insuperavel dôr que me devóra,
E o meu orgulho por tal fim calcasse,

Talvez da multidão frivola um dia,
Um segundo, um minuto, acaso uma hora,
Tivesse chascos a gilvar-me a face.

Fôra-me então bem triste o desenlace
Desta paixão... tristissima. Annos tantos
Tudo encobrir, mostrar-se venturoso,
E após tanto martyrio silencioso
Manchar de risos os sagrados prantos.

Menos cruel, emtanto, o torpe insulto
Do que o cancro esconder, soffrel-o occulto...
Mas soffrerei, que o amor o determina :
Nem um momento assim terá censuras
A immaculada mão que me assassina.

Silva Tavares e Garcia Redondo, o nosso incansavel amigo, tambem competiam nesse, sem duvida alguma, esplendido numero.

Em fins de Janeiro de 1894, transferiamos o nosso escriptorio da rua dos Ourives para a de Gonçalves Dias n. 67, 1.º andar, por cima da charutaria do Alcantara, mais tarde cognominado por Lucio de Mendonça —«Alcantarão»—e depois—«Alcatrão».

Muito accessivel o nosso ponto, a dois passos da rua do Ouvidor, o contacto tornou-se mais directo e, dentro em breve, a redacção d'*A Semana* constituia-se o centro predilecto de uma companhia illustre, que se denominou—o *bonde*.

Adeante occupar-me-ei desse capitulo; merece o *bonde* uma referencia menos summaria. As viagens que nelle faziamos, pelos caminhos das letras e arrabaldes da vida alheia, foram sempre interessantes, embora, raro, um ou outro passageiro tivesse momentos de rebeldia, rapidamente suffocada pelo calmante de uma boa chicara de café...

Foi em o novo escriptorio que appareceu o n. 26,

muito bem feito por Valentim, Silva Ramos, Araripe Junior, Gastão Bousquet, Luiz Rosa, José Vicente Sobrinho e M. B. Cepellos. *Enrico* (Henrique de Magalhães) mantinha o seu temivel *Correio* e os *Tratos á bola*.

A 3 de Fevereiro publicava-se o n. 27, no qual prestámos justa homenagem ao conselheiro Dantas, que dias antes fallecera.

Valentim, tratando, na *Historia dos sete dias*, do triste acontecimento, dizia:—«A obra da Justiça começou, entretanto, apenas. E é indispensavel concluil-a: o Brasil deve uma estatua a Manuel Pinto de Sousa Dantas. Quando lhe pagará essa divida de bronze? » Excellente idéa, que merecia já ter fructificado.

Francisca Julia concorria com um de seus magistraes sonetos; Araripe Junior proseguia na analyse do *Missionario* do Sr. Dr. H. M. Inglez de Sousa; Maria Clara da Cunha Santos dava alguns bonitos versos. Garcia Redondo, com a sua *Botanica amorosa*, Wenceslau de Queiroz e Lafayette de Toledo contribuiam galhardamente.

Na secção—*Os que surgem*, — Valentim apresentava da seguinte fórma os estreantes:—«Hoje, na secção—*Os que surgem*, — temos a honra de apresentar

ao publico literario um novo prosador e um novo poeta—Valdomiro Silveira e José de Freitas Guimarães. O primeiro tem vinte annos, é paulista, e estuda o ultimo anno do curso juridico em S. Paulo; o segundo, muito moço tambem, cursa a terceira série juridica da mesma faculdade, e, como é pobre, trabalhou no commercio de Santos. Um e outro parecem-nos cheios de talento e ricos de promessas.»

De Valdomiro publicavamos — *Vinó*, — bellissimo conto; de Freitas—uma poesia denominada—«*Si eu fosse ave!*», que lhe patenteava o estro. As palavras de Valentim foram propheticas: Valdomiro Silveira é hoje um artista da palavra, Freitas Guimarães outros laureis conquistou como poeta.

A este sou especialmente agradecido pelo mimo com que me distinguiu: um exemplar do «*I quattro poeti italiani*»—*In Firenze, G. C. Sansoni, editore, 1886*», em cuja folha de rosto teve a bondade de escrever captivante dedicatoria. Dentro do volume, em simples borrão, havia uns versos de Freitas, algumas estrophes magnificas, que eu reproduziria com prazer, si ainda as possuísse.

O n. 28 publicava-se com a pontualidade de sempre, no sabbado, 10 de Fevereiro, com a collaboração apreciavel de Magalhães de Azeredo, Redondo, Ger-

vasio Fioravanti, Bento Ernesto Junior, Damasceno Vieira, Leopoldo Brigido. Surgiam nesse numero Agostinho Vianna e Demosthenes de Olinda.

A 17 desse mez apparecia o n. 29, abrindo com a *Historia dos sete dias*, escripta por N. N., pseudonymo de João Ribeiro, novo companheiro que se alistára trazendo-nos o enorme fulgor de seu talento e de sua illustração. Essa chronica foi acolhida como um novo triumpho para a nossa folha.

Alberto de Oliveira dava um soneto digno do seu renome. Araripe continuava no *Missionario* do Sr. Dr. H. M. Inglez de Sousa. Luiz Rosa publicava bellos versos, Themistocles Machado—um conto de sua terra. Ainda João Ribeiro, acudindo ao appello de Francisca Julia, offerencia a seguinte traducção de um *lied* de Geibel:

— «Eis-te afinal nos meus braços, querida!
E a palavra em silencio desfallece,
Pois minha bocca á tua bocca unida
Queima em sêde e os vocabulos esquece...

Nada mais pôde dar-nos a ventura,
Todas as beatitudes eu desdenho,
Pois eu possúo essa alma amada e pura...
E, tendo-te, afinal eu tudo tenho.

Venha o destino semeando abrólhos,
Entenebreça a terra e a gloria della...
Hão-de bastar-me apenas os teus olhos,
Abrindo (novos céos!) a doce umbella!»

Tambem o venerando conselheiro Joaquim Monteiro Caminhoá, a meu pedido, escrevia uma apreciação sobre a *Botanica de Hooker*, traduzida pelo Sr. Villa-Lobos. Faria Neves Sobrinho dava-nos—*O Coração*, excellentes versos, affirmando o valor do, então, novel poeta.

Nesse numero iniciámos a traducção de um trabalho de *Augusto Strindberg*, o grande literato sueco, com o expressivo titulo de *Torturas de consciencia*, paginas vibrantes, recordando scenas do anno de 1870 na guerra entre a Prussia e a França.

O n. 20 trazia nova chronica de João Ribeiro e, além disso, a contribuição opima de Araripe Junior, Julio Cesar da Silva, Urbano Duarte (o nosso muito querido Urbano), Themistocles Machado, Fernandes Figueira (*Balthazar Cherbouneau*), Gervasio Fioravanti, Copellos, Valdomiro Silveira com o admiravel conto—*Allucinação*—e Freitas Guimarães.

O soneto de Julio Cesar da Silva despertou em nosso circulo unanimes applausos. De facto, merecia-os. Que o julguem os actuaes leitores:

MORTO

Quando estiver bem só no meu pobre reducto
De morto, sob a paz do Nada e dos Arcanos,
Surdo á mofa boçal que, á laia de tributo,
Me renderem o riso e a bocca dos profanos,

Com que prazer verei, do meu caixão de luto,
Os costumes de agora, esses nadas humanos,
Que apenas têm no Tempo o espaço de um minuto,
Coarem-se na clepsydra infindavel dos annos!

E si alguém se lembrar de, interrompendo a fome
Das traças e do pó, reler, com voz sentida,
O meu livro modesto e as letras do meu nome,

A minha branca ossada, em seu fosso profundo,
Palpitará talvez com essa pouca de vida
Que deixei, por acaso, espalhada no mundo!

Na *Gazetilha literaria* transcreviamos as referencias feitas á *Semana* pelo grande poeta Olavo Bilac, das columnas da *Gazeta de Noticias*.

Assim se exprimia o maior dos nossos poetas vivos: — «Quem vive, longe dos partidos que se degladiam, apartado da agitação em que se debatem hoje as opiniões politicas, observa um facto raro, um phenomeno singular, digno de occupar o estudo e a reflexão de um Sylvio Roméro ou de um Araripe Junior. Refiro-me á florescencia inesperada e rica que se manifesta nas letras brasileiras, justamente agora no cyclo de sangue da revolta, quando era mais natural que todas as attenções dos moços estivessem voltadas exclusivamente para a politica—sereia maldita cuja voz sabe, em nossa terra, com tanta seducção, tentar e matar as vocações literarias. Ha poucos

mezes ainda, os jornaes em plena liberdade, em pleno uso de garantias, dedicavam todas as suas columnas a artigos de combate e a noticiario sem côr, de que a literatura parecia ser propositalmente afastada. Um ou outro conto apparecia de quando em quando, assignado por nome já conhecido. Dos poetas, si nenhum dos velhos apparecia mais em publico mostrando não haver ainda desaprendido o rythmo divino, tambem nenhum novo de talento se impunha conseguindo reunir em torno de si essas referencias vagas, essas reclamações raras, essas censuras acrimoniosas e frequentes, que desperta logo o apparecimento de um escriptor de merito.

«Mas de repente, um sangue vivo se injectou nas letras.

«A *Semana*, a bella revista a que Valentim Magalhães e Max Fleiuss consagram todos os seus esforços, ahi está, cheia de revelações. E' raro o numero do excellente hebdomadario em que não appareça um nome novo de escriptor, firmando versos e prosa, que, si ainda não esplendem na plena luz de obras acabadas, já trazem dentro de si uma palpação grande de promessas. Isso dá a cada numero da formosa *Semana* um aspecto de campo que, passado o rigor do inverno, amanhece ao bafo calido da pri-

mavera com as galhadas das arvores não ainda arreia-
das de folhas e flôres, mas já cobertas de gommos
verdes em que canta e fulgura a esperança da flora-
ção vindoura.

«Um dos seus redactores, creio que o proprio
Valentim, queixava-se ha pouco de que a folha não
tivesse na segunda phase a collaboração daquelles
que, na primeira, lhe deram as primicias do seu tra-
balho. Que importa? Si ha desilludidos, si ha can-
sados, si ha mortos, — não está ahi um novo exer-
cito, de armas luzindo ao sol da mocidade e da fé,
apanhando no chão com coragem os destroços de
que o juncaram os fugitivos e os desesperados? Por-
que, emfim, o que mais me enthusiasma nessa gera-
ção que surge, não é o seu talento, mas o seu tra-
balho, a abnegação com que ella se atira a esta
profissão rude em que, si a cabeça ganha louros, as
calças ganham remendos e os paletots, por falta de
reforma, perdem a côr».

Ainda nesse numero annunciavamos o proximo
apparecimento do *Retrospecto literario de 93*, de que
se incumbira Araripe Junior.

O numero 31, apparecido a 3 de Março, desper-
tou attenção notavel. E' que estampava o resultado
do primeiro concurso de poesia; em breve se devia

seguir o do concurso de prosa. Escolheramos para juizes desses certamens — quanto á poesia: Arthur Azevedo, Fontoura Xavier e Silva Ramos; quanto á prosa: Araripe Junior, Lucio de Mendonça e Aluizio Azevedo.

Publicavamos o premio unico de poesia, conquistado pelo Sr. Victor Silva:

FOGO-FATUO

*A' primeira poetisa brasileira,
D. Francisca Julia da Silva*

No funesto pavor das noites taciturnas
Que chamma accende, ó morte, o teu gelido ossario,
Quando envolto no pó, pelas covas soturnas,
Corre um fogo subtil de pallor funorario...

Corre leve na sombra... e na sombra tão vario,
Ora valsa veloz sobre o bojo das urnas,
Ora exangue na nevoa, a tremer solitario,
Foge ondeando no véo das bafagens nocturnas.

Assim, numa outra plaga, a mesma noite calma;
Plange um velho chorão, de um sarcophago junto...
E na treva, onde pesa o silencio tristonho,

De repente agitando o cemiterio da alma,
Passa a sombra fugaz do phantasma de um sonho
— Agoureiro clarão de um coração defunto.

Na *Gazetilha literaria*, tratando dos concursos escrevi a noticia que se segue:

«Concursos literarios

Foram premiados nos concursos literarios ultimamente encerrados por esta folha os seguintes concorrentes:

CONCURSO DE POESIA

Premio unico: alcançado por Victor Silva com o soneto FOGO FATUO, que trazia a divisa de Ed. Põe «Teu coração é o teu tumulto.»

Os outros trabalhos que recebemos traziam as seguintes legendas: *Querer é poder, Hermengarda, Poetry has a natural alliance with our best affections, Ainda e sempre, Sem legenda, Sem pretensão, Ora vejam a audacia, Aut Cesar aut nihil, Trabalha e espera, Audaces fortuna juvat, Luz luz mais luz, Talvez..., Odio ao vulgo profano, Alea jacta est, E porque não?, Todos cantam sua terra, Quem espera sempre alcança e Lauro de Simas*, ao todo 19.

CONCURSO DE PROSA

Primeiro premio: Garcia Redondo, autor do conto O CASO DO ABBADE, com a divisa: «Je ne reclame

que le mien»: segundo premio: Escragnolle Doria, autor do conto DOR, com a legenda « Alea jacta est »; terceiro premio: Carlos Dias, autor do estudo descriptivo SCENA ROMANA, com a legenda « Qualquer pensamento é bom ou máo, etc. »

Concorreram mais 14 literatos com as seguintes legendas: *Sua alma sua palma, Querer é poder, Póde ser que sim, Alcança quem não cansa, Trabalha e espera, Honni soit qui mal y pense, Spera, Teus olhos me guiam, O anel do infortunio e Ab.*

Fôra nos ultimos dias de Fevereiro que Lucio de Mendonça remettera o resultado definitivo do concurso de prosa, acompanhando-o deste cartão:— « Ao caro e distincto confrade Max Fleiuss — Lucio de Mendonça — cumprimenta e remette os contos do concurso, com o seu juizo ».

Constituiu isso para Lucio enorme sacrificio, pois que a 26 de Fevereiro passara elle pelo transe angustioso de perder a dilecta esposa — D. Marieta Mendonça.

Valentim fôra tambem attingido pela crueldade da sorte, vendo arrebatada pela morte, a 24 daquelle mez, a unica filha — Valentina, gentil creança de cinco annos.

A 25 escrevia-me o saudoso companheiro:—

«Fleiuss. Devemos partir para Juiz de Fôra na quarta-feira, 28. Mas não tenciono ir ao escriptorio antes disso. Preciso estar constantemente ao lado de minha mulher, que está quasi louca de dôr. Além de que não tenho desejo de ver ninguem. Por isso, manda-me amanhã aqui, até 4 horas da tarde, as cartas que ahi houver para mim. Manda-me tambem alguns exemplares do ultimo numero d'*A Semana* e tambem do penultimo. Vi que todos os jornaes publicaram a triste noticia da morte do meu anjinho. A mais amistosa e sentida é a do *Paiz*. A todos agradecerei depois. Si puderes vir até cá, vem, para conversarmos e distrahir-me. Preciso muito disso. Teu *Valentim.*»

O triste acontecimento forçou-me a assumir a direcção da folha; do querido companheiro não se podia exigir esforço intellectual em crise tão acerba.

Mas voltemos ao n. 31, em que Araripe Junior começara o magnifico *Retrospecto literario de 1893*.

Nas magistraes linhas de prefacio, escrevia Araripe, entre outras cousas :

— « Por infelicidade nossa, porém, as revistas não puderam aclimar-se no Brasil; e ainda ha bem pouco tempo vimos uma publicação destas, a mallograda *Revista Brasileira* fenecer no fim de dois annos, apesar

de ter exhibido durante esse tempo a maior vitalidade sob o ponto de vista da collaboração. Difficilmente vehiculados pelo lado financeiro, os directores da empresa não tardaram a desanimar, e, no momento em que ella começava a accentuar os seus principaes effeitos, sentiram a necessidade de cortar a vida de relação já então estabelecida por seu intermedio entre os cultores das letras do Rio de Janeiro e os das provincias mais remotas.

« Foi a *Revista Brasileira* (entre outras citarei este exemplo) que trouxe ao conhecimento dos espiritos cultos desta capital que em 1880 havia no Pará um movimento literario bem notavel, iniciado por um escriptor, hoje muito reputado na imprensa fluminense, porque aqui reside e já fez parte brilhantemente do jornalismo, mas que entretanto naquelle tempo alli vivia obscuro, ignorado, embora tivesse dado á estampa, nos jornaes da terra, os seus ESTUDOS AMAZONICOS e outros trabalhos de critica, que poderiam ser collocados a par dos trabalhos dos mais audaciosos pensadores brasileiros. Ora é bem possivel que, si a *Revista* não puzesse José Verissimo em contacto com o grande publico, estivesse elle ainda a vegetar lá pelo Pará, e que por fim, perdidos os estimulos, acabasse por onde acabam todos os talentos

provincianos, arruinando o espirito nas sor didas polemicas de campanario. »

Essa referencia, aliás justissima, ao Sr. José Verissimo, não conseguiu, entretanto, que o illustrado critico, ao tratar da imprensa brasileira no *Livro do Quarto Centenario* (1900), citasse, nem mesmo sem outro commentario, *A Semana*, que, é indiscutivel, em ambas as phases, tanto contribuiu para o desenvolvimento das nossas letras. Simples inadvertencia, talvez, mas, por isso mesmo, profundamente lamentavel.

Ainda nesse numero publicavamos, além do retrato do Dr. Prudente de Moraes, eleito Presidente da Republica, trabalhos de Demosthenes de Olinda, Garcia Redondo, Themistocles Machado, Leopoldo Brigido, Ramos Arantes, J. de Moraes e Silva e uma esplendida traducção da poesia « *O Amen das pedras* », de Ludw. Kosegarten, devida a João Ribeiro.

Entre esse e o numero subsequente recebia a redacção a seguinte carta, endereçada a Luiz Rosa, nosso secretario : — « Petropolis, 4 de Março de 1894, rua D. Izabel 2. Amigo e Senhor. Penhorou-me sobremaneira a carta de V. S., de 1.º do andante, portadora de gratas novas para mim. Dou-me pressa em lh'a agradecer cordialmente. Como pessoa de minha

inteira confiança, indico o Sr. Dr. Azevedo Junior, que tem consultorio medico á rua dos Ourives 35. Rogo-lhe a fineza de acceital-o como meu bastante procurador. Renovando agradecimentos, subscrevo-me de V. S. confrade e admirador — *Escragolle Doria.* »

Apparecia-nos este nome como revelação muito sympathica. Não o conheciamos, nunca ouvimos pronuncial-o e da vez primeira que isso occurria era como o de um victorioso. Mais tarde justificaria elle o carinho com que o acolhêmos. Dentro de poucos mezes, de simples collaborador passou a secretario d'*A Semana*, buscando auxiliar-nos com a efficacia de sua culta intelligencia e boa vontade.

A 10 de Março publicava-se o n. 32, com uma chronica de João Ribeiro (NN), inserindo tambem o primeiro premio de prosa — « *O Caso do Abbade* », de Garcia Redondo; o *Retrospecto literario*, de Araripe Junior; um conto — « *A imagem della* » — de Valdomiro Silveira, versos de Francisca Julia, Victor Silva, Jayme Sertorio (Fernandes Figueira), Faria Neves, João Andréa; a secção — *Os que surgem* — apresentava Armínio de Mello Franco, o illustre diplomata de hoje.

A 17 de Março publicava-se o n. 33, que reclamôu especial cuidado, pois a 13 terminára a revolta da

esquadra na Bahia do Rio de Janeiro, recolhendo-se os revoltosos aos navios de guerra portuguezes — *Mindello* e *Affonso de Albuquerque*, sob a cavalheirosa protecção do bravo Augusto de Castilho, credor, desde essa data, de uma pagina de honra em a nossa historia patria. A opinião publica achava-se dividida e, no momento, fortemente abalada. *A Semana* não era um jornal politico: cumpria-lhe evitar o assumpto. Foi o que fiz, com applauso de todos os collegas. Valentim, ao contrario, queria que se entoassem hymnos aos vencedores e fez, por isso, questão absoluta de que no numero subsequente apparecesse violento artigo que enviou de Juiz de Fóra. Não agradou.

Nesse numero iniciava-se a publicação do conto — *Dor*, de Escragnolle Doria, segundo premio de prosa. Araripe Junior, com o *Retrospecto*, Valentim, Freitas Guimarães, Paulo de Lacerda (que tivera a gentileza de me dedicar um bello soneto), Isaias de Oliveira e outros completavam a excellente collaboração.

O n. 34 appareceu a 24 de Março, com uma admiravel chronica de João Ribeiro, eivada de politica, mas espirituosa a valer, o que lhe attenuava os effeitos. Fontoura Xavier dava as — «*Estrophes a Baby Mee*». Escragnolle Doria continuava o seu premiado

trabalho. Araripe Junior no *Retrospecto*, Luiz Rosa, Julio Cesar da Silva, Abel Gama, Freitas Guimarães, competiam com o habitual talento. Nos versos surgiam, com brilhantismo, Armando de Mendonça e Maria de Azevedo.

Maria de Azevedo, era uma fantasia de João Ribeiro. Annunciavamos tambem a resolução de publicar a traducção integral do *Intermezzo* de Heine, aproveitadas as versões, já feitas, de Raymundo Correia e Gonçalves Crespo.

O n. 35 trouxe maior fulgor á *Semana*. E' que Lucio de Mendonça vinha definitivamente collaborar connosco e estreava com uma chronica, em que se reflectia toda a pujança de seu espirito, nimamente combativo. *Z. Marcus* era o pseudonymo que adoptára.

Concluimos em tal numero a *Dor*, de Escra-
gnolle Doria, que geraes applausos trouxera ao autor. Além desses, Francisca Julia, Garcia Redondo com as chistosas *Tamaras de Salomão*, Araripe Junior.

Publicavamos ainda a primeira carta de *Joaquim Alves*.

Extremamente curiosas essas cartas, em que Valentim (*Joaquim Alves*) e Lucio de Mendonça (*Pedro Alves*) tratavam, com verdadeiro humorismo e

causticidade, de varios assumptos que na epoca provocaram acirrados debates.

A primeira carta de *Joaquim Alves* analysava o concurso d'*A Semana* e o da *Gazeta de Noticias*.

Nesse mesmo numero começou a traducção brasileira do *Intermezzo* de Heine, publicando as versões de Lucio de Mendonça, Luiz Rosa, João Ribeiro, Fontoura Xavier, Valentim Magalhães, Pedro Rabello, Raul Pompéia, Rodrigo Octavio, Silva Ramos, aproveitando as já conhecidas de Gonçalves Crespo.

. A traducção brasileira do *Intermezzo* constitue um dos mais legitimos triumphos obtidos pela *Semana*. Mais tarde reunida em volume, de que foram tiradas duas edições, prefaciou-a Escragnolle Doria. Destacaremos apenas os primeiros periodos desse apreciado proemio, no qual o prefaciador explica a origem do commettimento:

— «As traducções são titulos á immortalidade. Concede a lingua vernacula um delles a Henrique Heine, graças á iniciativa de João Ribeiro e Max Fleiuss, que, ao mesmo tempo, pensaram em nacionalizar o *Intermezzo*, idéia corporificada no presente volume, para o qual foram aproveitadas selectas versões, na maior parte inéditas, dos melhores poetas brasileiros, antigas e modernas, inclusive Gon-

galves Crespo, nosso pelo nascimento. Depois de estampadas nas columnas d'A *Semana*, as versões dos numeros do *Intermezzo* aspiraram a construcção mais solida que a do jornalismo ephemero, e formam hoje este livro, onde os sons da lyra de Heine sóam eolizados por outras lyras afinadas pela delle ».

Em carta que a 29 de Março escrevera de Juiz de Fóra, dizia-me Valentim: — « Inclúo a poesia *Valentina*, fragmento de um poema de dôr, que hei de escrever aos poucos, porque cada verso me vale uma punhalada. Não desejo publicar esse fragmento, por emquanto. Mas lembrou-me tiral-o em avulso, bem impresso, com uma tarja ou symbolo funebre, em edição muito limitada, para offerecer um exemplar com dedicatoria manuscripta a cada uma das pessoas que a amaram e *lhe* choraram o passamento ou me acompanharam no meu infortunio. Si approvas a idéa, manda já compor os versos, combinando antes o typo, impressão, formato, etc. Deve haver uma pagina em branco para a dedicatoria e o papel quasi cartão... Ainda bem que a minha traducção do Heine te agradou! Espiendida a idéa da publicação de todo o *Intermezzo* ».

Tendo convidado o eminente Sr. Coelho Netto a tomar parte nessa traducção, respondeu elle com

as seguintes linhas, que me penhoraram pela delicadeza, embora encerrassem uma recusa: — « Meu caro Max. Si lyra houvesse, grato me seria rapsodiar o mestre sentimental... Mas onde viste, jamais, versos de minha lavra?

« Queres que eu profane o Parnaso? Não sei lidar com o plectro e para desafinar na symphonia lyrica, isso nunca! Sou gralha e como tal me conheço, sem invejar plumagens mais garridas. Commette a poetas o exercicio e conta com a minha amizade. Bôa Esperança, 31-2-94. Teu *Coelho Netto*.»

Simple demonstração de modestia, pois que ao seu talento tudo era possível.

Vimos depois que bellos versos soube fazer o autor de *Guanabara*.

Na *Gazetilha litteraria* davamos tambem brilhante carta desse illustre escriptor, na qual nos remettia os originaes do seu poema em prosa *Guanabara* e annunciavamos a publicação da *Missão de Purna*, de Olavo Bilac, régio mimo que o grande poeta entregára, em Juiz de Fóra, a Valentim.

Abriamos tambem o segundo concurso de poesia e prosa, devendo ser julgadores quanto á poesia — Luiz Delfino, Alberto de Oliveira e Rodrigo Octavio,

quanto á prosa — Coelho Netto, Urbano Duarte e Raymundo Capella.

A 7 de Abril publicavamos o n. 36, sem duvida um dos mais brilhantes e bem feitos, do qual foram tiradas tres edições successivas, e, mezes adeante, mais uma.

A *Historia dos sete dias*, deliciosamente feita por João Ribeiro, o *Retrospecto*, de Araripe Junior, *Guanabara*, de Coelho Netto, a *Missão de Purna*, de Olavo Bilac, *Cartas ingenuas* de Pedro Alves (Lucio de Mendonça), um artigo sobre a eleição de Heredia para a Academia Franceza, de Rodrigo Octavio, a continuação do *Intermezzo*, um artigo de Raymundo Capella sobre Santos Valente, carta de *Joaquim Alves* (Valentim Magalhães...) Um primor, ou antes uma serie de primores.

Raramente, com effeito, tem apparecido tão apreciavel conjuncto de obras primas, attestando a pujança dos nossos verdadeiros homens de letras. Por isso mesmo, o numero teve extraordinaria acceitação.

Dias antes, a 3, de Juiz de Fóra, Olavo Bilac, a quem todos nós haviamos enviado um telegramma de felicitações pelos magistraes versos da *Missão de Purna*, escrevia-me a seguinte carta, que traduz o

zelo justissimo de quem possui a consciencia de ter produzido uma obra d'arte :

« Meu caro Max. Abraço-te. Agradeço-te e aos mais signatarios do telegramma a generosa e immedida glorificação do meu nome. Peço-te uma revisão escrupulosissima. Não traduzi ainda o numero do *Intermezzo*, porque estou, além de doente, atarefadissimo; traduzil-o-ei hoje, talvez. Perdôa o lacunismo desta carta, attendendo a que tenho o figado retalhado de dôres. Ainda uma vez, peço-te para a *Missão de Purna* uma revisão attenta. Abraço-te. Abraça tambem o teu velho amigo *Olavo Bilac*.»

Valentim Magalhães, tambem de Juiz de Fóra, dizia-me desse numero :—« Um numerão, *seu compadre!* Aperte estes ossos e... continúe! A chronica é soberba, um primor de estilo e malicia velada! Cumprimento com ardor o João, João o Bravo, João o Forte, João o Puro. Cumprimento tambem o Rodrigo Octavio pelo bonito artiguinho sobre o Heredia. *Guanabara* é bonito. A *Missão de Purna* deve fazer enorme successo. Relendo-a, ainda mais gostei della. *Retrospecto* sempre excellente. *Pedro Alves* é o Lucio, não é? Penso que foi um pouco prematura a appareção do terceiro mano de Joaquim Alves. Mas promette não desmerecer dos irmãos. Saúdo prazeroso

a brilhante estréa do Capella. Bravos! Bravos! Bravos!»

Ainda nessa carta dizia Valentim: — «Sciende quanto ao que me informas sobre *Joaquim Alves*. Com que então têm feito barulho as cartas? E attribuem-n-as a varios; mas o Lucio e o João a mim? E o João jura agora que é o Fontoura! É hõa! O Redondo tambem me escreveu affirmando-me que o *Joaquim* sou eu e pedindo-me a confirmação. Vou responder-lhe que não sei quem é; que tu mesmo a mim não o disseste, por compromisso tomado com o mysterioso autor. O Magalhães de Azeredo, tendo lido a primeira, attribuiu-a, sabes a quem? ao Redondo! É hõa! Vou tomar as precauções que aconselhas. É preciso guardar todo o segredo sobre o pseudonymo, para poder aproveitá-lo. O Olavo sabe quem é *Joaquim Alves*, porque m'õ declarou em face com tal convicção que a minha negativa saiu muito frouxa. Mas exigi delle o maior segredo. »

A estréa, nesse numero, de Raymundo Capella, foi realmente magnifica. Talvez hoje poucos se lembrem desse fino espirito, que nos honrava com a sua estima.

Natural da India Portugueza, Capella formara-se em Coimbra, notabilizando-se desde cêdo por sua es-

tupenda erudição e pela graça com que a demonstrava nas palestras. Baixo, gordo, as feições empapuçadas, a fumar eternamente um cigarro horrível, que se desmanchava a cada momento, Capella levava horas a conversar, de todos admirado pela segurança da observação, talvez caustica em excesso, mas servida por uma cultura que abrangia quasi todos os ramos intellectuaes. Transfigurava-se então, absorvido pelo assumpto. Lucio chegou a dizer que, ao ouvi-lo, acreditava na metamorphose, pois via um hippopotamo transformar-se em aguia.

Insubmisso ás leis da hypocrisia que regem o mundo, Capella passou rapidamente pela carreira consular portugueza e preferiu ser professor. Dizia sempre que «amava os gericos e detestava os asnos.»

Tratando, nesse numero, de Santos Valente, eis como se exprimiu Capella:

— «Extremamente modesto, talvez por preguiça, ou preguiçoso talvez por modestia, tem dado raras obras: — um volume de poesias em portuguez e latim (em latim! notem bem!), ainda quando estudante, ha trinta e tantos annos; varias traducções esmeradas de prosa, por exemplo a do delicioso romance italiano de Barrili, *Como um sonho*, e outros da mesma serie romantica, que me não lembram agora; colla-

borou com Thomaz Ribeiro e Xavier Cordeiro nas traducções em verso da *Anthologia Grega* e de meias commigo inventou e compôz o *Diccionario Contemporaneo* de Caldas Aulete, do qual está preparando uma nova edição, correcta e augmentada com mais de 14 ou 15 mil vocabulos. Que contribuição para a confusão das linguas ! »

Merece transcripção o bello soneto de Santos Valente, que serviu de motivo ao artigo de Capella :

A ti, meu Deus, consolador de afflitos,
A ti recorro afflicto e descontente :
Contra tamanha angustia, em ti somente,
Em ti, Senhor, eu tenho os olhos fitos !

Si enches de graça os corações contritos,
Si és justo e bom, si és pae e si és clemente,
Extende-me o teu braço omnipotente,
Acolhe a minha prece, ouve os meus gritos !

Senhor! ás minhas lagrimas responde!
Sem ti neste deserto em vão eu brado,
Não sei onde ache allivio ao meu tormento!

E responde-me Deus, não sei lá donde:
—«Si o não sabes, nem eu, ó desgraçado!
Que nasci do teu proprio pensamento.»

Não menos interessante o n. 37, que se publicou em 14 de Abril de 94. Além da chronica de Silva Ramos, do *Retrospecto* de Araripe, de *Guanabara* de

Coelho Netto, do *Intermezzo*, do estudo descriptivo de Carlos Dias, terceiro premio de prosa, inseria o prologo do *Intermezzo*, especialmente traduzido por Machado de Assis, e o *Museu da Semana*, no qual Lucio de Mendonça mettia á bulha Machado de Assis, Aluizio e Arthur Azevedo, Rodrigo Octavio e a si proprio. Valentim occupava-se da *Opera Lyrica*, livro de versos de Pedro Rabello.

Por essa epoca, o meigo Luiz Rosa, nosso secretario, viu-se forçado a deixar-nos : a terrivel molestia que o dominara, já não lhe permittia trabalhar. Dizia-me elle numa carta sentidissima: — «Meu caro Fleiuss. Escrevo esta aborrecido e doente; diz o meu medico, de certo para illudir-me, que a minha molestia não é perigosa. Por isso aconselha a ir para fóra. Talvez vá hoje, mas peço-lhe que me auxilie e sinto que não poderei recompensal-o... *A minha molestia não é perigosa*, diz o medico... Mas o seu bom coração me valerá. Como vae a impressão do *Lotus*? Do grato *Luiz Rosa*».

Sabiamos que o dedicado companheiro estava condemnado pela tuberculose, e, pois, a sua ausencia causou-nos intensissimo pesar. Pobre Luiz Rosa!

A 21 de Abril apparecia o n. 38, com a *Historia dos sete dias* escripta por Araripe Junior, sob o pseudo-

nymo de *Padre Antonio Pereira Filho*. Deliciosa chronica, revelando mais uma face do grande talento de Araripe, que continuava no seu excellente *Retrospecto*. Competiam tambem nesse numero Coelho Netto, Lucio, com uma das cartas de *Pedro Alves* e com o *Museu da Semana*, Garcia Redondo iniciando um estudo sobre Macedo Papança, Valentim e Henrique de Magalhães com uns versos chistosos, subordinados á epigraphe—*Nova Esthetica*.— Proseguia, sempre com unanimes applausos, a traducção do *Intermezzo*.

Lucio de Mendonça abria o n. 39, de 28 de Abril, defendendo Machado de Assis de uma intriga da baixa politica. Araripe escrevia não só o *Retrospecto*, mas tambem um artigo sobre o novo livro de Sylvio Romero—«*Doutrina contra Doutrina*». Coelho Netto continuava com a formosa *Guanabara*, Magalhães de Azevedo dava um bello soneto—*Semper vincit*, Francisca Julia contribuia com uma delicada traducção de um *lied* de Goethe, e Lucio, nas *Cartas ingenuas* de *Pedro Alves*, criticava, aliás sem razão, a bellissima novella de Affonso Celso — *Lupe*, discordando do applauso com que Urbano Duarte acolhera o livrinho do illustre autor dos *Vultos e Factos*.

Concluia-se tambem a traducção do *Intermezzo*, dando versões de Pedro Rabello, Magalhães de Aze-

redo, Lucindo Filho, Francisca Julia, Rodrigo Octavio e Fontoura Xavier.

Valentim Magalhães escrevia uma das *Cartas de Joaquim Alves* e Escragnolle Doria dava-nos um sentidissimo artigo sobre Gemma Luziani, a genial pianista que a febre amarella victimára dias antes. Valentim, que notava em Escragnolle Doria a preocupação dos estudos psychologicos, apreciou immensamente esse, de facto, magistral artigo.

Mais ou menos por esse tempo, Araripe Junior, numa das *viagens* do nosso *bonde*, propunha a seguinte designação para os dias da semana: — «*Kalendario da Semana*» — Domingo — *Valentidi*; Segunda — *Lucidi*; Terça—*Rileiridi*; Quarta—*Fontouridi*; Quinta—*Araripidi*; Sexta—*Octavidi*; Sabbado—*Maxidi*. Conservo o autographo.

O n. 40 appareceu regularmente a 5 de Maio. Araripe, com o pseudonymo de *Padre Pereira Filho*, escrevia a chronica exultante de malicia, e o *Retrospecto*. Lucio de Mendonça concorria com um esplendido conto—*O Hospede*—que me dedicara, Francisca Julia e Luiz Delfino com admiraveis sonetos, Redondo proseguia no seu apreciado estudo sobre Papança, João Ribeiro tratava do artista Sr. Belmiro de Almeida, do nosso querido Luiz Rosa publicavamos um conto

—*Filha do Deserto*, Carlos Dias respondia á critica feita por *Joaquim Alves*.

A 12 de Maio publicava-se o n. 41. Valentim, que viera ao Rio para resolver a sua viagem á Europa, escrevia a *Historia dos sete dias*, imprimindo á sua prosa um tom de alegria por se ver restituído, embora por momentos, ao convívio dos excellentes companheiros. «O bonde, escreveu elle, produziu-me a sensação do oasis para um beduino esfalfado da travessia dos interminos areiaes do deserto e dos respectivos camellos.»

Machado de Assis, o maior de todos nós, o *conductor honorario do bonde*, dava-nos a *Missa do Gallo*, soberbo conto que a meu pedido especialmente escrevera para *A Semana*. Machado distinguia o autor destas linhas com amizade muito antiga, nascida no tempo da *Semana Illustrada*, quando Henrique Fleiuss, director e proprietario daquella gazeta, que tanto renome conquistou, o convidara para a redacção ao lado de Felix Martins, Pedro Luiz, Victorino de Barros, Bruno Seabra, Ernesto Cybrão, Quintino Bocayuva, que constituíam o corpo de redactores do apreciadissimo hebdomadario. Foi propriamente na *Semana Illustrada* (1860—1876) que Machado conquistou, com a maior galhardia, os fóros de chronista,

escrevendo as *Badaladas da Semana*, e assignando-as *Dr. Semana*.

Hoje, folheando as collecções daquella revista, pôde-se apreciar-o nas primeiras manifestações que asseguravam desde logo o grande mestre em futuro proximo.

Além desse trabalho, o n. 41 trazia um soneto de Magalhães de Azeredo, um artigo de Araripe, *Guana-
bara* de Coelho Netto; biographavamos o nosso estimado Garcia Redondo; Urbano Duarte defendia com felicidade e brilhantismo a *Lupe* de Affonso Celso; Lucio arrasava certo grammatico da epoca, que vivia a dar lições ao povo pelas columnas da *Gazeta de Noticias*; Faria Neves Sobrinho concorria em um soneto e Redondo terminava o seu estudo critico sobre *Panpaça*.

Andavamos, então, atarefados com o novo concurso literario para o qual Rodolpho Amoêdo, o notavel artista de todos querido, pintára um quadro destinado ao primeiro premio. Lucio de Mendonça era um dos juizes da parte de prosa e com meticoloso rigor estudava os originaes. A 14 de Maio escrevia-me: — « Max. Tenho lido e relido. Uma trabalhadeira! Só tu e o Valentim (quando volta esse animal?) me obrigariam a esta inferneira! Ahi vão o

documento e a carta, perfeitamente regulares, tanto que já foram avaliados no meu inventario, de cujos autos foram desentranhados, mediante requerimento. Arranja-me, para hoje, sem falta, um bom desconto, que te pago um jantarinho no melhor *fregue* da capital. Daqui vou-me a Capua, e depois a esse antro infecto de Harpagon, onde espero sorver o moka do estylo, mas em chicara nova. Até logo, pois. Teu *Lucio de Mendonça.*»

A 17 de Maio, escrevia de novo:—«Max. Continúo a ler! Ahi vão as provas. Vê se mandas entrelinhar o artigo, que assim ficará muito mais cousa. Chegou hontem o Valentim? Estive a ir á estação esperar esse cacete, mas deram-me o jantar muito tarde; hoje, se chegou, terei o desprazer de o aturar.

Não vae elle connosco ao ágape do Amoêdo? Teu *Lucio de Mendonça.*»

O n. 42—19 de Maio—trazia a chronica de Araripe que continuava o *Retrospecto*, versos de João Ribeiro, Julia Cortines, Emilio de Menezes; Lucio replicava a Urbano Duarte numa das *Cartas ingenuas de Pedro Alves*; Escragnolle Doria dava um magnifico poemeto em prosa, Redondo escrevia sobre Silva Ramos; Henrique de Sá, o nosso estimado *Dr. Sahen*, voltava aos *Cavacos Medicos*, occupando-se de um li-

vro de Chapot Prévost e F. Fajardo; Coelho Netto dava a *Guanabara* e Magalhães de Azeredo um bello trecho das *Paizagens e Balladilhas*.

Com esse esplendido numero terminava a minha direcção interina. A *Semana* prosperava francamente.

Regressando de Minas, Valentim Magalhães reasumiu a direcção principal da *Semana*, a 22 de Maio de 94. Em o numero 43, publicado a 26, logo depois da chronica de Lucio de Mendonça, escreveu elle : — « Reassumindo hoje a direcção d'A *Semana*, agradeço ao meu estimado companheiro Max Fleiuss o modo notavel por que me substituiu durante tres mezes com a sua actividade infatigavel e o seu tacto jornalístico. A João Ribeiro, Lucio de Mendonça, Araripe Junior, Rodrigo Octavio, Fontoura Xavier e Silva Ramos, agradeço igualmente numa effusão de cordeaes abraços o grande lustre e a fulgurante vida que com os seus trabalhos têm dado á nossa modesta revista. — Rio, 22 de Maio de 1894. — Valentim Magalhães ».

Ainda nesse numero Araripe escrevia a continuação do *Retrospecto* e tratava de um livro, então apparecido, sobre historia constitucional. Escragnolle Doria occupava-se das « *Rimas de outr'ora* », de Affonso Celso.

Versos, publicavam-se os de Antonio Salles e Alphonsus de Guylmar. Valentim iniciava uma série de cartas a um de seus filhos, que ficára num collegio em Juiz de Fóra.

Cumpre registrar nestas recordações a visita que por essa occasião nos fez o honrado Dr. Prudente de Moraes, eleito presidente da Republica, mas de cuja posse muitos duvidavam, pois que parecia certissimo um golpe de Estado. O Dr. Prudente de Moraes era um homem aparentemente retrahido e desconfiado, antithese de seu digno irmão Manuel, que á primeira vista deixava transparecer um caracter franco, dizendo á queima roupa, sem receios de especie alguma, o que pensava. O Dr. Prudente, porém, passados os primeiros momentos de hesitação, sabia conversar attrahentemente, imprimindo verdadeiro interesse aos casos. Delle, que me honrava com a sua estima pessoal, ouvi curiosas narrativas dos tempos academicos e dos primeiros mezes do novo regimen.

Nesse numero 43, Valentim annunciava a entrada definitiva de Escragnolle Doria para a redacção, como secretario da revista. Henrique de Magalhães, que, ora por motivo de enfermidade, ora pelas occupações que o prendiam á companhia *Educadora*,

raramente apparecia, deixava o lugar de secretario que, de facto, só fôra exercido por Luiz Rosa. Suggesti a Valentim a escolha de Escragnolle Doria, que foi aceita.

No numero 44, já apparecia no cabeçalho da folha o nome do novo secretario. Esplendido esse numero ! A chronica de João Ribeiro, carta de Valentim, inédito de Guilherme Braga, artigo de Lucio de Mendonça sobre a *Revolução no Brasil, Guanabara* de Coelho Netto, versos de Henrique de Magalhães e Bellarmino Carneiro (*C. Bruneto*), poemetos em prosa de Escragnolle Doria e uma admiravel poesia de Olavo Bilac — *A Alvorada da Carne*.

Remettendo-nos essa poesia, Bilac dizia de Juiz de Fôra, a 29 de Maio : — « Max amigo. — Abraço-te. Ahi vão os versos promettidos. Peço-te uma revisão escrupulosissima. Que, sobretudo, seja em absoluto respeitada a pontuação do original. Por toda a semana que vem, mandar-te-ei *O Caçador de Esmeraldas*, poemeto de ha muito promettido á bella *Semana*. Adeus. Até quando ? Sabem-n-o os Soromenhos. Saudades a todo o *bonde* e a ti o coração do — *Olavo Bilac* ».

Encantadores os versos de Bilac, como aliás todas

as suas produções. Transcrevel-os constitue sincero deleite :

A ALVORADA DA CARNE

(*Fragmento*)

Um horror grande e mudo, um silencio profundo
No dia do Peccado amortalhava o mundo.
E Adão, vendo fechar-se a porta do Eden, vendo
Que Eva olhava o deserto e hesitava tremendo,
Disse : « — Chega-te a mim ! entra no meu amor !
E á minha carne entrega a tua carne em flor !
Abençôo o teu crime, acolho o teu desgosto,
Bebo-te, beijo a beijo, as lagrimas do rosto !
Preme contra o meu peito o teu seio agitado
E aprende a amar o Amor, renovando o Peccado !
Vê, tudo nos repelle... A toda a criação
Sacóde o mesmo horror e a mesma indignação !
A colera de Deus tórta as arvores, crésta
Como um tufão de fogo o seio da floresta,
Abre a terra em vulcões, retorce a agua dos rios...
As estrellas estão cheias de calefrios...
Ruge soturno o mar... Turva-se hediondo o céu...
Vamos ! Que importa Deus ? Desata, como um véo,
Sobre a tua nudez a cabelleira ! Vamos !
Mordam-te embóra a pelle os insectos ; os ramos
Te ensanguentem o corpo : injuriem-te os ninhos ;
Surjam feras a uivar de todos os caminhos ;
E, vendo-te a tremer, das urzes através,
Se emmaranhem no chão as sêrpes, a teus pés !
Que importa ? O Amor, botão apenas entreaberto,
Illumina o degredo e perfuma o deserto.
Amo-te ! Sou feliz, porque do Eden perdido
Levo tudo, levando o teu corpo querido !

Põe, em redor de nós, tudo se aniquilar!
Tudo renascerá, cantando, ao teu olhar.
Tudo: mares e céos, arvores e montanhas,
Porque a vida perpétua arde em tuas entranhas...
Rios te correrão dos olhos, si chorares!
Flores te brotarão dos lábios, si cantares!
E, si em torno ao teu corpo encantador e nú,
Tudo morrer — que importa? a Natureza és tu,
Agora que és mulher, agora que peccaste!
Ah! bemvindo o momento em que me revelaste
O Amôr com teu peccado, a vida com teu crime!
Porque, livre de Deus, redimido e sublime,
Homem fico, na terra, á luz dos olhos teus:
— Terra, melhor que o céu... Homem maior que Deus!

Juiz de Fôra, Maio 94.

O numero 45, de 9 de Junho, trouxe a chronica de Araripe Junior (*Padre Antonio Pereira Filho*), um artigo de critica ainda de Araripe, novos versos de Olavo Bilac, um soneto de Francisca Julia, *Guana- bara* de Coelho Netto, uma apreciação de Silva Ramos sobre Paul Bourget, então eleito para a Academia Franceza, uma critica de Lucio e o prefacio do — *Lotus* — por Fontoura Xavier. Escragnolle Doria escrevia tambem sobre o livro do nosso querido Luiz Rosa, dizendo, com graça e verdade, o que lhe parecia. Henrique de Sá continuava os *Cavacos Medicos*.

A nota, porém, sensacional desse numero foi o julgamento do concurso de prosa.

Lucio de Mendonça, Coelho Netto e Urbano Duarte, que foram os juizes, propuzeram para o primeiro premio o conto — *São Bohemundo*, — de João Ribeiro; para 2.º — *Serafim Tristonho*, — de João Luso (Armando Erse), pelos votos de Coelho Netto e Urbano Duarte; para 3.º — *In Extremis*, de Julia Lopes de Almeida, pelos votos de Coelho Netto e Lucio de Mendonça.

Assim se exprimiram os illustres julgadores sobre esses tres contos :

— *S. Bohemundo* — Bellissimo, original e magnificamente escripto. — LUCIO DE MENDONÇA.

— Um lavor. Como que senti, entretanto, evolar-se de todo este admiravel trabalho o pó de diamante com que Eça de Queiroz lapidou o seu solitario *Frei Genebro*. Lembrou-me extranhamente esse conto; mas, por muito que pesquisasse, não encontrei affinidades sensiveis, donde conclui que a sensação litteraria que experimentei lendo este trabalho foi igual á que gosei quando tive em mãos o conto magistral do romancista portuguez. *S. Bohemundo* vale bem *Frei Genebro*. E' um lavor, repito. — COELHO NETTO.

— Esplendido ; um primor. Todavia, convem fazer uma restricção, aliás indicada pelo proprio autor :

a substancia do conto foi bebida algures, o que evidentemente diminue o merito da *invenção*. Sem embargo, tem alto valor literario. — URBANO DUARTE.

— *Serafim Tristonho* — Admiravelmente feito ; assumpto, estylo, paizagem, dialogo, inteiramente portuguezes. Si o autor não é portuguez ou não esteve em Portugal (o que duvido), é um *tour de force* magnificamente succedido ; em qualquer caso, um bello conto, com muita côr local, simples e forte. Um primor. — LUCIO DE MENDONÇA.

— Excelente. Feito á maneira de Maupassant, com a simplicidade rebuscada que dá a mais completa illusão do real. Reune ao admiravel colorido da paizagem a sobriedade da acção, ora meiga, ora violenta, narrada com espontaneidade pelo protagonista, apresentado em traços breves, firmes e admiraveis. Bom vernaculo. — COELHO NETTO.

— Muito bom. Assumpto repisado, mas que o autor soube rejuvenescer com muita arte, graças á admiravel côr local. Dialogo excellente. — URBANO DUARTE.

— *In Extremis* — Magnifico ; original na concepção ; sobrio e magistral na execução. — LUCIO DE MENDONÇA.

— Muito bom. — COELHO NETTO.

— Assim, assim. — URBANO DUARTE.

Grande foi a alegria que todos experimentámos com a victoria de João Ribeiro, nosso prezadissimo companheiro. Concorrera elle, sem deixar que mesmo de leve disso o suspeitassemos. Instado a tomar parte, João sempre se esquivou com uma tal obstinação, que a surpresa não teve limites quando, depois do julgamento proferido, abria o envelope que trazia a divisa — *Kneipp* — e verifiquei ser de João Ribeiro o admiravel trabalho.

Araripe Junior, tomando a sério seu papel de *Padre Pereira Filho*, deitou sermão apologetico, que todos ouvimos com unção, mas poz uma restricção na entrega do premio. Pois o bello quadro do Amoêdo — *A Faceirinha*, — seria entregue assim, sem mais nem menos?! O agraciado devia recebê-lo com as honras de um jantar e foi por isto que no domingo seguinte nos dirigimos todos á casa de João Ribeiro, que nos cumulou de gentilezas, fazendo-nos tambem ouvir a sua aptidão como pianista.

Lucio, que pouco percebia de musica, exclamou depois de algum tempo : — « Evidentemente o João, no piano, não está ainda nem nos primeiros... passos ».

A 16 de Junho apparecia o numero 46, escrevendo

Valentim a chronica e trazendo o *São Bohemundo*, de João Ribeiro, incontestavelmente uma das paginas mais bellas e fortes da nossa literatura.

Além desse soberbo trabalho, calorosamente apreciado, inseriamos a continuação do *Retrospecto literario* e da *Guanabara*, um soneto de Henrique de Magalhães, a *Botanica Amorosa* de Garcia Redondo e as opiniões da commissão julgadora do concurso de prosa.

Vinte e cinco foram os contos submettidos a julgamento. Além dos tres premiados, obtiveram menção honrosa: *Caminho de Thebas*, de Escragnolle Doria; *Cousas de outro tempo*, de Rodrigo Octavio; *Um escandalo*, de Arthur Lobo; *Transfiguração*, de Abilio Alvaro Miller; *Um homem venturoso*, de Xisto Calisto; e *A Turca*, de Demetrio de Toledo.

A 19 de Junho, Olavo Bilac escrevia-me de Juiz de Fóra a seguinte chistosa carta, que teve immediato cumprimento :

—« Max amigo, abraço-te. Saberás que ainda não te mandei o artigo sobre o Riehepin, porque estou cheio de trabalho até os cabellos. Mas irá sem falta para *A Semana* da semana que vem. Quanto á chronica de —*Lotus*,— já a escrevi: deve sair por estes dias. Agora, prepara-te. Vou prégar-te uma furiosis-

sima castrolopada. Has de ter paciencia. E' um sacrificio grande que exijo de ti, bem o sei. Mas és o unico homem que me pôde valer neste apuro. Trata-se disto:—Na *Gazeta de Noticias*, do 1.º semestre de 1890, vem publicado na penultima e ultima columna da 1.ª pagina um conto meu intitulado—*O crime de Octavio*.—Preciso deste conto já, já, já, já, como quem precisa de agua para beber e de ar para respirar. Vê bem que o apuro em que estou é sério, é horrivel, é formidavel:—esse conto entra no meio do meu livro de—*Chronicas e Novellas*,—que se está imprimindo aqui, e perdi-o. De modo que estou com a composiçãõ parada, á espera d'elle. Pois bem, peço, supplico, exijo da tua boa amizade, nunca desmentida, este sacrificio:—assim que receberes esta carta, sem a minima demora, vae ou manda alguẽm por ti á *Gazeta*; corre ou faze correr a collecçãõ do primeiro semestre de 1890; e, si não puderes arranjar o numero do jornal, cópia ou faze copiar o conto. Hoje são 19: esta carta seguirá amanhã 20, e te será entregue a 21. Mesmo no dia 21 farás isso, de modo que no dia 22 tenha eu aqui a carta. Has de saber que eu não amo incommodar meus amigos. Mas, meu querido Max! minha salvaçãõ! meu anjo da guarda! o momento é serio: faze esse sacrificio, despacha-te, avia-te, sal-

va-me! Conto com a tua resposta immediata. Abraça-te o todo teu—*Olavo Bilac*».

O sacrificio foi nenhum, o favor diminutissimo. Bilac, porém, retido em Juiz de Fóra, porque o estado de sião, que vigorava no Rio, não lhe permittia vir aqui, precisava realmente do conto. Mandei-o logo copiar e a 22 de Junho, ainda de Juiz de Fóra, dirigia-me elle nova carta:—« Querido Max, aqui vão os abraços. Acabo de receber a cópia do conto. Como te agradecer?—amando-te sempre, como te amo. Que achas tu, ó Max amigo? Acaba ou não acaba no dia 30 o estado de sitio? Dá-me *là dessus* a tua opinião. Que te consta? Que prevês? Que suppões? Que conjecturas? Si em Julho não houver estado de sitio, abraçar-nos-emos no dia 4. Aqui fico, escravo da tua amizade, e quasi morto de tédio. Saudades a todo o *bonde*. Todo teu—*Olavo*».

O n. 47 apparecia a 23 de Junho, trazendo, a mais da chronica de Valentim, o segundo premio de prosa —*Serafim Tristonho*, de João Luso (Armando Erse), excellente conto que foi recebido com grandes e merecidos applausos; versos de Julia Cortines, Francisca Julia, Garcia Redondo e Henrique de Magalhães; *Retrospecto* de Araripe e uma das cartas de Valentim a seu filho.

Coelho Netto escrevia a *Historia dos sete dias* do n. 48, que saiu a 30 de Junho. A sua brilhante collaboração juntava mais esse serviço para maior lustre d'*A Semana*. Elle mesmo a trouxera á redacção, deixando-a com o seguinte delicado bilhete:—« Max incomparavel! tens ahi a *Historia*; *Guanabara*... logo mais, depois do regalo da refeição das onze. Teu C. Netto».

A morte de Sadi-Carnot offereceu-nos ensejo para que manifestassemos juizos sobre o triste evento. Valentim, Araripe Junior, Lucio, Silva Ramos, Rodrigo Octavio, Escragnolle Doria e o autor destas linhas tomaram parte nessa apreciação.

Publicava tambem o n. 48—o terceiro premio de prosa, alcançado por Julia Lopes de Almeida com o conto—*In Extremis. Retrospecto literario, Guanabara*, versos de Freitas Guimarães, poemeto em prosa de Escragnolle Doria, completavam o numero.

O n. 49, de 7 de Julho, trazia a chronica de Valentim, um bom artigo de Araripe, um conto—um dos melhores contos—de Escragnolle Doria—*Negro sobre azul*,— que me fôra dedicado; um soneto de Demosthenes de Olinda e *Um Escandalo*, de Arthur Lobo, que com elle obtivera no ultimo concurso uma das

menções honrosas. Além disso, a chronica dos livros, devida a Escragnolle Doria.

No dia 9 dava-me Lucio de Mendonça affectuosa prova de estima, captivando o meu coração de filho extremoso.

A 14 de Julho reaparecia Lucio na chronica, enviada na vespera com este bilhete:—«Max. Ahi vae a bella chronica; mas com esta não te lamberás de graça; arranja-me em troca o que hontem te pedi. Si o não fizeres, desanco-te. Até logo. Teu Lucio».

O n. 50 trazia mais: algumas traducções de Uhland deliciosamente feitas por João Ribeiro, o conto de Escragnolle Doria—*Caminho de Thebas*, que alcançara tres menções honrosas, e a *A Botanica Amorosa* de Garcia Redondo.

Inseria ainda o resultado do concurso de poesia, em que foram vencedores: Julio Cesar da Silva, em primeiro lugar; Francisca Julia, em segundo; Luiz Rosa, em terceiro.

A chronica do n. 51, publicada a 21 de Julho, foi escripta por Escragnolle Doria, que, com o pseudonymo de *D. Demetrio*, patenteou mais essa aptidão literaria.

Araripe Junior escrevia um artigo de critica; João Ribeiro publicava uma fabula em verso. Inse-

riamos tambem o conto de Rodrigo Octavio—*Cousas de outro tempo*, premiado com tres menções honrosas. Carlos Seidl, o illustre profissional que hoje occupa dignamente o cargo de director geral de saúde publica, trazia-nos a sua apreciada collaboração com as—*Cousas Medicas*.

A 28 de Julho reassumia eu a direcção principal d'*A Semana*. Valentim devia partir para a Europa. A 23, numa justa expansão de cordialidade, offerecemos-lhe um banquete no *Londres*: esplendida festa, presidida por Machado de Assis. Sentaram-se á mesa, além de Machado e Valentim: Olavo Bilac, Coelho Netto, Martins Junior, Silva Ramos, Urbano Duarte, Lucio de Mendonça, Fontoura Xavier, Arthur Azevedo, Henrique de Sá, Magalhães de Azeredo, Xavier da Silveira, Pardal Mallet, Rodolpho Amoedo, Neves Armond, Carlos Malheiros Dias, Bellarmino Carneiro, Augusto Neiva, Gustavo Massow e o autor destas linhas.

Durante horas a palestra trouxe-nos a todos encantados. Coube-me abrir os brindes para offerecer a Valentim aquelle jantar, expressão do muito que lhe queriamos e do bem que desejavamos ao seu coração e ao seu espirito. Depois falaram Martins Junior, Coelho Netto, Mallet, Bilac, Silva Ramos. Pormenor

curioso:—quem organizou a lista das contribuições para este banquete foi Carlos Malheiros Dias. Tenho o autographo, enriquecido de observações, que seria indiscreção publicar...

A chronica do n. 52—28 de Julho—foi a despedida de Valentim. Lucio escrevia tambem bellissimo artigo sobre Leconte de Lisle, fallecido dias antes. Ao artigo seguiam-se traducções de versos do grande poeta francez, feitas por Bilac, Valentim, Raymundo Corrêa. Publicavamos egualmente o conto de Rodrigo Octavio — *Cousas de outro tempo*, — que conquistára tres menções honrosas.

Em o n. 53, de 4 de Agosto, reaparecia na chronica o nosso querido *Julio Valmor* (Silva Ramos). Araripe Junior proseguia no seu applaudido *Retrospecto literario*; Escragnolle Doria dava um poema em prosa, dos que mais agradaram; *Alcides Flavio* (Fernandes Figueira) um soneto; Alfredo de Souza (companheiro da primeira phase da *Semana*), dois bellos sonetos; Carlos Dias, um trecho dos—*Scenarios*; Henrique de Magalhães e Neves Armond concorriam com dois sonetos. De Raymundo Corrêa inseriamos estes deliciosos versos:

AMOR QUE PASSA...

Maria, amar-te, pensando
 Do meu amor ver-te escrava;
 Pensar que te possuí;
 E depois perder-te, quando
 Pensei, como já pensava,
 Que era bem senhor de ti;

Perder, Maria, os teus beijos
 Desejados, não lograr
 Satisfazer mil desejos
 E o que ha mais a desejar,

Deixar de ver o teu rosto;
 Deixar de ouvir o teu carme,
 De voz cheia de paixão...

Foi tudo um cruel desgosto;
 Mas afogar-me, enforcar-me,
 Matar-me por isso, não!

Termo não puz aos meus dias,
 Causasse-te embora dó;
 No mundo há muitas Marias,
 E eu tenho uma vida só...

Na secção — *Correio* — Henrique de Magalhães continuava sempre nas suas respostas felizes aos verzejadores infelizes.

O n. 54 apparecia a 11 de Agosto, com a chronica de *D. Demetrio* (Escragnolle Doria, que tambem dava apreciado conto — *O pardal de Leslia*). De João

Luso (Armando Erse) inseríamos um magnífico trabalho — *Dona Angelica*; Francisca Julia concorria com a traducção de um *lied* de Goethe. A chronica dos livros era de Escragnolle Doria. Themistocles Machado e Henrique de Magalhães publicavam sonetos. Além disso, a *Transfiguração*, de Abilio Miller, que obtivera de Urbano Duarte um voto de louvor no concurso.

A 18 de Agosto publicava-se o n.º 55: — chronica de Silva Ramos, *Retrospecto* de Araripe, versos de Julia Cortines, Antonio Salles, Henrique de Magalhães e Ulysses Sarmiento; um extracto, primorosamente feito por Escragnolle Doria, da *Lourdes*, de Zola, que na vespera fora exposta á venda nas livrarias do Rio. Eis o bello summario do excellente numero.

Lucio de Mendonça volvia á chronica em o n. 56, de 25 de Agosto. Deliberado o crear-se uma secção com o titulo de — *Paginas escolhidas*, — para reproduzir o que de mais bello houvesse apparecido em outros tempos, iniciei-a com verdadeira felicidade, dando a — *Mosca Azul*.

Dias antes recebera eu de Machado de Assis a seguinte cartinha:—«Meu caro Max. Vae só a *Mosca Azul*, unica de que tenho cópia. A outra irá depois,

por minha mão. Estimo as melhoras e mando um abraço. Velho amigo — *Machado de Assis*».

A — *Mosca Azul* — é, incontestavelmente, um dos melhores trabalhos poeticos do grande Mestre. A reproducção desses versos magnificos constituiu legitimo successo para a nossa folha e nova mésse de applausos trouxe ao glorioso autor. Ainda nesse numero Escragnoille Doria offerecia um conto — *Paraiso prohibido*, — dedicado a Silva Ramos; Fontoura Xavier publicava o bello poema — *D. Anna*; Valdomiro Silveira um esplendido conto — *Segredos*; Faria Neves Sobrinho um soneto — *O Palhaço*.

Por essa epoca o conhecido advogado Dr. Joaquim José de Sequeira, que havia ganho importante pleito, apreciando *A Semana* e conhecendo as difficuldades com que luctámos no começo, offereceu-me o seu concurso material, assumindo a responsabilidade plena de todo o passivo e activo da folha. Foi por esse motivo que em os ns. 57 a 62 o seu nome figurou, no cabeçalho, como proprietario. Infelizmente aquelle cavalheiro soffreu, logo depois, sérios revêses, que o obrigaram a desistir do seu primeiro intento. Com a maior lealdade passou o seguinte documento: — «Declaro que me retirei d'*A Semana*, cuja compra quiz realizar e em cujo cabeçalho figu-

rou o meu nome como proprietario desde o n. 57 até o n. 62 (de 1.º de Setembro a 6 de Outubro), no melhor accordo com os antigos proprietarios, completamente satisfeito e quite. Faço esta declaração para que jámais se levantem duvidas. Rio de Janeiro, 13 de Outubro de 1894.—*Joaquim José de Sequeira.* »

No n. 57, de 1.º de Setembro, surgia Urbano Duarte na chronica, escripta com o chiste que lhe era tão peculiar. Araripe sempre no *Retrospecto*. De Rezende dava-nos um soneto dos — *Mysterios*. Publicavamos ainda trabalhos de J. de Moraes Silva, Henrique de Magalhães, Henrique de Sá, Carlos Coelho, Carlos Dias, Gervasio Fioravanti, Carlos Seidl, Themistocles Machado.

Desde então Urbano Duarte, que nunca deixou de nos frequentar, tornou-se companheiro diario. Sempre jovial, sempre disposto ao bem, a todos agradava e a todos procurava agradar, proporcionando, para isso, varios ensejos. A sua predilecção era pelos passeios a cavallo. Guardo algumas de suas muitas cartas. Registo a seguinte : — « Amigo Max. No domingo ha um pic-nic á floresta da Tijuca e ao pingo do Papagaio. A cavallo. Si quizeres tomar parte, avisa-me em tempo para a rua General Argollo 29.

Custará de 20\$ a 30\$ por cabeça. Os tombos serão inteiramente gratuitos. Do teu *Urbano*».

Lucio, que recebera um convite igual, respondeu em versos... liberrimos, que Urbano foi obrigado a ler perante o *bonde*, mas aos quaes replicou com bastante graça.

Araripe andava por esse tempo muito enfastiado, como se patentêa desta carta:— «Meu caro Max. Vou ver si escrevo até amanhã o *Retrospecto*. Não imagina com que preguiça estou agora. Em todo caso, *noblesse oblige*... Do amigo affectuoso — *Araripe Junior*».

Cumpriu a promessa, pois o n. 58, que viu a publicidade em 8 de Setembro, com uma chronica de Escragnolle Doria, trouxe o *Retrospecto*, e, além deste, um artigo de Valentim, datado de bórdo do *Nile*, versos de Wenceslau de Queiroz, Francisca Julia e Castro Rabello Junior, um conto de Escragnolle Doria e, nas *Paginas escolhidas*, o poemeto de Coelho Netto — *O baptismo*.

Por minha parte, tratei, nesse numero, do facto culminante daquelles dias — o suicidio do maestro Marino Mancinelli, que nobremente, heroicamente, preferira morrer a transigir com os preceitos da honra e do character.

O artigo valeu-me como premio estas linhas de Escragnolle Doria: — « Petropolis, 11 de Setembro de 1894. Meu querido Max. Antes de tudo, almejo para ti saúde de ferro. Inclusos te remetto quatro poemetos em prosa, como combinámos, para o proximo numero. Accedendo ao teu pedido, traduzi especialmente dois lindos capitulos de *Charles Demailly* para as *Paginas esquecidas*. Envio-te tambem algumas linhas que incluirás, si entenderes, nos — *Factos e Noticias*. — Emfim mais do que nunca é meu proposito coadjuvar-te no proposito de fazer semanas *pour épater le bourgeois*. Reli o teu artigo sobre Mancinelli e achei-o muito bom. Varias pessoas me falaram delle e eu dei logo a Max o que é de Max. Na verdade o artigo tem conceitos felicissimos. Adeus, meu caro amigo, até breve. Abraço-te com estreita effusão de sympathia. — *Escragnolle Doria* ».

Importantissima a seguinte carta do honrado Dr. Prudente de Moraes, que, como já ficou dito, nos agraciava, a mim e á *Semana*, com a sua consideração pessoal. Cumpre transcrever o documento, factor seguro para o estudo daquella epoca: — « Piracicaba, 10 de Setembro de 1894. Amigo Sr. Max Fleiuss. Recebi e agradeço-lhe cordealmente a sua amistosa carta de 2 do corrente. Felizmente tenho passado

regularmente com a minha vida de vadição que aqui tenho levado e com a qual me dou bem, lamentando, por isso, não poder prolongal-a por bastante tempo. — Por mais saúde e forças que conseguisse accumular, tudo seria muito pouco para supportar o posto de sacrificio que me está destinado : — esse sacrificio agrava-se — porque já me sinto envelhecido e dispondo de saúde precaria; mas ficarei satisfeito, si do sacrificio, que me é imposto, resultarem beneficios para a Republica, em cuja propaganda gastei a minha mocidade. — Acabou-se o estado de sitio, — mas a attitude da imprensa permanece a mesma, não se nota a menor alteração : — provavelmente terá razões para crêr que aquelle estado anormal—só cessou de direito, mas não de facto... Quando escrever ao Valentim Magalhães, metta dentro da carta o cartão junto, que é portador de um abraço meu, em agradecimento pelo artigo do *Correio da Europa*. Por ignorar o logar em que elle está, cause-lhe este incommodo.

Saúde e felicidades deseja-lhe o amigo muito grato. — *Prudente de Moraes* ».

Novo e valioso companheiro, nosso collaborador havia muito, apresentava-se como chronista do n. 59, apparecido a 15 de Setembro, — *Daniel Fran-*

klin, — isto é, Carlos Magalhães de Azeredo, nome então grandemente applaudido pelos triumphos literarios que lhe coroaram a estréia. Difficilmente se encontraria figura tão attrahente pelo fulgor do talento, pela verdadeira illustração e pelo trato, inexcedivel de amabilidade. Hoje, transformado num eminente diplomata, com uma carreira distinctissima, recordará elle o bom tempo do alegre convívio d'*A Semana* e terá, por certo, perdoado ao Lucio as heresias com que este acolhera a bellissima traducção dos versos de Leão XIII, feita por Magalhães com o carinho de um crente sincero. Sinto immensamente que de meu archivo tivessem desaparecido os versos de Magalhães de Azevedo, dignos em tudo da sua privilegiada intelligencia.

A chronica de—*Daniel Franklin*—despertou legitimos applausos.

Além dessa pagina, outras, não menos bellas, encerrava o numero 59: — *O berço*, conto de Coelho Netto, — *Triolets*, de Fontoura Xavier, poemets em prosa de Escragnolle Doria, de quem tambem inseriamos a traducção de *Charles Demailly*, um soneto de Henrique de Magalhães e, nas — *Paginas escolhidas*, a *Caólha*, de Julia Lopes de Almeida.

A chronica de Magalhães de Azeredo, — primor

de graça e de malícia,—rendeu-me a desafeição de conhecido advogado, que por muitos annos m'a attribuiu...

A 23 de Setembro publicava-se o n. 60, com a collaboração opima de Coelho Netto, Escragnolle Doria, Magalhães de Azeredo, Americo Moreira, cabendo-me a — *Historia dos sete dias*. Poucos dias adiante, recebia eu do nosso querido Luiz Rosa a seguinte carta, que a todos nos encheu de tristeza: — «Fleiu. Estou muito doente. Os meus medicos, depois de uma conferencia, exigiram a minha retirada da cidade. Mas como attendel-os, si me faltam os recursos? Peço a V., peço á *Semana* o auxilio de que necessito. Escrevo da cama, onde me acho ha quinze dias. Abraços do — *Luiz Rosa* ».

Cumpri, como me foi possivel, o angustioso dever, e *A Semana* não deixou de acudir ao excellente companheiro...

Raymundo Corrêa, o grande cantor das *Symphonias* e das *Alleluias*, fazia a chronica do n. 61, que appareceu a 29 de Setembro, chronica que patenteava a sua alma bonissima. Assignou-a — *Errecê*. Além dessa contribuição, as de Araripe Junior, com o seu — *Retrospecto literario*, Fontoura Xavier, Escragnolle Doria, Freitas Guimarães e mais um poemeto em

prosa, escripto no album da filhinha de João Ribeiro, deliciosas linhas de Raymundo Corrêa.

Em o n. 62 — 6 de Outubro — voltava á chronica o Magalhães de Azeredo. Araripe com o — *Retrospecto*, Fontoura Xavier com a *Guitarrilha*, e João Ribeiro davam a esse numero o maior realce.

Por esse tempo, escrevia-me Valentim: — «Meu caro Fleiuss. *Lourdes*, 27 de Setembro de 94. *Hotel de la Chapelle, tenu par le frère de Bernadette*. — Sim, meu amigo, é de Lourdes que te escrevo. Cheguei hontem com minha mulher e minha cunhada. Em caminho de Paris, resolvi visitar Burgos por causa de sua celebre cathedral — sonho de pedra — maravilha artistica, e da *Cartouche*, e Lourdes tambem, para satisfazer os desejos de minhas companheiras de viagem e tambem o meu, muito aguçado pela leitura do livro de Zola. O que temos visto hontem e hoje é extraordinario. O Zola nada exaggerou: — é aquillo mesmo. Já encontrei Lourdes muito menos concorrida. Mesmo assim, havia aqui duas peregrinações — de Rodes e de Agen — umas sete mil pessoas, das quaes algumas centenas de doentes. Não se imagina o *élan* de fé com que essa gente óra e canta. São canticos realmente celestiaes e ininterrompidos. A procissão *aux flambeaux* é um especta-

culo surprehendente. Fui tão feliz que assisti hoje a dois milagres, da fé pelo menos. Um padre que, com uma enfermidade de rins, uma tuberculose da hexiga, creio, não andava havia tres annos, nem se sentava, e que eu vira, de manhã, num estado miserando, commovedor, que me fez chorar, ás 3 horas da tarde, quando acompanhava, levado no seu carro-cama, a procissão do Santissimo, ergueu-se e andou. Sim, vi-o andar; assisti á constatação do caso, feita pelo medico disso incumbido (graça especial que consegui com o auxilio de um daquelles cartões que mandaste imprimir para mim), e, si a cura não fôr completa, já o resultado obtido é espantoso. O outro caso, menos interessante por ser mais frequente, foi o de uma velha paralytica do lado esquerdo (que eu tambem vira passar levada no carro) e que andou tambem sem muletas nem nada, ella que, havia mais de um anno, não se erguia da cama. Confesso-te que fiquei profundamente impressionado e commovidissimo. Decididamente a Fé é uma das grandes forças ignotas do mundo. Imagina que bello capitulo para o meu livro de viagens. Emfim, não posso descrever-te o que é Lourdes, escrevendo. Tenciono *interviewar* o Zola sobre o seu livro, que é de primeira ordem e foi lançado ao *Index*, o que é uma nova

réclame para elle. Depois de amanhã chegaremos a Paris. Vou tarde, mas não pôde ser antes, por ter gasto muito tempo em Portugal, retido na velha casa de meus avós pelas minhas tias e cunhada. Logo que chegar, responderei ás cartas tuas que lá encontrar. Anceio por noticias tuas, dos amigos e d'*A Semana*. Já mantei quatro correspondencias para o *Estado* e uma para o *Jornal*. Mande-te um *Correio da Europa*, para o entregares ao Prudente. Fizeste-o? Preciso muito de noticias acerca do que elle fará. Como vae o Raymundo? Abraços ao João, ao Rosa, ao Carlos Dias, ao Urbano, ao Coelho Netto, ao Fontoura, ao Araripe, ao Lucio, ao Rodrigo, a todos os amigos. — Teu — *Valentim.* »

Nessa mesma occasião chegava-me ás mãos o seguinte cartão autographo: — «Á illustrada e patriótica redacção d'*A Semana* cumprimenta affectuosamente — *Prudente de Moraes*, — e agradece penhorado as felicitações pelo seu anniversario natalicio. Piracicaba. — Outubro de 1894.»

Si reproduzo o amavel cartão, é tão sómente para registrar o modo expressivo por que um homem da austeridade do Dr. Prudente de Moraes, insubmisso ás condescendencias mesmo banaes, distinguia uma folha literaria como *A Semana* com a sua

estima pessoal. Estimava-a mesmo. Dou testemunho obscuro, mas sincero, do interesse com que lia certos artigos, referindo-se, em palestras intimas com o autor destas linhas, aos trabalhos de João Ribeiro, Lucio, Araripe, Valentim, Fontoura, Machado de Assis, sendo este o que maior admiração lhe causava.

Numa bella tarde, levei Fontoura Xavier á casa de pensão da rua das Laranjeiras n. 38, onde residia o Dr. Prudente, já eleito Presidente da Republica, e ahí lh'o apresentei. Recebeu-o o venerando paulista de modo lhano e captivante.

O Dr. Prudente sabia, por meu intermedio, da injustiça soffrida por Fontoura, demittido, sem o menor motivo, de consul geral do Brasil em Buenos-Aires, e promettera estudar esse caso em momento opportuno. Não deixou de cumprir a palavra, pois, assumindo o governo, reintegrou-o, despachando-o para New-York.

E—ainda mais—sobre o assumpto teve a extrema bondade de me escrever, dando tão grata nova.

Guardo, com religioso carinho, as muitas cartas, algumas importantissimas, que me dirigiu, até fins de 1902, vespervas de sua morte, o honrado ex-chefe

da Nação, exemplar completo da mais genuína honradez e de esclarecido patriotismo.

Mas, cumpre obedecer á ordem chronologica destas reminiscencias e, especialmente, tratar d'*A Semana*.

A 13 de Outubro apparecia o n. 63. Ante a impossibilidade em que se vira o Dr. J. J. de Sequeira de realizar a compra da folha, tive que assumir sósiinho a sua complela responsabilidade. As difficuldades financeiras da época e o terror, cada vez mais crescente, em que se vivia, sob a ameaça de não onsentirem os partidarios do marechal Floriano nas posse do Dr. Prudente, tiveram a sua natural repercussão na vida economica de todos, e *A Semana* não podia ser excepção. Folha exclusivamente literaria, sem ambições, sem outros anhelos, além dos que dimanavam dos nobres desejos intellectuaes, via-se em contingencias desfavoraveis e, para removel-as em parte, tive necessidade de gravar modestissima propriedade.

O n. 63 bem exprime esse estado de cousas, não obstante a collaboraçãõ apreciavel de Escragnolle Doria, Francisca Julia, Garcia Redondo, Carlos Seidl e Henrique de Sá.

Mais animador o n. 64 — 20 de Outubro, — com

esplendida chronica de João Ribeiro, que tambem dava uma poesia; um artigo de Araripe Junior sobre o opusculo de Pardal Mallet—*Pelo Divorcio*, e um conto de Escragnolle Doria.

Nesse numero estampavamos o resultado do terceiro concurso literario, publicando o primeiro premio de poesia, alcançado por Silvio de Almeida.

O n. 65—27 de Outubro—trazia a chronica de João Ribeiro, poemetos em prosa de Escragnolle Doria, o incansavel companheiro, versos de Sabino Baptista, Themistocles Machado, Americo Moreira. Davamos tambem o segundo e terceiro premios de poesia, obtidos por Francisca Julia e João Andréa.

Novo companheiro,—velho na estima,—surgia com o n. 66, de 3 de Novembro, Xavier da Silveira Junior, que traçava a *Historia dos sete dias*. Araripe continuava no magistral *Retrospecto*, Doria dava um conto, Francisca Julia um soneto. Além disso, as secções habituaes, sempre interessantes. Annunciavamos igualmente as melhores de Lucio de Mendonça, que, havia algum tempo, padecia de grave enfermidade.

Delle, com effeito, partiam, de Christina, Minas, as seguintes linhas, datadas de 27 de Outubro:—
«Meu caro Max. Recebe, de uma vez, um grande, cordeal—obrigado—feito de muitos outros, pelas rei-

teradas visitas, pelo cuidado e interesse que manifestas por mim, pela amabilidade da remessa de livros e jornaes. Tenho tido aqui muitas melhoras, que me dão certeza de proximo restabelecimento: ainda não sei, porém, o tempo certo em que possa voltar á casa, ao trabalho e á bella convivencia d'*A Semana*. Dá saudades ao João, ao Dr. Doria (a quem muito agradeço o cartão que me enviou), a todos os companheiros, e aceita-as de teu *ex corde*—*Lucio*.»

Passados dias, vinham-me estas outras:—«Christina, 5 de Novembro de 1894. Meu caro Max. Saúde e páz, a V. e aos alegres companheiros d'*A Semana*. Continuam-me as melhoras: já espero não precisar exgottar a licença, que vai até ao fim do anno. Dize, porém, ao *baccarat* que não conte mais commigo: si me apanho outra vez com saúde, entro numa vidinha de hygiene e de virtude austera, que ha de ser cousa edificante. Espero, com certa anciedade, ver passado o dia 15; não creio, a despeito dos boatos, que haja qualquer perturbação de ordem; mas, em todo caso, e por todas as razões, lamento não poder ahi estar nesse dia. Adeus. Saudades aos companheiros. Abraça-te o amigo — *Lucio de Mendonça*.»

Valentim escrevia-me de Paris, a 16 de Outubro, ancioso por saber do que occorrera com *A Semana*, de

cuja situação precaria lealmente o havia eu scientificado. Em tal carta, depois de se occupar de nossa folha, dizia:—«Muito amavel o cartão do Prudente. Vou responder-lhe em carta longa e importante, de que te darei amplo conhecimento. Attenção:—Estou organizando uma campanha na imprensa parisiense (a menos ruim) em favor do Prudente, para preparar-lhe o advento do seu governo. Dará principio um *interview* politico a seu respeito, que terá logar entre mim e um redactor de jornal grave (talvez o *Temps*) ao qual se seguirá um artigo meu na *Nouvelle Revue* e outros editoriaes, de varias folhas. Essa campanha, dirigida por mim e a mim devida, auxiliada ainda pela influencia do Assis Brasil (que está aqui e está ainda mais meu amigo do que dantes, que não quer separar-se de mim um momento) e com a tua habil e assidua intervenção junto do homem, deve dar como resultado a minha nomeação para uma commissão especial na Europa. Conta-me minuciosamente as occorrencias politicas, o estado das cousas; o que se diz, o que se espera, o que se prepara... Que te direi de Paris? Faltam espaço e tempo. E' a minha cidade. Até hoje o que mais me deslumbrou foram a *Venus de Milo* e o passeio ao *Bois*. E' uma delicia viver aqui. O diabo é o frio, que vae ficando terrivel. Apanhei um

defluxo *onça*. Devo estar brevemente com o Sardou e com o Zola. Estive hontem com o Eça :—encantador. Breve visitarei Mme. Adam. Já conheço varios jornalistas : todos *blagueurs*. Vi o *Severo Torelli* na Comédie. Que bella cousa! Adeus.—Teu—*Valentim.*»

Em carta subsequente observava :—«Fizeste muito bem em vender a folha ao Sequeira ; approvo plenamente esse acto, porque era a melhor solução possível, nas condições em que te encontraste.»

Não havia tido tempo o amado companheiro de saber que o negocio se desfizera e que eu fôra obrigado a grande sacrificio, prologo de outros maiores.

A 10 de Novembro apparecia o n. 67 com a chronica de Escragnolle Doria, de quem igualmente publicava o bello conto — *Sangue Iscariota*, — primeiro premio de prosa do terceiro concurso. Dava mais : —versos de Themistocles Machado, Thaumaturgo Vaz e duas esplendida traducções, feitas por João Ribeiro, de versos de Garcia Merou e Garcia Mansilla.

Foi por esse tempo que Garcia Merou, então ministro da Republica Argentina, começou a frequentar diariamente o *bonde*, requintando em delicadezas e tornando-se amigo inseparavel do autor destas linhas, cuja companhia reclamava incessantemente.

Typo digno de analyse o Sr. Merou, a respeito

de quem Araripe, a meu pedido, escrevera magistral estudo de critica literaria. Cheio de altos e baixos, unctuoso ás vezes, rebarbativo outras, Merou se me affigurava um enjaulado moral. De uma feita, em Petropolis, após longa palestra e na maior expansão de amigos, disse-lhe isto mesmo:—« Você parece que quer a cada momento fazer uma confissão, mas detem-se ». Riu-se e observou que não me achava longe da verdade. Depois caiu em meditação, para, dentro em pouco, alacremenente, convidar-me a um passeio a pé—muito devagar—pelas ruas lindissimas da cidade serrana.

Dei conta a Araripe do nosso modo de julgar-o e o eminente critico achou justissimo o conceito. « Elle tem de facto alguma coisa, que a todo o momento o apoquentá », ponderou o saudoso companheiro.

Possuo de Merou muitas cartas curiosissimas, extravazando protestos de estima e ás quaes quasi sempre acompanhava um novo obsequio. Tenho ainda a riquissima edição dos — *Chants du soldat*, de Paul Déroulède, illustrações de A. de Neuville, na qual escreveu o seguinte:—« *A mi querido y distinguido amigo —Max Fleiuss—en prueba de viva simpatia y de confraternidad intelectual—M. Garcia Merou.* »

◊ Demonstrações que se accentuaram para, de su-

bito, sem ter havido a menor causa, cessarem e tornal-o até clamorosamente injusto para com *A Semana*, que o acolhera carinhosamente...

Chegavamos, porém, a 15 de Novembro. As apprehensões eram cada vez maiores. Na vespera, no Hotel dos Extrangeiros, onde se hospedára o Dr. Prudente de Moraes, tinha-se a impressão de que havia qualquer cousa de muito grave a temer-se. Falava-se baixo, a medo; só o velho paulista conservava a mesma linha de serenidade de sempre.

Ao retirar-me para casa, no Cosme Velho, passei pela de Xavier da Silveira, que se mostrava também muito impressionado. O boato corrente,—a certeza,—dizei melhor, era a de um golpe de Estado na manhã seguinte:—dissolvidas as camaras, presos os politicos amigos do Presidente eleito e este, preso e deportado. Isso mesmo, em plena rua do Ouvidor, asseverava em fragil estado de lucidez, um capitão cujo nome calaremos, de cujas demonstrações accesas e espirituosas ainda ha bastantes testemunhas... Todos presenciáramos a maneira descortez do Marechal Floriano para com o Dr. Prudente, por ocasião de sua chegada ao Rio, a 2 daquelle mez. Não comparecera um só ajudante de ordens do Vice-Presidente da Republica, um só de seus ministros.

Não parecia tratar-se do estadista a quem dentro de alguns dias devia ser entregue o governo do paiz.

Nos quartéis, havia movimentos anormaes. A mocidade militar não occultava a sua aversão ao futuro Chefe do Estado e o populacho açulado criava-o de alcunhas... Tudo isso emprestava aos boatos a apparencia de proxima realidade.

De Paris, Valentim, em carta desse mesmo dia, patenteava identicas impressões. A ascensão do Dr. Prudente era, ainda na vespera, considerada uma hypothese... E diz-se que só á ultima hora se mallograram os planos tenebrosos.

No palacio Itamaraty, no proprio dia 15, depois da posse, o almirante Elysiario Barbosa, novo ministro da Marinha, conversando com o autor destas reminiscencias, mostrava-se apprehensivo e « não sabia si o palacio dentro em pouco se não converteria numa prisão ! »

A 17 de Novembro publicava-se o n. 68, com uma esplendida chronica de Xavier da Silveira, escripta, sente-se bem, sob a influencia do momento politico. Inseria tambem o numero o trabalho do Sr. Armando Erse (João Luso) : — a *Cartóla do Regedor*, — premiado, em segundo logar, no terceiro concurso. Hesitára o brilhante literato em apresentar esse tão

justamente laureado conto ao certamen e só o fez devido a insistencia minha.

Mas, a situação economica da folha de novo se aggravára. A typographia onde era impressa passára ás mãos de um gerente intoleravel, que augmentou todos os preços e intempestivamente entrou a fazer mil exigencias, sem ter para isso razão de ordem alguma. A sua alma de judeu era, porém, do tamanho do seu corpo de anão. Em breves annos teve o premio merecido, dando com o estabelecimento em pantanas.

Representou, pois, ingente esforço o apparecimento do n. 69 — 25 de Novembro, numero evidentemente fraco, a despeito da collaboração de Escragnelle Doria, Henrique e Valentim Magalhães e Gervasio Fioravanti.

Suspendi logo depois a publicação com a esperanza de podel-a restabelecer sem demora. Tentaria novos esforços, procurando ampliar a esphera de acção d'*A Semana*; contava com escolhido corpo de redactores — amigos dedicadissimos, — entre os quaes cumpre incluir Raul Pompeia — o magno artista da prosa — hoje só lembrado de poucos, digno, entretanto da consagração de uma herma, em marmore ou bronze, num dos nossos jardins publicos.

Suppunha conseguir a impressão, não gratuita, mas em condições favoráveis, na Imprensa Nacional. E de certo a alcançaria, si não fosse a incurável myopia mental de dois burocratas, de quem se arreceára o novo Ministro da Fazenda, não obstante meu amigo e admirador d' *A Semana*. Trabalharia, e neste empenho não desfiz o escriptorio, continuando diariamente as *viagens do bonde*, todos confiáentes na proxima resurreição da folha.

Lucio de Mendonça escrevia de Christina, a 25 de Dezembro: — «Meu caro Max. Boas e alegres festas, a V. e mais companheiros d' *A Semana*. Livre do *beriberi*, estou á espera de que se regularizem as condições da viagem, para voltar; como está agora, com as exigencias sanitarias, é impossivel para quem, como eu, leva a companhia de tres crianças. Quanto á *Semana*, não desanimes; mas, si obtiveres a publicação na Imprensa Nacional, é indispensavel eliminar o meu nome da lista dos redactores, para evitarmos a malevolencia dos commentarios. Adeus. Teu — *Lucio*.»

O unico desanimado era o Valentim, que me dizia de Paris: — «Avalio os teus nobres esforços e sacrificios, meu velho. Sou delles a melhor testemunha. Não podias de certo continuar a fazel-os. Foste

um heróe. Lamento e sinto — bem pódes imagina-lo — essa catastrophe. Não tenho infelizmente, como tu tens, esperança nenhuma de ver resurgir *A Semana*; não confio nessa tentativa da empresa, por muito que trabalhes. Esqueceste já as decepções e canalhadas de que fomos viciimas, quando fundámos a folha? Não quero desanimar-te, no emtanto.»

Lembrei-me, a principio, de constituir uma sociedade e neste proposito fiz distribuir os seguintes prospectos: — « *A Semana* — Á vista da geral acceitação que tem merecido esta revista literaria, que, havendo tentado a sua nova phase em Agosto de 1893, cumpriu até hoje com o maior escrupulo todos os pontos de seu programma, resolveu a sua directoria propor a formação de uma empresa para que com o auxilio de maiores capitaes possa ser augmentado o numero de paginas, dar sempre illustrações, estabelecer secções que tratem de assumptos da politica mundial e outros até aqui não incluídos na folha, tornando-se deste modo *A Semana* um periodico mais interessante ainda e tanto quanto possivel semelhante aos — « *Annaes Politicos e Literarios* », de Paris. Para levar a effeito esse commettimento, *A Semana* passa a ser constituida por uma empresa com o capital nominal de 60:000\$, dividido em 1.200

acções de 50\$ cada uma. Os accionistas realizarão immediatamente 50 0/0 de cada acção».

Dirigi-me a diversos capitalistas, que me encheram de futuras promessas e... mais nada!

Foi, então, que o Sr. Edgard Gambaro, um dos directores da companhia de seguros de vida — *A Educadora*, — de que Valentim era presidente, resolveu entrar para *A Semana*, uma vez que a elle me associasse.

Effectivamente, a 1 de Fevereiro de 1895 firmavamos um contracto assim resumido:

«Max Fleiuss e Edgard Gambaro, á vista da dissolução da antiga razão social da revista *A Semana*, por desistencia de Max Fleiuss, maior quinhonista e maior credor da antiga *Semana*, do Dr. Valentim Magalhães, tambem quinhonista e director effectivo da revista, e por cessão completa e documentada de outros quinhonistas, formam, por este meio, contracto de sociedade sob a firma social — E. Gambaro & Comp. — para a manutenção da revista *A Semana*, sob as seguintes condições: 1.^a...; 2.^a O capital social será de dez contos de réis, que E. Gambaro e Max Fleiuss se obrigam a fornecer em partes eguaes, — por prestações proporcionadas ás necessidades da manutenção da folha e aos compromissos

para com os credores da sociedade ; 3.^a...; 4.^a...; 5.^a A direcção da relação pertencerá exclusivamente ao director socio Max Fleiuss, a quem competirá manter, dispensar e admittir redactores, colaboradores, correspondentes e todos os auxiliares; 6.^a A administração pertencerá exclusivamente ao socio gerente Edgard Gambaro, a quem competirá nomear empregados, agentes, banqueiros e fornecedores da empresa e dirigir toda a parte economica da folha ».

As outras condições dispensam transcripção.

Salientarei desde logo as declarações escriptas da desistencia dos quinhonistas Valentim Magalhães, Henrique de Sá, A. Bezerra de Menezes, Arthur Getulio das Neves, Joaquim Abilio Borges, Fontoura Xavier e Lucio Martins Esteves, que só desejavam o reaparecimento da folha, abrindo generosamente mão de qualquer interesse pecuniario.

Constituida de novo, *A Semana* resurgiu brilhantemente a 2 de Fevereiro de 1895 — n. 70, — com uma hilariante chronica de Urbano Duarte, o *Retrospecto literario* de Araripe Junior, um soneto de Antonio Salles, um artigo de Valentim sobre a Academia Franceza, poemets em prosa de Escragnolle Doria e outros escriptos interessantes.

Devo consignar que de prompto satisfiz á minha contribuição social, entregando ao Sr. Gambaro a quantia de cinco contos, do que guardo documento, obtida com a alienação de um pequeno predio.

Cumpre dizer alguma cousa sobre o Sr. Gambaro. Era, sem duvida, um homem activissimo e intelligente. Na gerencia da — *Educadora* — trouxe aquella companhia valioso concurso material. A par disso, porém, como tive ensejo de verificar, era anarchico em suas deliberações e prodigo nas despesas.

O serviço economico d'*A Semana* fazia-se regularmente com um caixa-guarda-livros, um contínuo-dobrador, um expedicionario, tambem incumbido do recebimento dos annuncios e da venda avulsa, e de um servente.

Era o sufficiente. Pois o Sr. Gambaro nomeou um guarda-livros, um chefe de contabilidade, um ajudante, dois continuos, sem prejuizo do pessoal anterior.

A isto accrescente-se outra serie de despesas superfluas, que não esmiuçarei.

Sem tardança observei delicadamente o que me parecia, retorquindo-me que ahi residia o seu plano, pois a perfeita organização commercial da folha seria

o seu successo, ainda mais com o amparo decisivo da *Educadora*.

A alguns amigos, que me felicitaram pelo reaparecimento, respondi que o mal não havia cessado de todo, sendo opinião minha que o futuro da revista não estava assegurado. Houvera, quando muito, uma dilatação do perigo.

Não obstante, continuei a cuidar d'*A Semana* com o maior carinho.

A chronica de n. 71—9 de Fevereiro—abriu com um bellissimo preito de Silva Ramos á memoria de Luiz Rosa, de quem Escragnolle Doria tambem tratava em linhas sentidissimas.

Araripe Junior continuava no *Retrospecto*; apparecia de Valentim uma correspondencia; de Escragnolle Doria, um conto — *Flor de Antanho*; versos de Themistocles Machado e Sabino Baptista.

Já por esse tempo Lucio de Mendonça regressára de Minas; não nos tinha, porém, apparecido. Dizia-se prêtes a sua nomeação para ministro do Supremo Tribunal Federal; por esse motivo enviei-lhe um tinteiro com que me brindára Fernandes Figueira e cubiçado por Lucio, que, entretanto, só o desejava possuir quando realizada a grande aspiração de sua vida publica: a investidura no Supremo Tribunal.

Em resposta, recebi esta carta: — « Meu caro Max. Muito cedo mandaste o linteiro! e vae ficar guardado até que se realize (si algum dia se realizar) a condição da dadiva. Antecipo-te, entretanto, os meus agradecimentos. Não tenho apparecido, por não ter ainda em ordem a casa e a vida.—Teu *Lucio de Mendonça* ».

As apprehensões de Lucio não procediam: dentro de pouco tempo foi nomeado para o alto posto judiciario e prezo-me da contribuição, minima embora, que nisso tive.

De Valentim chegava-me ás mãos uma carta de Paris, em que insistia no justo desejo de obter uma collocação qualquer na Europa.

Nesse sentido pedia-me a intervenção junto ao Dr. Prudente de Moraes, dizendo-me, entre outras cousas:—« Com esta receberás tres cartas para o Antonio Olyntho, Carlos de Carvalho e Gonçalves Ferreira. Lê e entrega-as pessoalmente, conversando com os destinatarios sobre o seu contexto. Só ao Gonçalves Ferreira é que ataco directamente a questão. Vae tambem uma para o Rodrigo Octavio. Entrega-lhe e pede-lhe a cousa *carrément*: elle póde conseguir muitissimo. E, principalmente, em todas as palestras com o Prudente, fala em mim, dize o

que tenho feito na Europa. Mostra-lhe os meus artigos do *Seculo* e da *Justice*. Sinceramente e sem vaidade, aqui entre nós, penso que o Governo será muito idiota, si não me aproveitar para alguma cousa, uma vez que aqui estou.»

Ocioso será dizer quanto me empenhei, alcançando por fim, no ministerio do Dr. Antonio Olyntho, uma commissão que o dilecto companheiro, porém, não quiz aceitar.

A 16 de Fevereiro apparecia o n. 72, com o final do *Retrospecto Literario* de Araripe Junior, versos de Francisca Julia, Henrique de Magalhães, Dias da Rocha, poemeto em prosa de Escragnolle Doria, um artigo de Valentim sobre Pardal Mallet.

Nesse numero iniciava effectivamente Raul Pompeia a sua collaboração, publicando o primeiro canto do *Spectro Sentimental*.

Concluindo o *Retrospecto de 93*, disse Araripe: — «Findo aqui a minha fastidiosa viagem através do anno de 1893, com os mais ardentes votos pelo futuro d'*A Semana* que, renovando o meio literario no qual cahira a mais negra das apathias, conseguiu, quando todos só cuidavam em defender-se de granadas, ou atirar granadas, attrahir a attenção dos homens de letras e de um limitado publico, dando

movimento e excitando a cobiça esthetica pela abertura dos concursos».

Bellas palavras, recompensa de esforços desinteressados, de verdadeiros sacrificios, premio de quem, por sua alta comprehensão intellectual, o podia plenamente conferir !

Por esse tempo, o Sr. Garcia Merou — sempre gentil — offerencia um banquete á *Semana* e ao seu director interino, seu joven amigo, disse, e a quem queria como a um irmão.

João Ribeiro reaparecia na chronica do n. 73 — 23 de Fevereiro. — Araripe Junior tratava do livro de Viveiros de Castro — *A Nova Escola Penal* ; Pompeia inseria o segundo *Spectro Sentimental*, Escra-nolle Doria — um conto — *Um simples*—dedicado ao seu glorioso tio — Visconde de Taunay, Julia Cortines dava versos admiraveis, Henrique de Sá mantinha os seus *Cavacos Medicos*, sempre apreciados, D. Maria Clara da Cunha Santos collaborava com inspirada poesia.

Tres dias depois, a 26, recebia do muito prezaão amigo Alberto de Oliveira um cartão autographo, assim concebido : — « Max, olha o que me prometteste : o artigo no proximo numero d'*A Semana* sobre a infamia irrogada contra o meu nome e ultimamente

trazida ao conhecimento do publico por uma publicação inserta nos *A pedidos do Jornal do Brasil* e firmada por um dos calumniadores, demittido a bem do serviço publico. Quero ver teu protesto.»

Effectivamente, em o numero 74, de 2 de Março, escrevi extensa nota, tratando do caso e terminando do seguinte modo:—«Alberto de Oliveira jámais deixará de ser o homem digno da estima e da admiração de todos os que professam os sentimentos da honra e que, em vez de terem a alma cheia de indignidades, a têm completa de qualidades nobilissimas, como a do grande poeta.»

Muito interessante esse n. 74, com apreciaveis trabalhos de Escragolle Doria, a continuação da analyse da *Nova Escola Penal* de Viveiros de Castro, devida a Araripe Junior, versos de Themistocles Machado, um admiravel conto de José Vicente Sobrinho,—*O Invalido*,—que legitimos applausos conquistou. Reproduzia tambem um conto de Franklin Tavora, o insigne homem de letras cearense, de quem hoje ninguem fala.

Entrou em tal occasião para *A Semana*, como sub-secretario, o Sr. Eduardo Saboya. Era um nome que apparecia firmando apenas alguns contos, mas cheios

de côr local e denunciando um espirito que se desdobraria.

Moreno, agreste, a fumar um charuto que lhe tomava a boca inteira, pouco sociavel, Saboya surgiu, todavia, em nosso meio, muito sympathicamente, pelas demonstrações de uma intelligencia superior. Não lhe tardaram as victorias na vida. D'A *Semana* passou para outros jornaes, depois foi, com Felix Pacheco — outro bellissimo talento — redactor do *Debate*, partindo dahi para a carreira politica, que o empolgou, retirando-lhe os triumphos literarios, mas dando-lhe em troca uma cadeira na representação nacional. Possuo de Eduardo Saboya uma infinidade de cartas, todas de character intimo, que bem lhe revelam as qualidades d'alma e de intelligencia; conservo-as todas em lembrança dos bellos tempos do nosso convivio. Como muitos outros, Saboya encontrou n'A *Semana* o meio que mais concorreu para a formação do seu espirito.

Outro cearense, que ao mesmo tempo nos visitou, não nos frequentando, porém, foi o Sr. Frota Pessoa, apresentado pela seguinte carta de Themistocles Machado:—«Fortaleza, 1.º de Fevereiro de 1895. Meu caro Max. E' portador desta um amigo a quem muito estimo e a quem desejo que estimes tambem:

é o Frota Pessoa, um rapaz de talento e de criterio que ahi vae estudar engenharia. Frota não é um desconhecido, tem escripto varias vezes na *Gazeta* e quero que o aproveites n' *A Semana*. É elle ahi meu representante. Faze de conta que é a minha pessoa. Conversa com elle relativamente ao Centro, elle te informará criteriosamente do movimento literario desta terra. Ouve-o e ficarás sabendo que tem garrafas vazias para vender. Escreve-me e abraça o teu *ex-corde*—THEMISTOCLES.»

A 9 de Março apparecia o n. 75, com o inicio do bello estudo de Araripe Junior sobre o Sr. Garcia Merou, que dias antes me escrevera nestes termos — « Mi distinguido amigo Max Fleiuss: — Tengo el gusto de enviarle, rogando-le se los trasmita al eminente critico Araripe que va á hacerme el honor de ocupar-se de mis trabajos de *amateur* algunos rasgos biográficos, los articulos del visconde de Tournay, y un retrospecto literario de la *Prensa*, que acabo de recibir y que se ocupa de mis últimas publicaciones, — y con el objeto de que vea el juicio que, a mi respecto, forman mis compatriotas. — Tambien le mando el único ejemplar que existe en mi poder de mi novela *Ley Social*, ensayo poco feliz y demasiado juvenil, en un jénero que no he vuelto

á afrontar. Con esto y con mis libros *Estudios Literarios e Impresiones* tiene completa mi obra de diletante diplomático y literario. Temo que la exhibición de tan modestos títulos desanime al crítico — De todos modos, puede V. asegurarle que mi gratitud será eterna, por la buena voluntad con que ha querido ocupar-se de mi humilde personalidad. *Tout à vous* — M. GARCIA MEROU. »

Além desse artigo de Araripe, apparecia outro, conclusão do estudo sobre a *Nova Escola Penal* de Viveiros de Castro; um magistral conto de Valentim — *Theorias...*; o *Spectro Sentimental* de Raul Pompeia; a *Embossada* de Eduardo Saboya; versos de Machado de Assis, Antonio Salles, Henrique de Magalhães, e uma humoristica apreciação dos jornalistas da epoca, por Urbano Duarte. Agradou muitissimo esse numero; foi preciso repetir a edição e isso fez recordar os periodos aureos e — quem sabe? — acreditar na sua volta...

Relativamente fraco o n. 76, de 16 de Março, a despeito da chronica de Escragnolle Doria, que tambem publicava um conto, da continuação do estudo de Araripe Junior sobre Garcia Merou e de algumas transcrições felizes.

De Lisboa, recebia uma carta de Valentim, muito

enfadado com o silencio dos seus companheiros de direcção na—*Educadora*—e prevendo mil dissabores. Noutra carta, chegada dias depois, dizia elle:—«Quasi não tenho feito mais nada na Europa siuão escrever-te! Mas não faz mal: tenho nisso vivo prazer e faço o mesmo que tu, que tens sido um bom e grande amigo, e o tens provado justamente quando é mais difficil e melhor proval-o: na ausencia. Adquiriste um compartimento especial no meu coração, um gabinete particular, onde só é permittido *manger écrire* a tres ou quatro.»

A chronica do n. 77 (23 de Março), devida ao *Padre Antonio Pereira Filho* (Araripe Junior), foi a nota principal desse numero, que tambem trouxe o estudo sobre Garcia Merou, a traducção dos—*Cégos*, de Mauricio Maeterlinck, feita por Escragnolle Doria, e outros artigos interessantes.

Valentim, em data de 7 de Março, escrevia, de Lisboa, a seguinte carta:—«Meu querido Max. Venho com minha mulher do theatro Gymnasio, onde assistimos á 1.^a representação da—*Madrinha de Charley*, com estação pelo Café Montanha, onde ceiamos, e sento-me a escrever-te, para aproveitar um portador directo, que parte amanhã para o Brasil. Lisbôa está em festa—as festas ao João de Deus, que faz annos

amanhã. A cidade está cheia de estudantes, vindos de Coimbra, Porto e Braga, para tomarem parte nas festas. Haverá amanhã um grande cortejo civico, espectáculo de gala, etc. O pobre João de Deus é que deve estar furioso, elle, que é a modestia em pessoa e detesta o ruido e a *réclame*. Como lembrança desta bella festa, mando-te uma caixinha com 10 cadernos de papel — João de Deus, os quaes repartirás contigo, Lucio, João, Gambaro, Americo, Silva Ramos, Henriques—de Sá e Magalhães, Doria e Urbano. Fui convidado a falar amanhã em uma das festas. — Com esta e a caixa de papel envio-te um pacote de jornaes de hoje, em que lerás (com grande prazer, estou certo) noticias da primeira conferencia por mim realizada hontem sobre a Literatura Brasileira. Verás por ellas que obtive um grande successo. (Nota que nenhuma das noticias foi por mim pedida : aqui nada peço). Estou muito contente com o resultado da primeira conferencia. Fui ouvido com grande attenção por um auditorio escolhido e applaudido com enthusiasmo.

Agora que conheço o meu auditorio, estou muito mais seguro do successo na segunda conferencia (que será no proximo dia 11), espero e conto agradar muito mais ainda. Vou ler versos dos principaes poetas. Espero que este serviço, que estou prestando á

literatura brasileira, será devidamente apreciado ahi. Fal-o valer diante dos jornaes diarios e dá n'*A Semana* uma noticia-resumo da opinião dos jornaes. Sou o primeiro brasileiro que se lembra de prestar este serviço ás letras da sua terra. Procurei não esquecer ninguém de merecimento:—de certo esqueci alguns, mas a minha memoria nada tem aqui para ajudal-a. Propositalmente—só esqueci tres nomes X X X, pelas razões que conheces: o 1.º calou o meu nome no seu livro, citando os de muitos nullos; o 2.º é meu inimigo gratuito e feroz; o 3.º é um miseravel. Fiz do mestre Machado um elogio retumbante, proclamei-o mestre dos mestres. Meu nome começa a conquistar Lisboa e todo Portugal. Na maçonaria alcancei ha dias um triumpho estrondoso, fazendo os cento e tantos assistentes se declararem republicanos em uma estrepitosa ovação ás minhas palavras ultimas:—« A verdadeira fraternidade entre o Brasil e Portugal só se firmará, quando houver egualdade de instituições politicas entre os dois povos. » O *Seculo* publica o meu retrato e biographias depois de amanhã, e já não sei para quantos almanacks e revistas tem-se-me pedido o retrato. Fui eleito, sem a minima solicitação, socio correspondente da Sociedade de Geographia. Não me julgues vaidoso e ensoberbecido

com estes triumphos: estou apenas contente, porque elles vão reflectir sobre o nosso querido Brasil, que tanto mais amo quanto mais viajo. Tenho continuado a ser muito visitado por escriptores (José Antonio de Freilas, Monteiro Ramalho, Mariano Pina, Conde de Monsaraz, Thomaz Ribeiro, Gomes Leal, Alberto Pimentel, etc.). Tenho conservado a minha linha de altivez: só visitei, antes de visitado, o João de Deus. Sinto não ter versos teus para ler; mas citarei o teu nome, como de todo o rigor mereces.

E basta de falar de mim. Inclúo um soneto, e bom, do João Penha, expressamente para *A Semana*. Adeus. Teu, todo teu—*Valentim.*»

A 30 de Março apparecia o n. 78, com uma esplendida chronica de Urbano Duarte, o estudo de Araripe sobre Garcia Merou, um conto de Escragnolle Doria, que proseguia na traducção dos — *Cégos* de Maeterlinck, versos do Barão de Alencar, Joaquim de Araujo, Henrique de Magalhães e as secções habituaes.

Merece transcripção a seguinte carta de Valentim, datada de Lisboa a 10 de Março:—«Meu caro Max.—Escrevi-te ante-hontem por portador seguro, enviando-te um pacote de jornaes, em que ha noticias sobre a primeira das minhas conferencias, uma

caixa de papel «João de Deus» para distribuir pelos amigos e cartas e retratos para entregares. Has de receber esse carregamento apenas dois ou tres dias antes desta carta, si não receberes tudo ao mesmo tempo. Aproveito o *Danubio*, que parte amanhã, para accrescentar algumas linhas e remetter-te um artigo para *A Semana* com o titulo—*A glorificação de João de Deus*,— que vae com originaes manuscriptos e tres exemplares do *Seculo* de hoje, que traz o meu retrato e uma archi-lisongeira biographia. Si deixares de receber alguma dessas cousas, vae reclamar-a ao Correio. Como vaes ver do *Seculo* de hoje, o meu successo accentua-se e cresce e eu, estou aqui, estou cantando como o immortal Philippe :

Mas, si continúa
Successo assim tanto,
Acabo na rua
Do Espirito Santo !

Na noite do dia 8 em que te escrevi, fui convidado para a sessão solenne do *Atheneu Commercial* em homenagem a João de Deus, e a ovação que lá fizeram ao meu improvisado foi a maior da minha vida. O Theophilo Braga e o Manuel de Arriaga abraçaram-me entusiasmados. Estou passando aqui por grande orador ! Eu, que ahi nunca fui considerado nem grande

nem pequeno. De duas uma:—ou esta gente é muito... amavel, ou eu adquiri essa qualidade atravessando o Atlantico! Tem graça, não é?! Amanhã é a minha segunda conferencia sobre os poetas. No dia 13 é a terceira e ultima e no dia 14 —banquete que me vae ser offerecido. Si te eu dissesse que não estou contente, mentiria: mas a verdade é que eu o estou, principalmente porque tudo recae sobre o nosso amado Brasil. Viva o Brasil! Tenho feito por elle o que tenho podido. Reconhecel-o-á essa imprensa dahi, que, quando se refere a mim, só encontra a designação: o *senhor doutor*? Não sei; mas bem pouco me importa isso. O que me importa é: em primeiro logar a sancção da minha consciencia e em segundo o applauso dos meus amigos. Estão contentes commigo? Estão? Ainda bem si estiverem, porque contentissimo estarei. Transcreverás n'*A Semana* o artigo do *Seculo*, si assim o entenderes. Estou cumprindo a promessa que te fiz e ao Gamba: estou trabalhando para a folha. Não muito; porque me falta tempo; mas tanto quanto posso. A 16 ou 17 devo partir com a minha Dudú para Sevilha, directamente, e dahi, depois, para Madrid, Barcelona, Marselha, Italia e Paris, si me vier o reforço de fundos que pedi ao Reis. (Enquanto escrevo, riem e palestram no quarto con-

tigo alguns estudantes que vieram para as festas ;
 um delles tem a risada tão parecida com a tua, que
 me dá impeto de gritar-lhe: « *O' Fleiuss ! Vem cá !*)
 Tenho muitissimo que te dizer e contar, mas não
 póde ser por carta : não ha tempo para escrever
 tanto e enorme seria a despesa com os sellos. Fica
 para a minha volta, que a mim mesmo já me vae pa-
 recendo retardada. Já agora, porém, que o sacrificio
 está feito, melhor será completal-o. Teu do coração
 — *Valentim* ».

O n. 89 foi publicado a 6 de Abril, trazendo a
 chronica de Escragnolle Doria, o estudo de Araripe
 sobre o Sr. Merou, o artigo de Valentim sobre João
 de Deus e o seguinte bello soneto de João Penha :

EVOLUÇÃO PERPETUA

Não te canses no estudo incerto e vario
 Do problema final da vida eterna :
 Depois da morte, « nada! » é voz moderna (*),
 Que se perde nas rochas do Calvario.

Sombrio como um doente imaginario,
 Apavora-te o Espectro que governa
 No palacio dos reis e na taberna :
 A da fouce e do lugubre sudario.

Mas coragem ! não chores sem motivo !
Nem mais andes assim, na morte absorto,
Que no mundo o prazer é fugitivo.

Toma alentos num calice de Porto ;
Si, para se morrer basta estar vivo,
Para se resurgir basta estar morto.

20—2—95.

JOÃO PENHA.

(*) *Post mortem nihil est.*

A 13 de Abril davamos o n. 80, tambem interessante, pelos trabalhos de Escragnolle Doria, Araripe Junior, Henrique de Magalhães, Sabino Baptista e Freitas Guimarães.

Quanto ao lado economico, as cousas não corriam bem e o Sr. Gambaro queixava-se da exiguidade do nosso capital ; mas nem por isso cogitava de diminuir o pessoal... inutil.

Os enthusiasmos de Valentim pelas cousas portu-
guezas e principalmente o seu artigo denominado —
A glorificação de João de Deus—irritaram os zelos ul-
tra-nativistas de Lucio de Mendonça e Araripe Ju-
nior, aos quaes logo se alliou Raul Pompeia. Os dois
primeiros—velhos e dedicados amigos de Valentim
—julgaram-se autorizados a tomar-lhe contas. Pedi-

lhes que evitassem o assumpto; não me attende-ram, porém, dizendo «tratar-se de simples divergen-
cia litteraria entre amigos, da qual não poderia advir
a mais leve solução de continuidade nas boas—nas
optimas—relações que mantinham e manteriam com
o Valentim».

Conhecedor do character impressionavel do amigo
ausente, ponderei não pensar do mesmo modo, pois
Valentim estava realmente penhorado pelo cavalhei-
rismo com que o acolhiam em Portugal: para cor-
roborar, mostrei trechos de cartas, alguns publicados
nestas chronicas, e a tudo isso Lucio declarou assu-
mir plena responsabilidade do revide e que, para re-
salvar a minha posição de amigo, escreveria ao Va-
lentim — «dando-lhe noticia das *tremendas sóvas* que
elle e o Araripe lhe preparavam». Si assim disse,
imediatamente o cumpriu. Sinto não ter guardado
uma copia dessa carta, na verdade espirituosissima.

Nada mais me era licito objectar. Previ, porém,
com segurança, o resultado:—a corda sempre arre-
benta pelo lado mais fraco.—Valentim ficaria melin-
drado e me attribuiria a maior parte na culpa. Isso
mesmo, em carta que tambem lhe escrevi, declarei
francamente, expondo todo o caso e mais os receios

do Sr. Gambaro de que, ante a attitude de formal recusa, Lucio e Araripe se retirassem da folha.

Os factos demonstraram cabalmente quanto estava de meu lado a razão, concorrendo implicitamente essa campanha,—brilhante, mas inutil,—para o desaparecimento da revista.

Mas vou continuar, obedecendo á ordem chronologica...

A chronica do n. 81, de 20 de Abril, em que Lucio tambem collaborou com um magistral conto — *A sombra do rochedo*, dedicado a Raul Pompeia, foi a nota sensacional do numero, rapidamente esgotado. Merece transcripta, para que melhor se avalie a feição combativa de Lucio.

«*Historia dos sete dias.* — Dos varios aspectos sob que podem ser vistos os sete dias que esta chronica ha de percorrer a vôo de borboleta, o mais interessante para nós tem de ser o literario. Deste ponto de vista, a ultima semana é tão pobre como todas as irmãs deste mez e anno, setimo da Republica.

Ainda continúa a ser assumpto nas rodas literarias, entre as quaes o *bond* da *Semana* tem logar conspicuo, a commemoração feita em Portugal ao seu poeta João de Deus Ramos; chegam-nos ainda, pelas folhas da nossa imprensa diaria, noticias e commen-

tos, estudos, anedoctas e impressões acerca da festa e do vate. Aqui mesmo, n'*A Semana*, demos sobre o objecto um artigo do nosso Valentim Magalhães, cantando pelo diapasão lusitano o genio e a gloria do senhor do *Campo de flores*.

«Critica, o que se possa chamar critica, ainda não se leu, nesta occasião, pela grande razão de não se haver escripto, do celebrado poeta e da sua obra poetica. Pomba e aguia, genio e anjo, e semelhantes metaphóras têm chovido de varias pennas portuguezas sobre o nome daquelle que nos é dado de lá como o primeiro lyrico da nossa terra, sinão da nossa lingua!

« Com milhões de raios, com todos os raios de Apollo! ou eu protesto, ou rebento! Não chego a dizer, como o Sr. Eça de Queiroz, nos *Maias*, que esse genio me parece um imbecil; mas digo e torno a dizer que esse grande poeta é um deslavado ver-sejador, um alinhador de versos prosaicos e frouxos, um poeta d'agua chilra, ou que, quando muito (como dizia o Joaquim Serra), sabe a caldo de couve com assucar.

« Primeiro lyrico portuguez... Não se dá maior desafôro! Então quem diz isto não sabe que em Portugal houve um carregador de lyra chamado

Bocage, antes do qual escreveu versos lyricos um certo Luiz de Camões, e depois de quem, si não mente a fama, cantou um chamado Almeida Garrett e trina ainda um tal Guerra Junqueiro! Isto para não recordar sinão os enormes, porque, na vasta multidão dos lyricos portuguezes, para achar melhor que o Sr. João de Deus Ramos, ha centenas de poetas, mortos e vivos, de Soares de Passos (o Casimiro de Abreu portuguez) para baixo e do Sr. Thomaz Ribeiro para cima.

«Primeiro lyrico da nossa lingua... Chega a ser engraçado de tão inepto. Em que idioma escreveu então Gonçalves Dias? não foram em verso portuguez as *Lyras* de Gonzaga? que lingua é a que canta e chora nos versos de Fagundes Varella? não seria em portuguez que se exprimiu na terra o genio poetico de Alvares de Azevedo? será em francez ou em grego, em sanscrito ou em hebraico, que Raymundo Corrêa faz versos?

«Vão-se para todos os diabos que os levem os admiradores do Sr. João de Deus Ramos, com as suas exaggerações idiotas, capazes de tirarem a paciencia a um santo e a calma a um sorvete.

«E o nosso Valentim, que, quando ler isto, ha de fazer caretas de contrariedade, si de uma vez não

desmaiar de raiva, lembre-se, antes de se extasiar deante do pardal dos Algarves, que temos por aqui, em qualquer logarejo da roça, ao norte, no centro, ao sul, por toda parte, muito mais bella poesia popular, poetas infinitamente mais inspirados, mais sentimentaes e mais artistas. Si lhe fosse a citar nomes, que elle melhor do que eu conhece, enchia toda esta pagina, toda esta revista inteira. Olhe o amigo, quer saber, franco e sincero, que poeta dos nossos me occorre comparar ao Sr. João de Deus Ramos? O Octaviano Hudson, o da *Musa do Povo*, e esse mesmo não sei si lhe diga que tinha mais vibração e mais estro, posto que não soubesse tão bem a lingua.

«Vá com esta, Valentim, e, para não pensar que isto é puro jacobinismo literario, fique sabendo que mestre Araripe Junior, o Taine cá de casa, não pensa diversamente a respeito do tico-tico das *Flores do Campo*, e é muito homem para pôr tudo isto em letra de fôrma, com todas as regras e circumstancias, e vingar, de uma vez por todas, o nosso gosto poetico, o nosso senso artistico, o nosso criterio literario, da grandissima pulha que você e mais portuguezes da outra banda estão a prégar-nos, com o seu João de Deus e de todo o mundo.

« Já agora, como o demonio da chronica está quasi consumida neste assumpto, vá que se acabe sem sair de letras portuguezas.

« Lêmos com muito gosto, outro dia, a noticia que deu *O Paiz* do banquete offerecido em Lisboa ao nosso director por homens de letras daquella terra, e achámos graça á idéa do mais graduado dos commensaes, o Sr. Thomaz Ribeiro, que vem para cá ministro plenipotenciario; é quando, num raptó de enthusiasmo casamenteiro e onze-letras, tanto quer apertar os nossos vinculos de parentesco moral que, atrapalhando noções geralmente recebidas, affirma que virá aqui manter relações fraternaes com os brasileiros e paternaes com os portuguezes.

« Ora, si não falham as regras, vem esta graciosa figura a collocar-nos como tios dos portuguezes, filhos daquelle nosso irmão.

« Pois eu, de minha parte e em nome dos povos de S. José de Cacaria, meu berço natal, fadado para grandes coisas, invoco todo o respeito que me devem os referidos senhores meus sobrinhos para lhes suggerir, a troco da bonita herança que lhes estou ajuntando num *prêgo* que estabeleci com o Max, a peregrina idéa de festejarmos a descoberta deste parentesco honroso com algumas garrafas de Porto de

1820, que a séde britanica, por mal informada, tenha porventura deixado ficar nalguma velha adega da sobrinha Lusitania.

«Ha de assistir ao regabofe o ladrão do padre Pereira Filho, que já está, aqui á keira, de beigo secco e luzio esbugalhado!

«Vae mesmo em estilo do Chiado, para fazer as pazes com Valentim Magalhães. — *Pedro Alves*».

Ao passo que Lucio assim se manifestava, Valentim continuava satisfeitissimo em Portugal, mas desconfiava do exito aqui dos seus successos. A seguinte carta, que recebi a 10 de Abril, é disso prova: — «Lisboa, 14 de Março de 1895. Meu caro Max. Por um interessado da — *Torre Eiffel*, enviei-te a 8 do corrente um bandão de cousas e a 10 mandei-te, além de outra e longa carta, tres exemplares do *Seculo* que publicou meu retrato e biographia, uma publicação feita em Paris em homenagem ao João de Deus e um artigo para *A Semana* acerca do grande poeta. Hoje, remetto-te com esta os jornaes que se occuparam com a 2.^a e 3.^a conferencias. Verás que o successo obtido com a 1.^a accentuou-se na 2.^a e foi estrondoso na 3.^a e ultima, realizada hontem. A sala estava repleta de poetas, prosadores e jornalistas (Monsaraz, Luiz Osorio, Teixeira de Queiroz, Dr.

Manoel de Arriaga, Magalhães Lima, Mariano Pina, Monteiro Ramalho, Alberto de Oliveira, Gomes Leal, Jayme Victor, Guiomar Torrezão, José Antonio de Freitas, Emygdio Monteiro, Raul Brandão, Luiz Guimarães, Luciano Cordeiro, etc.). Havia umas vinte e tantas senhoras e até tres padrés ! Pelo resumo do *Seculo* (feito por mim), ficarás sabendo o que fiz nessa conferencia, do que darás noticia detalhada e ruidosa, como das outras, n'*A Semana*. Foi um successão ! Abraços, palmas, flores... Estou com uma fama de orador enorme e o facto é que tenho falado bem, com uma calma e fluencia que me têm admirado ! Das cousas lidas, as que mais agradaram foram *Mal Secreto*, *As tres formigas*, *Ouvir estrellas* e o soneto do Henrique — *Cielo y mar*, que um dos jornaes chamou deliciosissimo. O tom masculino da Cortines desagradou, mas a Francisca Julia agradou muitissimo. Pareceu-me que, pelas leituras feitas, o agrado do auditorio classificou assim os poetas: 1.º, Raymundo; 2.º, Bilac; 3.º, Alberto; 4.º, Theophilo. Em summa: triumpho completo e magnifico para as nossas letras. A curiosidade publica está despertada; os jornaes pedem-me versos brasileiros. Tenho recebido rumas de livros offerecidos pelos autores com as dedicatorias mais lisongeiras; numerosas

visitas, cumprimentos, convites, etc. O meu discurso no *Atheneu Commercial*, na sessão ao João de Deus, fez um successo estrondoso e immenso — digo-t'o sem sombra de vaidade, friamente. Falou-se e ainda se fala delle em toda parte. Pódes imaginar quanto me alegra ver que não estou sendo inutil para minha patria no estrangeiro. Mando-te tres numeros do *Microbio*, com o meu retrato e umas linhas muitissimo honrosas. Si me nomeassem agora ministro do Brasil em Lisboa, eu seria levado em triumpho, taes as sympathias que já tenho e a campanha de confraternidade que tenho feito. Mas nada espero e nada peço. Dou-me por bem pago com a estima e consideração de que me sinto rodeado. *E que impressão tem feito tudo isto ahi? Dize-m'o com franqueza. Preciso saber-o positivamente, sem o menor subterfugio...* E' meia noite. Vou dormir. Continuarei amanhã...

« Realizou-se hontem o banquete que me offereceram varios escriptores e amigos, por iniciativa do Magalhães Lima. No *Seculo*, *Diario de Noticias* e *Correio da Manhã*, encontrarás e lerás a noticia detalhada desta festa. Foi encantadora de cordialidade e espirito. O Thomaz Ribeiro foi muito amavel; conversa muito bem. O Monsaraz gentilissimo. Fui muito feliz nos dois discursos que fiz: o 1.º, de agradecimento

a cada um dos offerntantes; e o 2.º, á imprensa portugueza, em nome da brasileira, que fôra saudada por B. Aranha. Mas, repito : *quero que tu me digas si tudo isso tem agradado ahi. Adeus. Teu—Valentim.* »

Deixo, porém, por momentos, a questão lusophoba, para volver ao n.º 81, que foi excellente, pois, além dos trabalhos de Lucio, nelle collaboraram Henrique de Magalhães, Raul Pompeia, João Ribeiro, e Alcides Flavio (Fernandes Figueira), este com o seguinte bellissimo soneto :

DEPOIS DO « INTERMEZZO » BRASILEIRO

(A *Max Fleiuss*)

Cantaste o eterno amor, e o amor eterno,
Que celebraste, viverá cantando
Na alma dos poetas, na do triste bando
Dos que escravlza um sentimento terno.

Lutas de amor, — o delicioso inferno, —
Sentindo, as descreveste a rir, chorando...
E hoje mil corações, premio superno,
Vão teus divinos versos murmurando.

Emtanto a gloria não te invejo. Invejo
Que ao mundo inteiro mostres extasiado
Quanto soffreu tua alma e teu desejo,

Pois de outros sei que amando — que ironia! —
Nem deverão siquer o nome amado
Tartamudear no extremo da agonia.

O n. 82, de 27 de Abril, abriu com uma chronica feroz de Araripe e que transcrevemos para aqui em sua maior parte :

« Porque Portugal vae celebrar o centenario de Santo Antonio de Lisboa ?

« O Sr. Theophilo Braga prégou-nos pelo *Jornal do Commercio* umas razões de Beato Angelico, que não calharam.

« Este exegeta perdeu para mim todo o prestigio, desde que se declarou muito lisonjeado com uma carta do defunto Camillo Castello Branco, pertencente á collecção do Visconde de Ouguela, na qual o Balzac de S. Miguel de Seide o mimoseia com um grande elogio « pelo couce serviçal » que deu em Alexandre Herculano.

« Si não havia outras, então era o caso de pedir por bocca, na ausencia de Tabarin, ao João Minhoca.

« E foi o que fiz.

« João Minhoca está hoje aposentado. As agitações politicas lançaram-lhe na alma um profundo desgosto de sociedade e obrigaram-no a abandonar o seu antigo campo de glorias, certo de que seria tempo perdido insistir na regeneração dos povos pelo exercicio da arte simples, chã e popular.

«Ah! quanto elle se enganava e quão perto estava a glorificação dos simples na pessoa de João de Deus.

« Fui, pois, intrevistar o illustre João Minhoca, que, segundo me informaram, se havia retirado para um sítio ermo, junto á ponta do Cavallão, em Niteroy.

« Encontrei-o, só, meditabundo, divagando pela praia, com o gesto impregnado desse vislumbre de videncia prophetica, que é o privilegio dos philosophos aposentados e dos idiotas.

« Falei-lhe, interrompendo-o sem hesitação, e elle, sem protestar, correspondeu á minha saudação com a candura do seu olhar de homem experimentado pelas vicissitudes da vida.

« As ondas marulhavam perto sobre a areia; e ao longe, no esfumado de uma tarde tropical, a Itapuca projectava o seu perfil tão explorado pelos aquarellistas.

« Interroguei o philosopho, que, ao receber em cheio a questão, se deteve e se poz a riscar na areia com um graveto.

«— Porque os portuguezes vão celebrar o centenario de Santo Antonio? Ou por outra: que motivos historicos determinaram a exaltação de um santo,

que tem sido tão malbaratado, agora injuriado pelas velhas alcoviteiras, mais adeante encarregado pelas moças de commissões de amor, quasi sempre assessor da canalha, dos taberneiros e dos desmiolados?

« Como Christo antes de dar a sentença sobre a mulher adúltera, João Minhoca riscou o chão, garantiu e tornou a garantir na areia caracteres mysteriosos; depois ergueu o rosto e disse:

«— Você, seu padre mestre, você é um gaiatão. Então não sabe?

«— Si soubesse, não procuraria consultar um simples.

«— Pois leia, neste caso, o auto da *Mofina Mendes*. Ouça o que dizia mestre Gil Vicente:

« Diz Francisco de Mairões
Ricardo e Bonaventura,
Não me lembra em que escriptura,
Nem sei em quaes distincções,
Nem a copia das razões;
Mas o latim
Creio que dizia assim:

Nolite vanitatis debemus confidare de his, qui capita sua posuerunt in manibus ventis. »

«— Mas que tem isto de commum com o Centenario Antonino?

«—O' Padre de uma figa, estás hoje com a moenda da memoria muito pouco azeitada! Não atinaste ainda com a charada? Pois t'a decifro eu. O Bandarra, entre as suas prophcias, deixou esta:—que tempo havia de vir em Portugal em que tolos voariam pelos ares e a pobreza seria tão grande que o Rei e toda a sua Côrte se reuniriam em Conselho, para, por decreto regio, dispensar Camões e seus successores, tangedores de gaita, do pagamento do imposto *dos tres pintos*. Ora, esse tempo de pobreza franciscana, annuciado pelo Bandarra, afinal chegou. Os tolos estão voando; os *simples* são elevados á categoria de pontifices; e, como não ha nem dois caracões no erario publico, os portuguezes, que viviam a metter Santo Antonio no fundo de um poço, por menoscabo, em honra d'elle, o padroeiro dos humildes e dos pobres, lembram-se agora de celebrar o 7.º centenario. Ao que parece, porém, o santo não está muito satisfeito, por terem-no equiparado a João de Deus, poeta, que, em sua candura, ficou nú na presença do Senhor; e disse aos embaixadores, quando o buscavam para o *engrossamento*:—Ah! vocês procuram-me agora para livrar-lhes o pae da forza? Pois vieram tarde. Vão para os inglezes ou para o diabo que os carregue! Eu sou o padroeiro sómente dos pobres de dinheiro;

não aceito zumbaias como padroeiro dos pobres de espirito.

«—Amen!—*Padre Antonio Pereira Filho.*»

Evidentemente esse aspecto d'*A Semana* não poderia ser tolerado por Valentim e novamente insisti no sentido de não se proseguir na campanha. Lucio e Araripe estavam, porém, enthusiasmados e tornaram a assegurar—que assumiriam toda a autoria do caso. Não obstante, consegui attenuar—e mesmo impedir—algumas considerações que se referiam directamente a Valentim, a quem puzemos ao corrente de todas as particularidades, salientando a verdadeira *pressão* do Sr. Gambaro, que não cessava de repetir:—*«o Lucio e o Araripe retiram-se da folha, si você continuar a oppor-se dessa fórma; elles são amigos do Valentim ha mais tempo do que você. . . »*

Essa campanha—é incontestavel—absorvia os numeros e dava-lhes saída.

Nos *Factos e Noticias* vinham as longas apreciações sobre os triumphos de Valentim em Portugal e nesse numero 82 transcreviamos da *Mala da Europa* a seguinte bellissima *Canção* do amigo ausente :

CANÇÃO

A THOMAZ RIBEIRO

Isto canta-me dentro, enche-me o coração,
Vae-me por alma afóra.

Alberto de Oliveira.

Não! não existe dôr: morte, infortunio, pranto,
Emquanto fores minha e meu o teu amor.
Jámais blasphemarei á Vida e ao Ser, emquanto
No coração sentir o teu calor, ó ave!
O teu perfume, ó flor!

Vives? O meu viver é limpido, suave...
Amas-me? A existencia é um cantico de amor...
Como sorri o azul! Como cantam as aguas!
Como me brilha n'alma a tua voz, ó ave!
Tua pureza, ó flor!

Vejo-te? Fogem logo em bando as minhas maguas...
Sorris-me? O sol é de ouro e de esmeralda o mar.
A vida é uma canção, o Universo um beijo.
Sinto falar-me Deus, ó flor, no teu bafejo!
O' ave, em teu cantar!

.....

Gemes? Vence-te a dor, vergas ao soffrimento?
Ai! já sei o que são prantos, maguas e dor.
O céu, piedoso e bom, ruge neste momento...
Dão-me a idéa da morte, ó ave, o teu lamento,
Tua tristeza, ó flor!

Sob a magua cruel, arfa-te o lindo seio
E vejo-te no rosto as lagrimas de dor.
Maldição! Já não creio em Deus, em nada creio,
Si de novo não canta, ó ave, o teu gorgueio,
Tua alegria, ó flor!

Valentim Magalhães

Ainda em o n. 83, de 4 de Maio, Urbano Duarte, novo alliado de Lucio e Araripe, sob o pseudonymo de—*Zéca*, estampava na—*Historia dos sete dias*—o seguinte :

« O padre Antonio Pereira Filho e o Pedro Alves entenderam fazer troça aos Srs. João de Deus e Santo Antonio, naturalmente despeitados pelos deslumbrantes festejos com que o velho Portugal celebra a gloria daquelles eminentes vultos.

« O filho de padre insinúa que os lusos povos, nessa commemoração do thaumaturgo, pretendem apenas fazer a apothéose da arrebentação pecuniaria em que vivem, depois que o máo estado do cambio brasileiro lhes suspendeu os viveres.

« Patriotice pifia e chilra.

« A verdade é que Portugal se agarra a Santo Antonio, da mesma fórma que um ancião, montado em ardego ginete, segura no cabecote da sella, vulgo *sant'antonio*, afim de não rodar de prôa.

« O cavallo, ou, antes, a egua cavalgada, é a civilização européa, cujo galope vertiginoso entontece e faz perder as estribeiras ao bom do velho.

« Famulento, isso é que não.

« Sei de fonte limpa que na ex-mãe patria ha muita gente que almoça e janta, mesmo com o cambio a 9.

« Amigo de lá recém-chegado, má lingua, affirmou-me que nove decimas partes da população conhecem a carne de vacca apenas como uma tradição saudosa, especie de lenda encantada, perdida nas nevoas azues do sonho de uma noite de verão; disse-me ainda que em Lisbôa se pôdem reconhecer perfeitamente os que se entregam ao luxo do bife, porque são tratados por *vossencia*.

« Ora, isto mesmo apanha a calumnia em flagrante, pois é sabido que na capital lusitana todos gosam de *vossencia*.

« Quanto ao João de Deus, as lambadas de Pedro Alves chegaram a doer em mim! Escapou-me da garganta um *ui!* involuntario.

« Sou admirador de João de Deus, porque sempre gostei dos poetas chorões, lamurientos, que nos produzem assim uma impressão mixta do piolho, remella e mingão sem sal.

«Especialmente saboreio aquelle soneto sentimental e famoso, todo cheio de *já se me vai, já se me foi, já se me ia, já se me venho, já se me fóra, já se me fosse, já se me vim.*

«Verdadeira *creação* literaria!

«Tambem *rafóllo* (si algum purista protestar, que vá á fava) aquelles versinhos que começam :

Si eu lhe pedir um beijo
Dá ?

.....

Tanto que procurei plagial-o, mas só saiu o seguinte :

Eu sou da terra do vata-
pá !
Onde se come muqueca, si-
nhá !
E, procurando mais rimas em
á,
Fiz uns versinhos de cacara-
cá ! »

.....

Tambem Lucio e Araripe, nesse mesmo numero, respondiam a Filinto de Almeida, que, pelo *Estado de S. Paulo*, saira em defesa de João de Deus.

«CARTAS INGENUAS—A *Justo Leal*—Justo Leal, do

Estado de S. Paulo, bonito pseudonymo entre cujas letras leio o nome de um velho, querido e illustre amigo, acode, fervoroso e solícito, em defesa do Sr. João Ramos, accusado por mim de não ser o primeiro lyrico de Portugal e da lingua portugueza, como, em momento de desvario ou de pilheria, quizeram de lá impingir-nos a nós outros cisatlanticos. E só porque eu protestei, já o meu amigo acha exquisito que eu proteste, e insinúa, nem leal nem justo, que eu não tinha nada com a vida dos outros e com as ovações que lá faziam ao seu vate delles. Perdão, cavalheiro, perdão! tenho tudo com isso, e passo a deduzir o meu direito, o meu rico direito, de intervir na festa.

«Ainda quando o Sr. João de Deus Ramos fosse unicamente acclamado primeiro lyrico portuguez, podia eu, posso e hei de poder gritar que não, que isso é um modo de falar, para não dizer logo que é uma maluquice ou peor coisa, pois, na minha qualidade de admirador das letras portuguezas, e de grande comprador de livros portuguezes como o são todos os homens de letras no Brasil, preciso, para meu desabafo pessoal e para advertencia util aos patricios incautos, clamar, reclamar, proclamar que não vaê assim, como estão a querer os senhores da outra banda, e que o mercado brasileiro, a quem se não

vende Figueira por Collares, tambem não acceita João de Deus por Guerra Junqueiro.

«E, de caminho, já que escrevo o nome radioso do grande poeta da *Musa em férias* e da *Velhice do Padre Eterno*, em verdade te digo, Justo Leal, que deixaste de ser leal, sem tão pouco ser justo, quando ainda puzeste em duvida a minha admiração a este poeta, o qual, na propria chronica d'*A Semana*, eu collocava a par de Camões, de Bocage e de Garrett. Que mais queres tu, injusto e desleal sujeito, para testemunho de meu enthusiasmo pelo Junqueiro?

«Queres então que te diga, fóra de todo gracejo e de todas as demasias de uma critica de reacção? Adoro o Guerra Junqueiro, tenho-o completo na minha estante, ao lado daquelles com quem o emparelhei no meu artigo e de par com Anthero de Quental (outro divino poeta) e com Eça de Queiroz, o primeiro prosador portuguez de todos os tempos.

«Então estás agora satisfeito e achas-me sufficientemente compromettido com esta profissão de fé litteraria?

«Mas eu continuo: si como admirador de livros portuguezes já me sentia, como dizia o defunto Mal-das-vinhas, «estimulado a falar», como quem lê e escreve (não ignoras e lá o dizes, que eu sei ler e es-

crever) em lingua portugueza, não pude, absolutamente não pude engulir a patifaria de me proporem o Sr. Ramos do *Campo de Flores* como primeiro lyrico da lingua.

«Sério, sério, meu velho, chego a duvidar da tua seriedade (e sei que a possues como o diabo!), quando, para me embatucar, citas esta quadrinha aguada e a proclamas uma das mais bellas que tens lido em toda a tua vida:

Não se é só pó no fim de tanta magua!
Senão, diga-me alguém que allivio é este
Que sinto, quando á abobada celeste
Alevanto os meus olhos rasos de agua?

«Só pó!» Só isto reduziria a pó, terra, cinza e nada, como se dizia na canção, qualquer belleza que a quadra pudesse ter: mas a coitadinha nada tem que se possa reduzir. Sei lá que allivio é esse que o Sr. João de Deus sente, quanto alevanta á abobada celeste os seus olhos rasos de agua?... Si esse simples gesto o allivia, sem intervenção de outra operação qualquer, dos olhos rasos ou dos fundos, que se regale! mas achares nesta pasinaceira uma das mais bellas quadras que tens lido em toda a tua vida, seria caso, Justo Leal, para quem não te conhecesse

como eu, perguntar que quadras tens tu então levado a lêr durante a vida inteira!

«Justo Leal, meu velho amigo e companheiro, chronista e poeta, homem de letras a valer, vem cá, em boa paz e em boa fé e sã consciencia, façamos um ajuste sagrado, a bem da nossa mutua estima e do respeito com que a cimentamos (irra, que isto é solenne!)—eu não cito mais o Araripe Junior, com quem não sabia que implicavas em critica de poesia, mas tu também, pelo teu lado, nunca mais, em tempo algum, nem á hora da morte de qualquer dos tres (e que seja o João de Deus, que é mais velho!), nunca de todos os nuncas, me tornas a falar em semelhante vate!—*Pedro Alves*».

«P. S. (por especial favor do signatario da carta). — «O Sr. Justo Leal parece estar enganado. O nosso amigo Araripe Junior nunca publicou anthologias de poetas brasileiros ou portuguezes, em que mostrasse as suas boas ou más preferencias em materia de versos.

«Em todo caso, porém, posso garantir que aquelle critico prefere versos de *pés quebrados* a versos de *pés de chumbo*.

Valete. — Padre Antonio Pereira Filho».

Ainda nesse numero Araripe proseguia no estudo

sobre o Sr. Garcia Merou, e Escragnolle Doria dava dois trabalhos, — um conto — *Fumaça*, e a apreciação do livro de Garcia Redondo — *Carícias*; Julia Cortines brilhava com admiráveis versos.

A 11 de Maio apparecia o n. 84, com uma chronica de Xavier da Silveira Junior (*Melanchton*) occupando-se tambem da questão contra João de Deus e Thomaz Ribeiro. Transcreverei só os ultimos topicos. Aliás estas transcripções são absolutamente necessarias, para maior clareza e fidelidade da narrativa:

— « Retirei-me pensativo e maguado com tanta miseria indigena. Ao fim da turba, encontrei um exegeta de Serah, vibrante de indignação literaria.

« — Pensador, o que tens, o que soffres ? perguntei-lhe, ancioso e afflicto.

« Alçando o gesto, disse-me com emphase o precursor anti-diluviano dos forneiros espirituaes: Ha na terra uma nação que, segundo a historia mentirosa e perfida, era extincta. Desde o celebre caboclo Jáu, o qual pessoalmente me referiu em tempo as circumstancias da catastrophe final, o mundo registara o successo imprevisto do cerramento de olhos dessa gloriosa nacionalidade.

« Eis, porém, que hoje, passados, não direi secu-

los, porque sou modesto, mas algumas centenas de annos, sobre tão deploravel acontecimento, deparo com o decreto real, realissimo, em que só agora se dá por finda e extincta a dita e gloriosa nacionalidade!

« O decreto é do teor seguinte :

« Attendendo ao que me representaram os ministros e secretarios d'Estado de todas as repartições ; considerando que, pelos relevantes merecimentos e serviços literarios prestados ao paiz por João Ramos, o autor benemerito, me approuve agracial-o com a gran-cruz da antiga, nobilissima e esclarecida ordem de S. Sulpicio ; e que é justo que uma mercê, assim concedida como homenagem e recompensa nacional, seja isenta de todo encargo ; hei por bem decretar o seguinte :

« Art. 1.º É concedida a João Ramos a isenção do pagamento de todos os direitos, impostos e emolumentos respectivos á mercê de commendador e gran-cruz da antiga, nobilissima e esclarecida ordem de S. Sulpicio, de merito scientifico, literario e artistico, com que foi agraciado por decreto de hoje.

« Art. 2.º *Fica revogada a legislação.*

« O presidente do conselho de ministros, ministro e secretario d'Estado dos negocios da fazenda,

e os ministros e secretarios d'Estado das outras repartições, assim o tenham entendido e façam executar. Paço, em 8 de Março de 1895. — Rei ».

« Fica *revogada a legislação !!!*

« Ora, as legislações existem desde todos os tempos, e sobrevivem em regra aos povos que hão regido. Exemplos : o *Corpus Juris*, o Código Wisigothico, as Leis de Lycurgo e Solon, etc.

« Revogar, porém, toda a legislação e sob pretexto tão gratuito, é acto que, si por um lado evidencia a heroica intenção de acabar de morrer, por outro exprime com singular eloquencia a prosperidade artistica e literaria em grau muito antigo, muito esclarecido e nobilissimo.

« Para prova de tanta prosperidade, seja-nos licito transcrever aqui o producto *simples* e *nephelibata* com que o poeta que, na opinião do bardo dos ciumes do dito, é maior do que Camões, brindou João Ramos, por occasião do jubileu ha pouco commemorado.

Eil-o :

Dois, e um só:—o moço—e o homem
—jardim,—pomar,—rosas,—fructos,
riem, num, o outro consomem,
neste, os sonhos;—nesse, os luctos.

—O engano,—os desenganos;
—O viço da rosa,—a essencia;
entre esses dois, quarenta annos !
um instante... uma existencia !

—Vate gentil,—mestre, e grande,
—riso do sol,—balsamo ás dôres
um seio só, que se expande
num amor de mil amores !

Dos dois, um templo completo ;
nos dois a eterna creança ;
vaso de eleição, repleto
de Fé, Caridade, Espr'ança.

Thomaz Ribeiro.

« Para que não figure a assignatura supra no final desta chronica e não se supponha que *A Semana* já obteve a collaboração de Homero, Shakspeare e outros poetas maiores que Camões, subscrevo-me, como sempre, etc., o humilde — *Melanchton* ».

Vê-se, destas transcripções e de outras que ainda faremos, o incremento da campanha que sempre considerei injusta, muito embora trouxesse grande notoriedade á folha e lhe promovesse a venda avulsa.

Meus esforços consistiam apenas em diminuir a intensidade dos ataques, uma vez que — todos — entendiam não haver razão para que o Valentim rompesse com um dos seus mais fiéis amigos.

Em breve tempo, porém, verificou-se exactamente o contrario.

Além da chronica de Xavier da Silveira, trazia o n. 84 o proseguimento do estudo de Araripe Junior sobre o Sr. Garcia Merou, um soneto — *Maris Stella* de Alcides Flavio, poemetos em prosa de Escra-nolle Doria e as seguintes linhas do Valentim :

« LUIZ ROSA. — Luiz Rosa foi um discipulo desgarrado e serodio da « escola de morrer cedo ».

Si fosse licito dizer hoje, neste seculo materialão, em que a perversão dos sentimentos se tem desenvolvido na razão directa do desenvolvimento scientifico (e neste ponto, só neste, tem razão o critico Brunetièrre proclamando a bancarrota da sciencia), si fosse licito dizer hoje de um homem que elle é um anjo, eu o diria de Luiz Rosa.

Era uma alma limpida e innocente como um regato de floresta virgem, virgem como ella, em cujas aguas só se dessedentam as aves do céu e se miram, enamorados jacinthos, as estrellas immaculadas. Nenhuma impureza lhe toldou o cristal fluente.

Modestissimo, não desconfiando siquer de que tinha talento, arredio do elogio e da multidão, não sabendo sinão sorrir, chorar e amar, teve apenas o tempo de adorar uma mulher e de lhe depor aos

pés, como Casemiro de Abreu, as palmas e os louros de tres formosos livrinhos — *Primeiras Rimas*, *Imagens e Visões* e *Lotus*.

Era o mais delicado e o mais sensível dos modernos poetas brasileiros. Possuia um lyrismo suavissimo, sem grandes ruidos, sem altos surtos, sem remigios largos, porém cheio de mimo e graça.

Seu ultimo livro, *Lotus*, inspirado nos romances de Pierre Loti, tem toda a graça e todo o mimo das japonezas côr de ambar, das melindrosas Lien-Hô, de pés pequeninos, mãos de velludo, olhos de amendoa, embevecidos na luz do céu de porcellana da sua terra, e talhe flexível como os canniçaes dos seus rios. É um escriptorio precioso.

Devo ao meu querido amigo Max Fleiuss a ventura — tão passageira, *hélas!* — de haver conhecido Luiz Rosa, pois foi elle quem m'o recommendou para secretario da nossa revista *A Semana*, e não é este o menor dos titulos que adquiriu á minha gratidão.

A noticia do seu passamento alanceou-me a alma de amargura e dó e é commovido que deposito estas phrases sobre a sua memoria, já que a distancia me impede de depor saudades e goivos sobre sua modesta campa.

E, si um ausente, que se não suppõe esquecido, tem direito a formular um rogo, eu pediria aos meus confrades do Rio de Janeiro que promovessem os meios de coroar essa campa querida com alguma lembrança que marmorificasse a nossa saudade do poeta de talento e do companheiro bonissimo. — *Valentim Magalhães* ».

Por essa epoca recebia tambem do querido João Ribeiro, que se achava em Berlim, a deliciosa carta que transcrevo... com pequenas substituições indispensaveis, porém que não lhe alteram a graça: — « Max e *tutti e quanti* do *bond d'A Semana* ! Tem esta por fim dizer a vocês todos que Berlim é a cidade mais bella, mais elegante, mais limpa, mais extraordinaria, mais sumptuosa do orbe inteiro ! Quanta illusão e quanta calumnia grassa ahi no Brasil sobre a Allemanha ! As berlinezas são lindissimas : vivas, na maior parte morenas, de cabellos castanhos (ahi julga-se que toda allemã é uma barata descascada), magras e astuciosas como umas gatas. Todas as ruas (e ha leguas de ruas) são largas e pelo menos, sem exaggero, cabem nellas seis ruas do Ouvidor. Todas as construcções são monumentaes e grandiosas e não hei de ainda ver um casebre miseravel, igual, por exemplo, ao palacio Itamaraty. Ao ver

tantos palacios e só palacios, pergunta-se involuntariamente onde moram os pobres. Vim a saber que os pobres moram por cima e por baixo, pela rampa dos tectos ou nos subterraneos. Londres é uma velha rica, Paris é uma viuva pretenciosa, só Berlim é nova. É uma rapariga fresca, rija, incomparavel! Quanta mentira ahi! Os allemães são amaveis, as allemãsitas são espirituosas e engraçadas, como vocês não imaginam. Isto aqui é a condensação de todos os paraisos, inclusivè o de Mafoma! Em summa: tenho-me divertido a valer e já falo um pouco de allemão... Quero saber do Max porque não recebo *A Semana*. Morreu? Nesta data envio uma carta ao Dr. Prudente de Moraes, pedindo que me nomeie em commissão gratuita (já se vê, esse governo não me faz favores): assim poderei receber integralmente os meus ordenados. Em qualquer caso, está decidido que só voltarei ao Brasil para arranjar os meus negocios, trabalhar um pouco e voltar para esta bella terra. Si o Governo não me ajudar, tanto peor para o governo. Aqui, por effeito do clima talvez, dei para mentiroso, que é uma lastima! Tenho engrandecido esse Brasil, que em litteratura eu chamo o « *Brasil amado* ». Dize ao Raul que em Berlim, tudo é mocidade. O tal mili-

tarismo é uma pulhice hedionda. Aqui o militar é caricaturado nos theatros e representa sempre o papel de bobo e desfructavel, os artistas comicos (que são de uma verve extraordinaria e sabem, além de tudo, cantar divinamente) não si occupam sinão de desfructar os *lieutenants*. A ordem, o asseio, a disciplina nas ruas é que são grandes; todos os soldados e officiaes são delicados. A brutalidade allemã é uma miseravel calunnia dos francezes. Ha poucos dias, no *Apollo-Theater*, vi cantar uma cançoneta em voga: a letra é um debique cruel ao Imperador e a musica é... o hymno allemão. Imagina si isso seria possivel ahi. Os patriotas derrubariam o theatro... Ao Max, ao Lucio, ao Araripe, ao Xavier da Silveira, peço que cooperem para a obtenção do que quero: — qualquer commissão na Allemanha, embora gratuita. A minha intenção é ficar aqui mais um anno, mas não posso fazel-o longe da familia. E a commissão alludida facilitaria a vinda dos meus entes queridos. Estou com medo do Gymnasio e do restaurant Brito... « *O caboclo está perdido* », — dirá o Araripe, mas vinde para cá, vós outros caboclos... De arte, então, nem falemos: Allemanha na ponta. No *Austellung-Park* (*salon* daqui), fiquei embasbacado; na França só ha Paris, aqui ha pelo menos

tres escolas de pintura : a de Dusseldorf, a de Munchen e a do Norte (inclusive Berlim); não sei qual é a mais rigorosa, sei que são admiraveis. A gente do Puvis de Chavannes (*Champs de Mars*) de Paris correu agora a Berlim, e fez boa figura, sobretudo para a opinião allemã, porque hoje aqui se namoram os francezes, mas na verdade elles estão abaixo dos grandes mestres da Allemanha moderna. O decadismo da pintura (que, sei agora, foi d'aqui que saiu para a França) está bem representado nessa exposição. Já entrei para o *atelier* de um pintor berlinez, Wildebuld Winck, moço ainda, sem nomeada, mas de futuro e de grande talento. Somos uns dez a aprender, dos quaes oito raparigas. É incalculavel aqui o numero de escolas de pintura, de institutos, etc. e são frequentadissimos pelas *fræulein*... Fiz já um estudo de cabeça. O modelo vivo custa aqui um marco por hora, mas pôde-se obter mais barato, não se fazendo grandes exigencias. O meu mestre, que aliás espera muito de mim, acha que desenho muito mal e tem-me obrigado a encarvoar-me de *fusain*. Espero frequentar ao mesmo tempo duas escolas particulares de pintura. Si houver tempo, aprenderei outras cousas secundarias, mas talvez muito uteis : a pintura sobre as photographias, que

é uma industria muito importante e aqui neste sentido trabalham muito bem; a pintura sobre vidro ou porcellana, etc., e outras chemicas allemãs. Todo este trecho de bellas artes é para o Amoêdo... E não falei da musica; mas onde haverá musica como na Allemanha? Ha tanta musica aqui, que nas casas de commodos e pensão sempre se acha este aviso: « *Musiciren ist verboten* » — *Musicar* é prohibido. Os violoncellos, os pianos, as violas, as cytharas (já tenho uma) são uma praga, sem falar nas orquestras e bandas e nessa nuvem de instrumentos automaticos, symphon, accordeon, concertinas e mil outros em que são ferteis os allemães. Só ha aqui dois despotismos: o dos cigarros turcos, que são caros e ruins, e a obrigação, em Berlim, de, para certas operações, ter-se necessidade de procurar uma casa. Na rua é totalmente impossivel... Si eu disser que bebo melhor café aqui, vocês acabam por me achar doudo varrido. Pois seja. Adeus. Lembranças e abraços a todos. Ao Raul, ao Amoêdo, ao Lucio, ao Araripe, que sempre estão ahi, mil abraços, lembranças ao Mesquita e aos competentes oculos. Adeus, adeus. — Do *João Ribeiro* ».

Como esta, outras cartas, todas interessantes, tenho de João Ribeiro, revelando-lhe o espirito, ante a

observação de scenas, paizagens e costumes que não conhecia, mas nunca deixando de falar «nos seus entes queridos.» É que aos primores de uma intelligencia, cada vez mais aprimorada, elle sabe reunir o abençoado culto da familia, que tambem lhe quer e o respeita com o maior carinho.

O n. 85, de 18 de Maio de 1895, trouxe mais uma chronica terrivelmente lusophoba de Lucio de Mendonça. Basta, para avalial-o, ler a primeira parte :

— «Bom dia, Corcovado amigo, ainda a esta hora, grande malandro, mettido nos teus lençóes do nevoeiro. Tu vigias, com o teu ar de rispido eunucho, a risonha paizagem das Laranjeiras,

Jardim do Rio, á beira-mar plantado,

onde o chronista elegeu o pouso, e vae receber, nas alfombras do *Metropole*, o luso rouxinol que ahi nos chega para o poleiro da legação no Brasil.

«Vizinho do Corcovado e do Thomaz Ribeiro, é o que vae ser, dentro em poucos dias, este seu criado e amigo.

«Bella vida e regalo do ocio! Afinal de contas, conclue-se, por um destes bellos dias azues, claros e frios, — como olhos inglezes, — que quem tem ra-

zão é o doutor Pangloss e é André Chénier, que um bardo nosso traduziu :

Si ha dias maus, tambem os ha felizes.

«Que encanto, admirar a esmeralda da montanha contra a saphyra do céu, enquanto não chega o cantor da *Judia* e do *D. Jayme!*

«Cá o espero, a dois passos do ninho predestinado, com dois abraços e meia duzia de adjectivos colhidos nos jardins do Aulete e enramalhados para a circumstancia.

«Excusa o *Jacobino* de me estar a fazer caretas por causa deste derricho com o inimigo de Castella,

Não nos venceu a força de Castella,
Foi a nossa fatal desunião!

...que nos quer a Hespanha?...

porque, acima de todas as considerações politicas, eu prézo a sympathia do meu caro Silva Ramos, que até deixou de frequentar o *bond d'A Semana*, depois que um Sr. Pedro Alves, da Cacaria, andou por aqui a dizer nomes feios ao maravilhoso poeta portuguez, o grande lyrico João de Deus, por quem eu e o Va-

lentim Magalhães (as duas mais completas organizações literarias desta casa) nos habamos de puro gosto artistico.

«Agora com o Sr. Thomaz Ribeiro a cantiga ha de ser outra. Já o referido Alves, e mais o excommungado padre Antonio Pereira Filho e mais o Melancton, abusando da liberdade da imprensa que aqui se cultiva, atiraram remoques ao vate egregio, lustre e feitiço das letras portuguezas e que, de mais a mais, traz agora a lyra d'oiro embrulhada numa credencial de ministro plenipotenciario.

«Si ha por ahi algum demagogo e iconoclasta assás irreverente para se não curvar deante desta dupla magestade, desse gêmeo esplendor, da gloria e da circumspecção, da graça e da força, da poesia e da representação diplomatica, deante deste rouxinol disfarçado em pomba da alliança, aqui estou eu, aqui está o Silva Ramos, e aqui está em espirito o Valentim Magalhães, para lhe impormos, ainda que seja a páu, o respeito ao enviado da nação irmã!»

Não se imagina hoje a repercussão que teve essa chronica. O proprio Dr. Carlos de Carvalho, que com tanto realce geria a pasta da Relações Exteriores, fez ver a inconveniencia que advinha desses artigos tão extremados d'*A Semana*, o unico periodico lite-

rario da Capital e de que eram redactores ostensivos os mais bellos espiritos.

Ao Lucio expuz francamente o caso: objectou elle, porém, «que o Carlos de Carvalho cuidasse lá do seu Ministerio...; aliás já havia recebido uma carta do Valentim e nem por isso estava resolvido a mudar de orientação.»

Inseria ainda esse numero o estudo de Araripe relativo ao Sr. Merou, poemetos em prosa de Escraignolle Doria e, contra a nossa opinião, o Sr. Gambaro inaugurava uma secção de illustrações, tendo para isso mandado adquirir em Paris uma formidável quantidade de *clichés* já publicados... O resultado dessa experiencia foi diametralmente opposto ao imaginado pelo director-gerente.

Na chronica do n. 86, Lucio de Mendonça atacava de novo e com extraordinaria vehemencia o Sr. Thomaz Ribeiro, que Portugal nos enviara para reatar as relações diplomaticas. Procurando attenuar a acrimonia da primeira pagina, escrevi nos *Factos e Noticias* o seguinte *suelto*:

—«*Thomaz Ribeiro*—Chegou domingo ultimo, pelo *Clyde*, o novo Ministro de Portugal no Brasil, o illustre Sr. Conselheiro Thomaz Ribeiro.

«Teve S. Ex. festiva o ruidosa recepção, corolla-

rio de cortezia das attenções e homenagens que acabam de ser dispensadas em Lisbôa ao nosso representante junto ao governo portuguez, o Dr. Assis Brasil, nosso particular amigo, homem de letras desde os tempos academicos, contemporaneo, em S. Paulo, de Valentim Magalhães, Silva Jardim, Raymundo Corrêa, Affonso Celso, Julio de Castilhos e de muitas outras brilhantes mentalidades.

«Nesta secção, exclusivamente editorial, consignaremos, mais uma vez penhorados,—que Valentim Magalhães teve em Lisboa as mais lisongeiras demonstrações de apreço, não esquecendo que o Conselheiro Thomaz Ribeiro se salientou no empenho de honrar as letras brasileiras na pessoa do nosso querido director e amigo, já comparecendo ás festas com que distinguiram o nosso chefe, já discursando no banquete, a que presidiu, offerecido a Valentim Magalhães.

«Do governo prestigioso e forte do venerando Dr. Prudente de Moraes, da habilidade e tino diplomatico do illustre ministro do exterior tudo ha a esperar em bem das nossas relações internacionaes, influxo que contribuirá sobremaneira para o bom exito da missão Thomaz Ribeiro.

Apresentamos a S. Ex. as nossas francas saudações. »

Não agradaram a Lucio de Mendonça essas linhas, o que logo declarou, forçando-me a uma explicação que se tornaria, por certo desagradavel, si não fôra a intervenção prompta de Urbano Duarte. Nesse dia, a viagem habitual do nosso *bonde*, a despeito dos esforços de Urbano, foi muito fria e breve.

Ainda esse numero, em que Araripe concluia o trabalho critico sobre o Sr. Merou, publicava apreciaveis producções de Escragnolle Doria, Guil-Mar, Candido Jucá, Lucindo Filho e a bella traducção dos *Cégos* de Maeterlinck, devida a Escragnolle Doria.

Fraco, muito fraco mesmo, o n. 87. A crise accentuára-se, não obstante a venda avulsa, que augmentára nos ultimos numeros.

Lucio, dando mais uma vez prova do seu bello espirito e formoso coração, escreveu a chronica do n. 88, chronica soberba, toda dedicada ao grande actor Novelli. Foi a nota predominante, sinão unica, desse numero.

Leve e assás interessante o n. 89, de 15 de Junho, com uma chronica de Escragnolle Doria.

Por esse tempo, vinham cartas de Valentim, procedentes de Paris. Numa dellas dizia:—«Meu querido Fleiuss. Tenho seguramente dez cartas tuas a res-

ponder. E, para apanhar o paquete, só tenho tempo de rabiscar algumas linhas. Só em Paris vim saber que fôra nomeado. Em Veneza recebi um telegrama do ministro em Roma, que me dizia haver o *Jornal* anunciado a minha nomeação ; mas pensei que fosse *consta*. Recebi aqui o officio do ministro e a carta do Prudente. Já te telegraphiei que partia a 17 de Junho. O Vieira da Silva telegraphou-me que o ministro lhe telegraphára não ser preciso ir eu ao Brasil : mas não obstante, vou. E vou por causa da *Educadora*. »

— Era a commissão que, em boa parte devido á minha insistencia, o honrado Dr. Prudente lhe dêra e a que já me referi.

Noutra carta, escrevia elle :— « Meu querido Max. Escrevi-te hontem uma carta, capeando outra para o Prudente, as quaes devem seguir com esta, no paquete inglez que sae de Lisboa a 14. Como foi escripta muito ás pressas, repito a dóse, para que não tenhas razão de queixas. Não tenho tempo de reler em ordem chronologica as tuas cartas. Relevame. Tenho-te como meu verdadeiro e dedicado amigo, entre os que mais o sejam. Déste disso as mais sohejas provas e estou ligado a ti, muito gostosamente aliás, pela mais profunda gratidão. Commigo podes contar e de mim dispôr, no presente e no futuro,

como entenderes. Recebi e li a carta do Prudente. Mas não posso deixar de partir para o Rio. Preciso conciliar todos os meus interesses... Fiquei furioso com o tal protesto do Araripe contra qualquer manifestação feita ao Thomaz Ribeiro. Isso, quando eu era recebido e tratado carinhosamente pelos portuguezes. Foi uma jacobinada antipathica e tola.»

Bem se podia prever o estado de espirito do nosso amigo, com relação á campanha anti-lusitana. Mostrei a carta ao Sr. Gambaro, que, não obstante, ficou aterrado ; procurou tranquilizar-me:— falaria ao Valentim e seria uma testemunha dos meus esforços. Claramente vi o que em poucos dias succederia ; Valentim, conhecendo em toda a extensão os ataques, abandonaria *A Semana*, aliás victima da perdularia gestão economica do Sr. Gambaro, e eu — positivamente — não ficaria. Os sacrificios já me haviam exgottado.

Foi assim, ante expectativa tão desagradavel, que appareceram os ns. 90 e 91, de 22 e 29 de Junho. O n. 90 trazia uma chronica de Escragnolle Doria e um artigo de Raul Pompeia, respondendo á critica feita na *Revista Brasileira* pelo Sr. Verissimo. O n. 91, ultimo d'*A Semana*, só tinha de mais apreciavel a

chronica de Urbano Duarte e os poemetos em prosa de Escragnolle Doria.

Nas vespervas, recebera eu uma carta, tambem a ultima, de Valentim, em que dizia:— «Soube em Paris dos artigos do Lucio e do Araripe contra o João de Deus n'A *Semana* e li a resposta do Filinto no *Estado*; resposta excellente. Para que estas animosidades contra Portugal e os seus maiores homens, e tão injustas, exactamente quando Portugal cumulou de honras e festas ao Assis Brasil, ao Carlos Gomes, ao José Carlos Rodrigues e a mim?! Que espirito nativista é esse?! Em que desgraçada posição me põe *A Semana*! Que tolas as explicações do Lucio!... Receio muito que o meio fluminense esteja agora ainda menos respiravel que antes. Tudo isto aborrece-me. Ando aqui a fazer o que posso pelo meu paiz e pelos meus amigos e ahi elles desmancham o que tão difficilmente vou construindo aqui. Pilulas!... Adeus. Até breve, meu querido amigo. Abraço-te saudosissimo. — *Valentim.*»

Dias depois, chegava, pelo *Nile*, o querido amigo. — A primeira entrevista a bordo foi quasi um rompimento, não obstante a firmeza de minhas observações, deante do Sr. Gambaro. Alli mesmo, para evitar maiores dissabores, resolvêmos abandonar a folha,

entregando-a ao Sr. Gambaro... Era o termo, o remate inglório de muitos incommodos, de imensos prejuizos. Era, porém, preferível a uma lucta entre amigos ou á condemnação a uma vida vegetativa.

A *Semana*, porém, nessa nova phase de sua brilhantissima existencia, cumprira nobremente os seus fins. Numa epoca de luctas, de guerra civil, de instabilidade, ella, serenamente, cuidára das nossas letras e apresentára, creando-os, alguns nomes que se affirmaram entre applausos. Basta, entre muitos outros, declinar os de Francisca Julia, Escragnolle Doria, Armando Erse (João Luso), Carlos Malheiro Dias, Luiz Rosa, Henrique de Magalhães, Eduardo Saboya, José Vicente Sobrinho, Julio Cesar da Silva, Victor Silva...

Resta dizer alguma coisa sobre o espirito da camaradagem que nos unia, fazendo do *bonde d'A Semana* um centro de verdadeira resistencia.

Tratando de Araripe Junior, o companheiro magno, escreveu Escragnolle Doria, no *Jornal do Commercio* de 25 de Fevereiro de 1912, as seguintes primorosas linhas:

«Uma vez, *A Semana*, revista de letras então dirigida por Valentim Magalhães e Max Fleiuss, annunciou um concurso de contos.

«Um rapaz, residente em Petropolis, resolveu concorrer. Escreveu um conto. As producções tinham de ser analysadas por um jury de bons officiaes do officio da arte. Prohibia-se-lhe conhecer o nome dos autores dos trabalhos apresentados. Cada escripto devia trazer um lemma. Só á ultima hora, rasgando um envelope, se desvendaria o autor da obra.

«O moço petropolitano escolheu um lemma con-
dizendo com a sua situação de candidato obscuro;
alea jacta est.

«A commissão julgadora estudou os contos e con-
cedeu ao desconhecido o 2.º premio do concurso,
concretizado num luxuoso exemplar do *Amor de Per-
dição*, de Camillo Castello Branco. Fôra o moço esco-
lhido com exclusão de outros concurrentes de nome
feito. A estréa trazia sabor de imparcialidade.

«Um amigo do eleito, procurador affectuoso que
ainda se lembra da scena, apresenta-se, na redacção
d'*A Semana*, para receber o premio. O agraciado sen-
tia-se acanhadissimo.

«Inquiriram o procurador. O nome do premiado
era tido por um pseudonymo. Vaga e justamente se
receiava uma mystificação.

«O procurador sorriu. Assegurou á illustre reda-
cção d'*A Semana* que o autor do conto existia. Trazia

uma autorização assignada por elle com o nome suspeitado.

«Deves lembrar-te, meu caro Araripe, de tudo isso. O estreiante, até então, só conhecido em rodas academicas ou na dos jornaes paulistas, era eu.

«Convidou-se-me a ir, em qualquer dia, até *A Semana*. Vencera, portanto, estava mais adeantado do que Cesar. Faltava vir e ver.

«Fui, vi e, sobretudo, ouvi. Dentro de pouco tempo me designaram para o logar de secretario da revista. Havia sido desempenhado por Henrique de Magalhães, poeta fluente, autor de versos espontaneos e lindos, dos quaes um, o soneto—*Cielo y Mar*, ha de ir para as anthologias. Estas, como sabes, são as vidraças literarias onde a poesia e a prosa de cada povo expõem, permanentemente, as suas melhores joias.

«O cargo de secretario d'*A Semana* me foi entregue sem um protesto de inveja ou um assomo de má educação, por parte dos confrades. O logar poz-me em contacto com as personalidades artisticas mais selectas do tempo. Falo de 1893 a 1894.

«O sub-secretario da redacção era um poeta, Luiz Rosa, digno de ser vate, pelo nome de flor,^o pela alma de anjo, pelo coração de ouro.

«Rosa e eu respondíamos ás innumeradas cartas dirigidas á revista, corrigiamos provas, intervinhamos na distribuição da materia, além da collaboração.

«Todos esses onus, exigindo presença, me vinculavam aos frequentadores d'A *Semana*.

«Nella me relacionei com Valentim Magalhães ; com Raymundo Corrêa ; contigo, meu caro Araripe ; com Pedro Rabello ; com Urbano Duarte, para só tratar aqui de mortos.

«Habituei-me, referindo-me ainda a elles, ao convívio de Raul Pompêa e de Martins Junior, dous espiritos, dous corações sobre cujo brilho e sobre cuja pulsação o destino poz o sopro e o dedo, prematuramente.

«Fazias parte, meu Araripe, do que, de modo pittoresco, se chamava o *bonde* d'A *Semana*.

«O *bonde* ! Não se evoque um dos defuntos vehiculos da finada *Carris Urbanos*, chelonicamente puxado por um burro de pello arrepiadissimo. Não se pense nos actuaes vehiculos, alcunhados pelo povo de «perigo amarello», coriscos electricos da *Light*, de fracturadora lenta.

«O *bonde* d'A *Semana* era a jovial reunião diaria de todos os freguezes intellectuaes, assiduos ou intermittentes, da palestra da redacção.

«Os passageiros? Silva Ramos, Coelho Netto, tu, meu caro Araripe, Raymundo Corrêa, Alberto de Oliveira e Fontoura Xavier, para reunir tres poetas; João Ribeiro, Urbano Duarte, Raul Pompêa, Max Fleiuss, Martins Junior, Arthur e Aloisio Azevedo, Valentim e Henrique de Magalhães, Olavo Bilac, Rodolpho Amoedo, Lucio de Mendonça, Garcia Redondo, Carlos Malheiro Dias, Xavier da Silveira, Filinto, Pedro Rabello, Henrique de Sá e outros e outros.

«Das quatro ás seis da tarde, no fundo de um primeiro andar da rua Gonçalves Dias, esse grupo brilhante e bem intellectual conversava, tomando café, fumando, discutindo. O meu diario dessa época registrou dialogos muito interessantes. A conversa era rumorosa, alegre e, não raro, maliciosa. Não posso garantir fosse mansueta. Chegava ás vezes a discussão aos ápartes ferinos, á vehemencia, ás expressões ousadas, com grande escandalo do pudor africano do Pedro, o pretinho nosso servente, já des-acostumado das liberdades do seu continente.

«Quando a discussão ia muito calorosa, o dobrador de folhas, o Porto, antigo cabo de policia, desdobrava um sorriso e, lembrado do officio anterior, parecia querer intervir.

«A distribuição de algumas empadas, vindas do

Colombo, então confeitaria saída do ovo, sem duvida aos fios, apaziguava os animos. E o *bonde* seguia, cheio de passageiros acalmados.

«Nessas viagens, meu caro Araripe, fomos muitas vezes no mesmo banco intellectual, lado a lado, conversando baixo, de cousas, livros e escriptores do nosso agrado.

«Às vezes, com os outros «*passageiros*» de «*bonde*», nos levantavamos numa festiva acclamação.

«O vehiculo *parava*, para receber algum estreiante de grande valor: ora era uma poetisa, como D. Francisca Julia da Silva; ora um prosador de pulso, qual João Luso.»

Procurou Escragnolle Doria descrever o que chamavamos — o *bonde* d'*A Semana*. Procurou, dizemos, pois que aquellas sessões de humorismo, de arte, de critica, de palestras sempre interessantissimas, são indescriveis. Cada dia apresentava-se uma nova face, de modo que o *bonde* raramente se tornava monotono. Foi o proprio Araripe quem certa vez observou que o *bonde* era uma Arcadia.

Não tinhamos estatutos, não conheciamos programmas. A ordem era frequentemente, — nos assumptos, bem entendido, — a da desordem, mas consti-

tuia para nós uma necessidade esse contacto de duas horas.

Vejamos, em ligeiro bosquejo, a physionomia dos *passageiros*.

Araripe Junior, illustradissimo, bom quanto se pôde ser, não obstante o seu jacobinismo, buscando, não raro, a nota escandalosa do facto, para commental-a em algumas phrases causticas, mas perdoadando logo depois. Lucio de Mendonça, o nosso — *Juvenal*, — polemista invencivel, de intelligencia agudissima, prevendo, e desde logo inutilizando-os, todos os recursos do adversario, algo desconfiado, tendo alternativas subitas nas manifestações, passando da alacridade ao mutismo, quasi sempre sem transição. João Ribeiro, erudito como os que mais o sejam, de uma erudição patenteada a cada passo sem artificios, nem impafias, ponderado, affeito a todos os estudos, discernindo no meio da maior confusão. Raul Pompeia, o artista polychromo e sincero da palavra escripta, sabendo, numa linguagem encantadora e fluente, dar aspectos novos ao que nos habituamos a ver sempre através dos mesmos prismas. Rodrigo Octavio, pleno de mocidade, de espirito e de graça. Coelho Netto, o estilista victorioso, infatigavel, conseguindo legitimo triumpho em cada obra

que produzia. Raynundo Correia, o grande poeta, simples, modesto, amigo. Alberto de Oliveira, outro grande poeta de aspecto hieratico, mas lhano no convívio, narrador habilissimo, dizendo com maestria inexcelsível versos seus e de outros. Silva Ramos, nosso dedicado companheiro, mestre da lingua, sempre jovial e prompto a ouvir e a servir-nos com os dotes do seu espirito. Urbano Duarte, a bondade em acção, alegre, de uma alegria communicativa, intervindo como juiz de paz nas discussões mais accesas. Fontoura Xavier, o nosso *Brumel*, como o appellidou o Valentim, maneiroso, discreto, elegante a valer, temível nos *trioletes*, poeta de escol. Xavier da Silveira, a personificação de triplice formosura — intellectual, moral e physica. Era quem mais se approximava da feição critica de Araripe. Machado de Assis, o mestre, de todos querido, tendo a noção exacta de sua justa ascendencia e, por isso mesmo, indulgente, dando ás palestras o sainete de seu atticismo. Rodolpho Amoedo, o artista da *Narração de Philetas* palestrador consummado, com uma formidavel bagagem de factos curiosos, que expunha com exuberancia. Henrique de Sá, o *Doutor Sahen*, de quem Urbano dizia ser o melhor — *ouvidor* — do grupo; distincto e prestimoso. Neves Armond, outro cientista, cuja

assiduidade nos deleitava. Magalhães de Azeredo, a quem tanto queríamos pelas louçanias de sua intelligencia. Martins Junior, idealista e bom.

E que dizer dos demais? De Valentim, o primeiro dos companheiros, homem de letras como poucos o terão sido até hoje, e, por uma injustiça innominavel, quasi esquecido? De Arthur Azevedo, o creador do theatro contemporaneo? De Luiz Rosa, o saudoso e suavissimo poeta das *Pombas de Mei-Bi*? De Garcia Redondo, prestantissimo amigo, autor apreciavel da *Botanica Amorosa*? De Escagnolle Doria? No correr destas paginas deixámos, com a maior lealdade, nossa impressão sobre este digno e illustre collega. Que dizer, enfim, de Henrique de Magalhães, tão primoroso nos sonetos e tão alheio á vida que não lhe tem sido propicia?

Como esses, os restantes companheiros merecem um preito de saudade, de admiração e de respeito.

E impõe-se uma referencia aos *pingentes*, isto é, aos que, não pertencendo verdadeiramente ao grupo de *passageiros*, apreciavam as viagens do *bonde*. Para muitos havia logar, logar condigno, entre os *passageiros*; elles é que preferiam *pingenteur*... Quaes eram? Apenas estes: Americo Brasiliense, o historiadador, lente da Faculdade de S. Paulo, Estado a que

presidira, ministro do Supremo Tribunal Federal, respeitavel, e respeitado, prezavel e prezadissimo por todos os attributos que lhe realçavam e espirito e o coração: Campos Salles, o senador paulista, depois chefe do Estado, que nos contava a sua viagem á Suissa; Ramiro Barcellos e José Gomes Pinheiro Machado, ambos senadores pelo Rio Grande do Sul, volvidos ás luctas politicas após o termo da lucta federalista, cujas aventuras narravam; Martim Francisco, o nosso *Nestor de Roqueplan*. E quantos, quantos outros!

É tempo, porém, de terminar este longo estudo, devido á condescendencia da insigne D. Amelia de Freitas Bevilaqua e de seu glorioso marido Clovis Bevilaqua, cuja amizade nos desvanece.

A *Semana*, na sua phase de Agosto de 1893 a Junho de 1895, foi, sem contestação, o melhor ex-poente de nossa intellectualidade. Nas viagens de seu *bonde* foi que, entre Lucio de Mendonça, Araripe e Raul Pompeia, surgiu a idéa de ser fundada uma Academia de Letras. Nessas palestras, quanta cousa se combinou de util para as letras e para as artes! E, especialmente, quanto contribuíram para a reciprocidade de estima entre homens dignos, de maior e menor valor, é certo, todos, porém, anima-

dos do mesmo nobre sentimento — o culto das nossas letras, fórmula eficaz de patriotismo!

E, si, como observou Eschagnoll: Doria, a conversa chegava por vezes á vehemencia, ás expressões pesadas, a esse ardor succedia a mais perfeita calma, pois que os adversarios de prompto se reconciliavam, evidenciando a lealdade dos ideaes. No perpassar de vinte e dois mezes de intimo convívio, jámais brotou, entre nós, a planta damnhinha do ciúme, da inveja pequenina. As victorias de um constituíam patrimonio geral. Applausos e criticas eram repartidos sob a inspiração unica da justiça e segundo o fóro intimo de cada um. E não foi esse o menor laurel d'*A Semana*...

Eis-me chegado ao termo destas respigas sobre um periodo vivido em pról das letras.

Que é que foi *A Semana*, de 1893-95, sinão a concentração de espiritos superiores que andavam afastados, o apparecimento de outros tantos que evoluíram e se firmaram? Na historia de nossa litteratura haverá, por certo, logar distincto para a saudosa revista. Outras mais pomposas poderão ter surgido e tambem desapparecido. De nenhuma — de nenhuma — resta a lembrança, sempre palpitante, como d'*A Semana*. Nenhuma viveu tão intensamente,

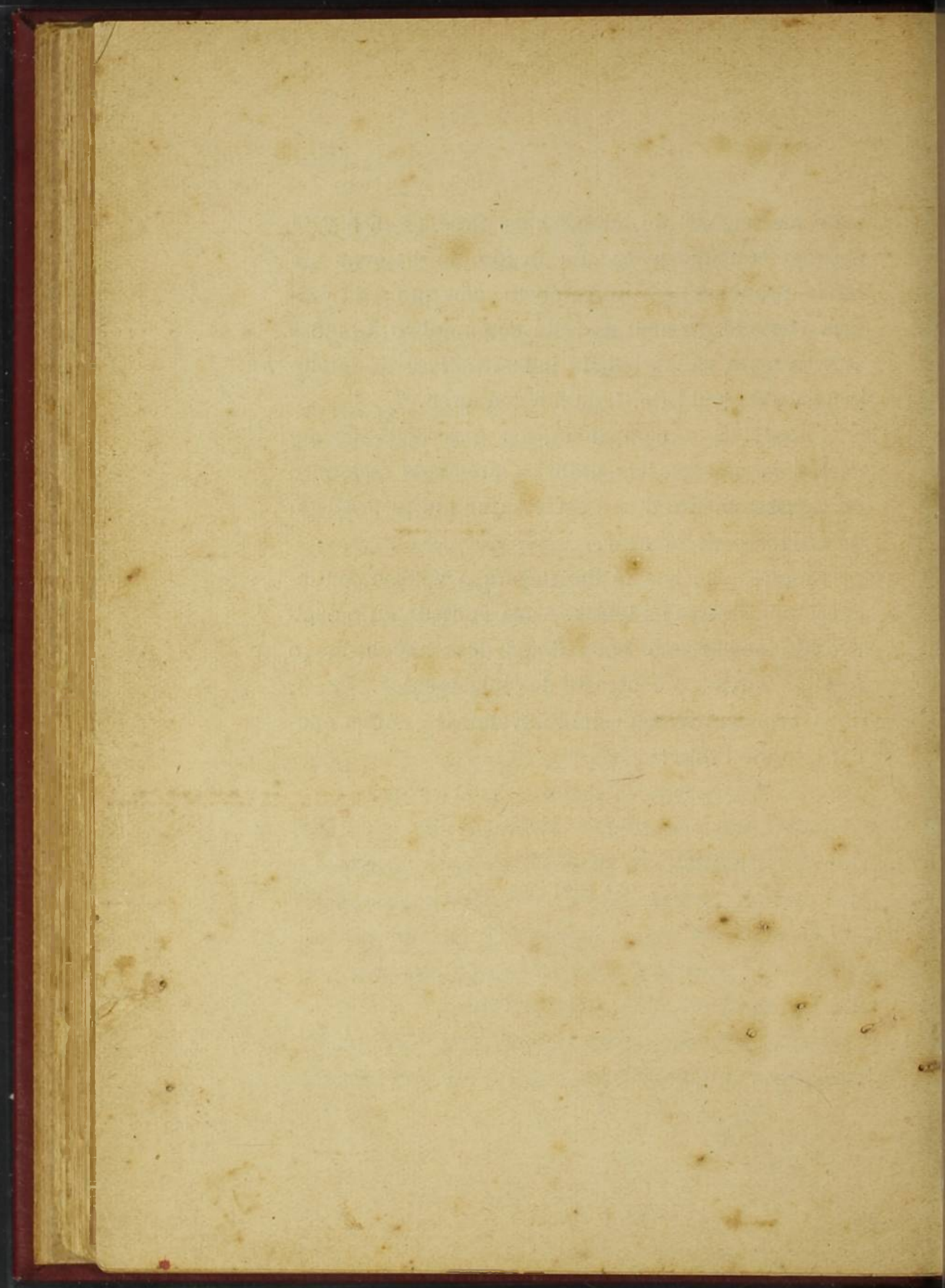
sem pretensões de oligarchias intellectuaes. N'4 *Semana* trabalhava-se: um grupo de homens de letras produzia sem outra obediencia que a da propria vontade e numa estreita communhão de idéas affectivas: a solidariedade indestructivel da intelligencia e da lealdade. E dahi a sua força.

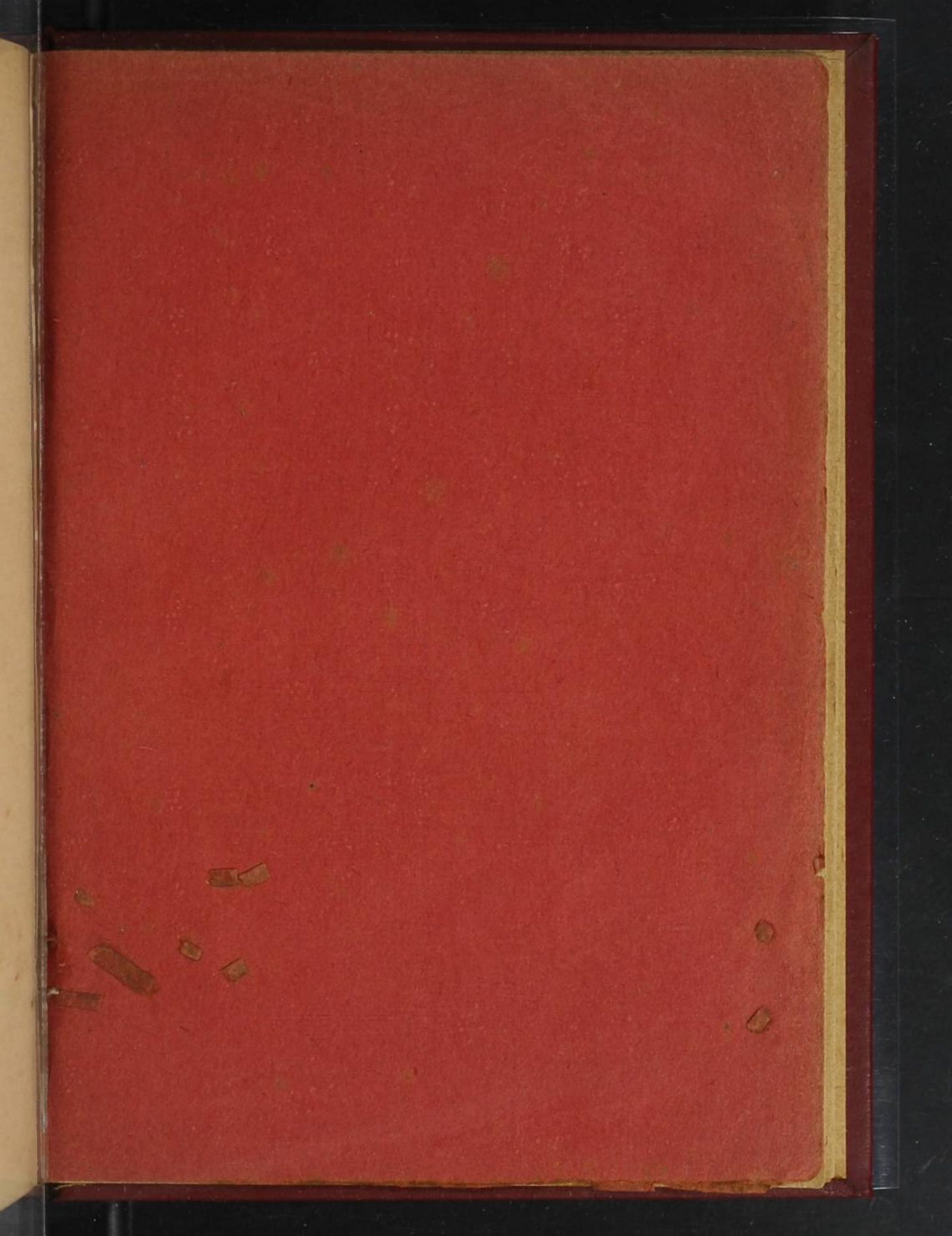
Dissolvida a companhia, os que della faziam parte lamentaram, lamentam os que ainda restam, o desaparecimento duma revista que nunca precisou de artigos para fulgurar.

Ninguem de boa fé lhe negará o valioso contingente que trouxe ás letras. A má vontade ou o espirito de sectarismo póde fingir desconhecer-lhe o merito. Salva-o o contraste dos julgamentos.

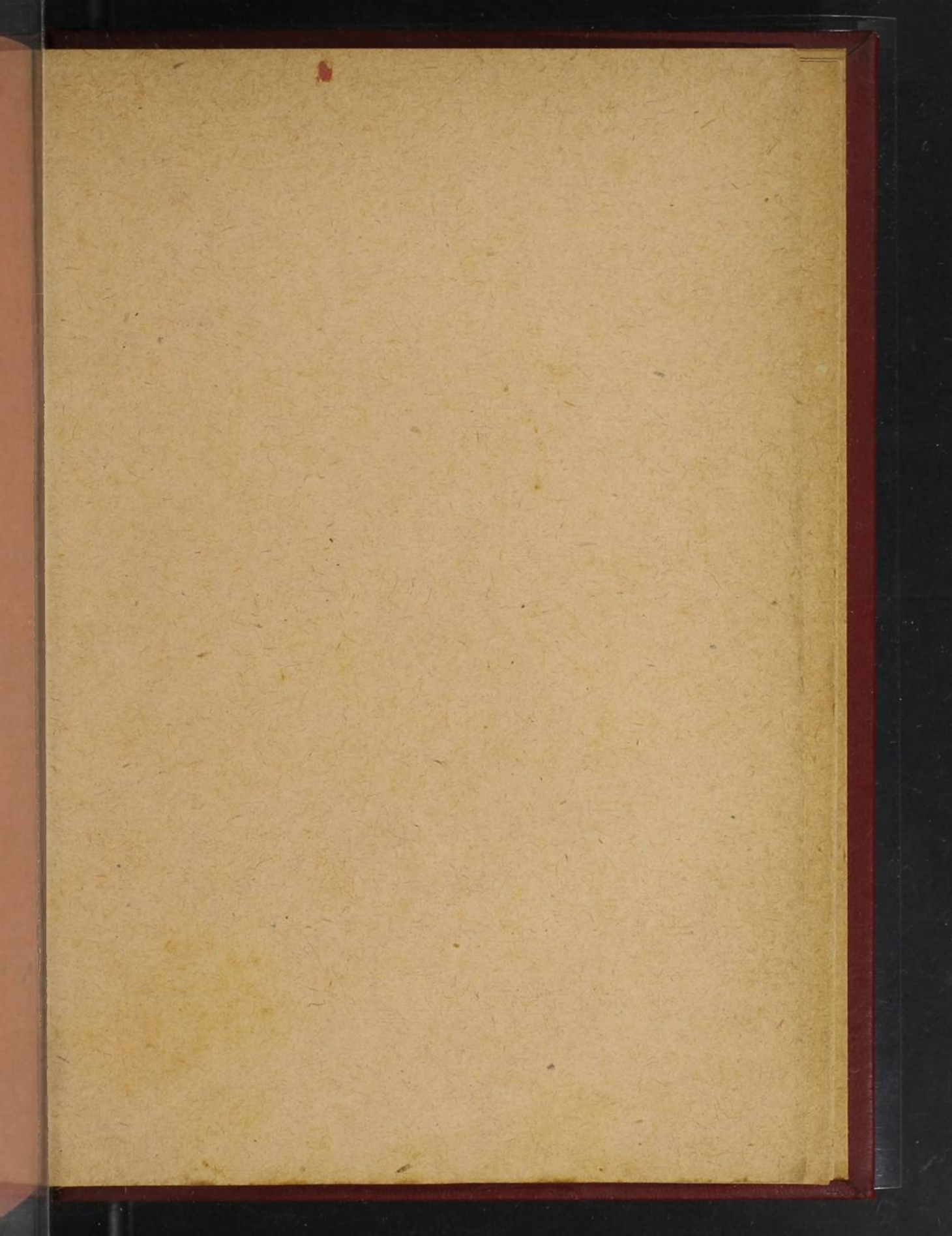
A *Semana* marcou,—inilludivelmente,—uma epoca. Isto lhe basta!

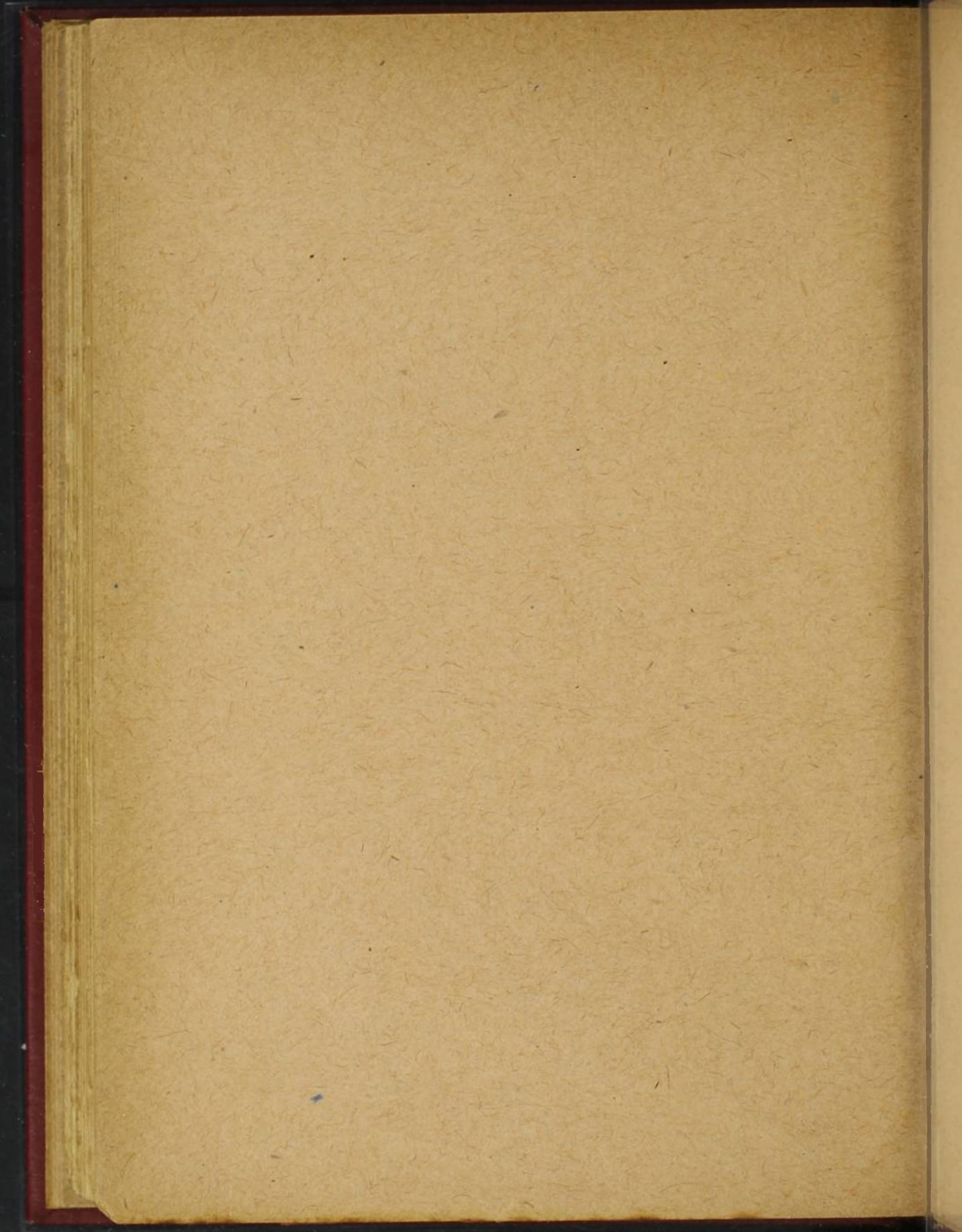
FIM

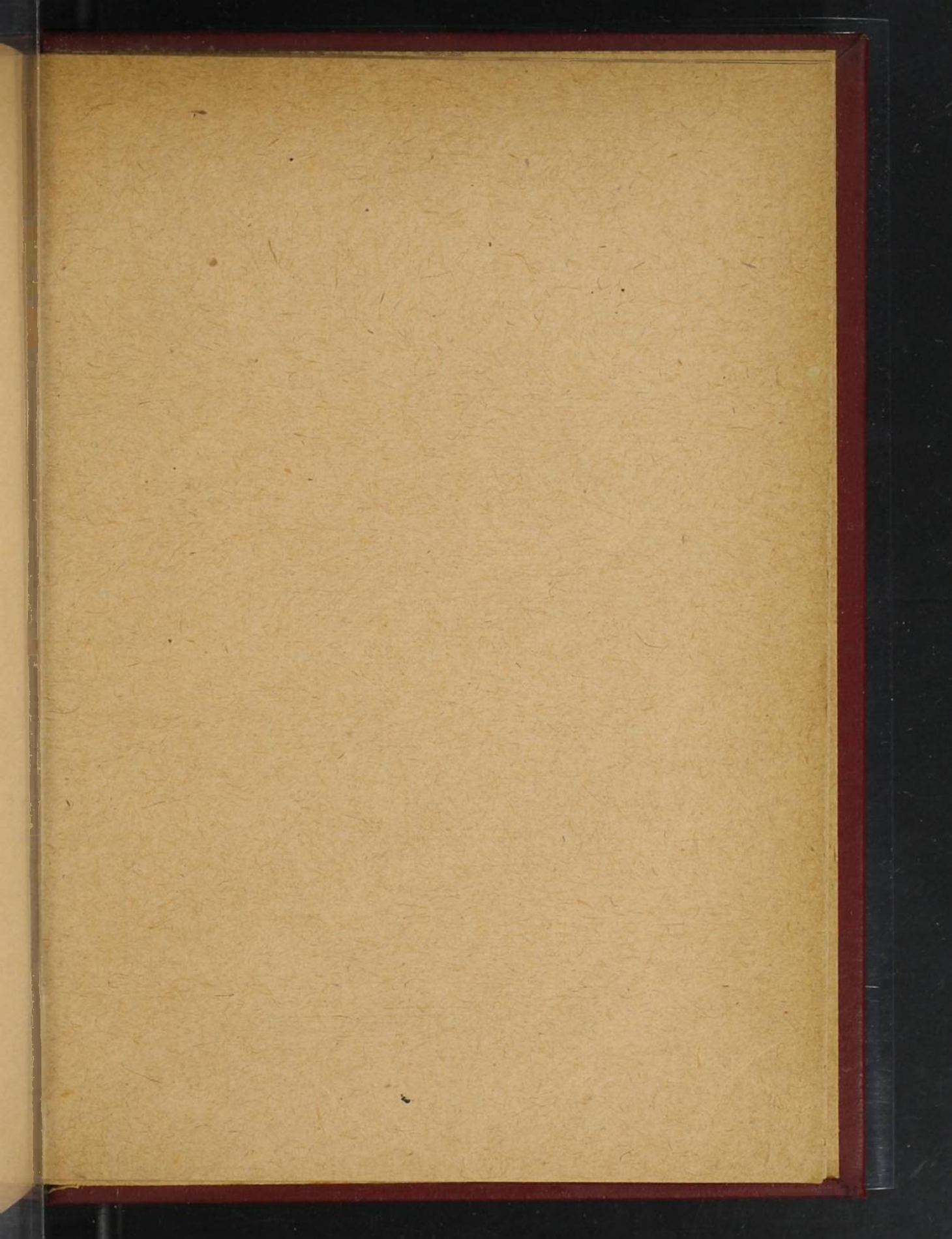


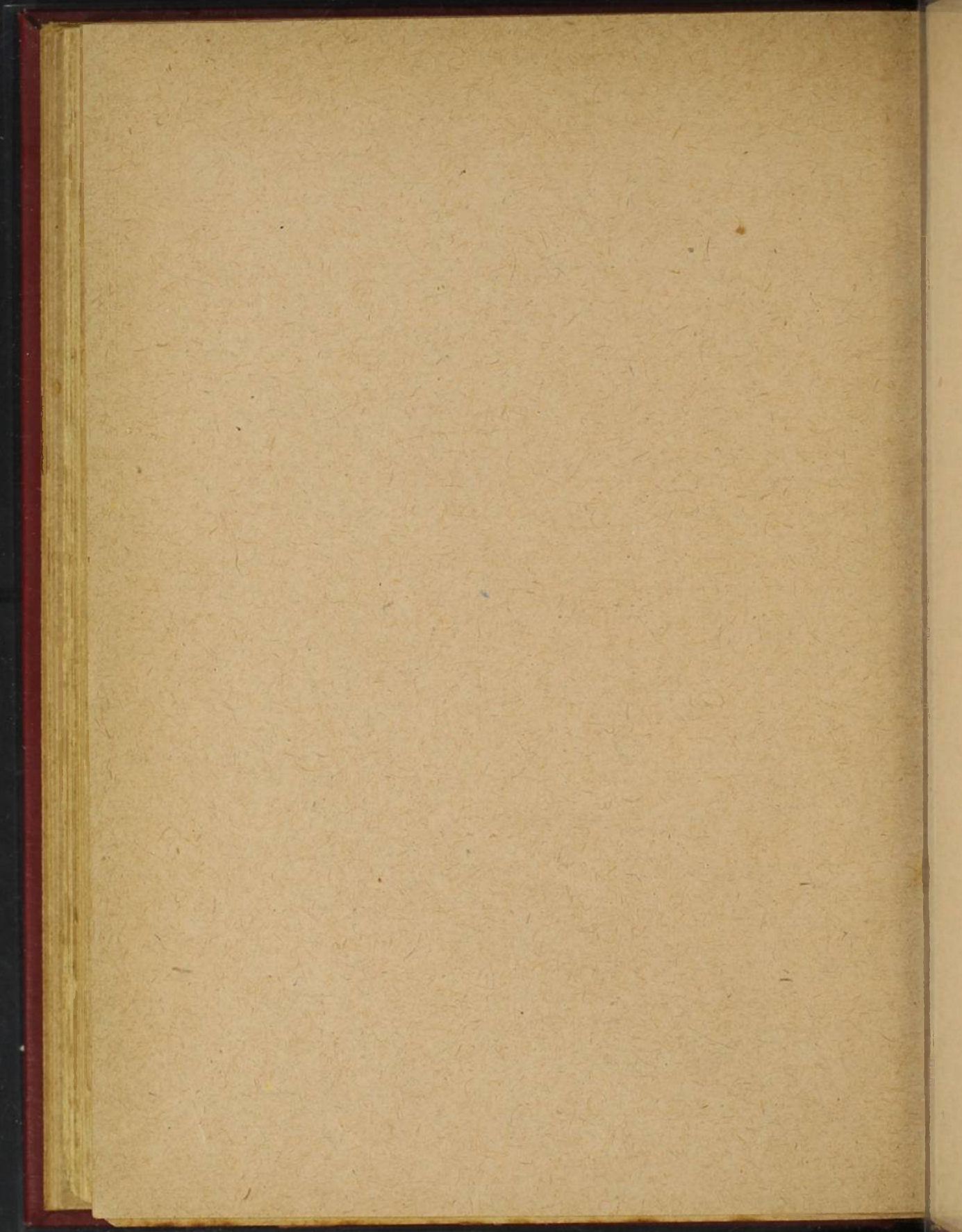


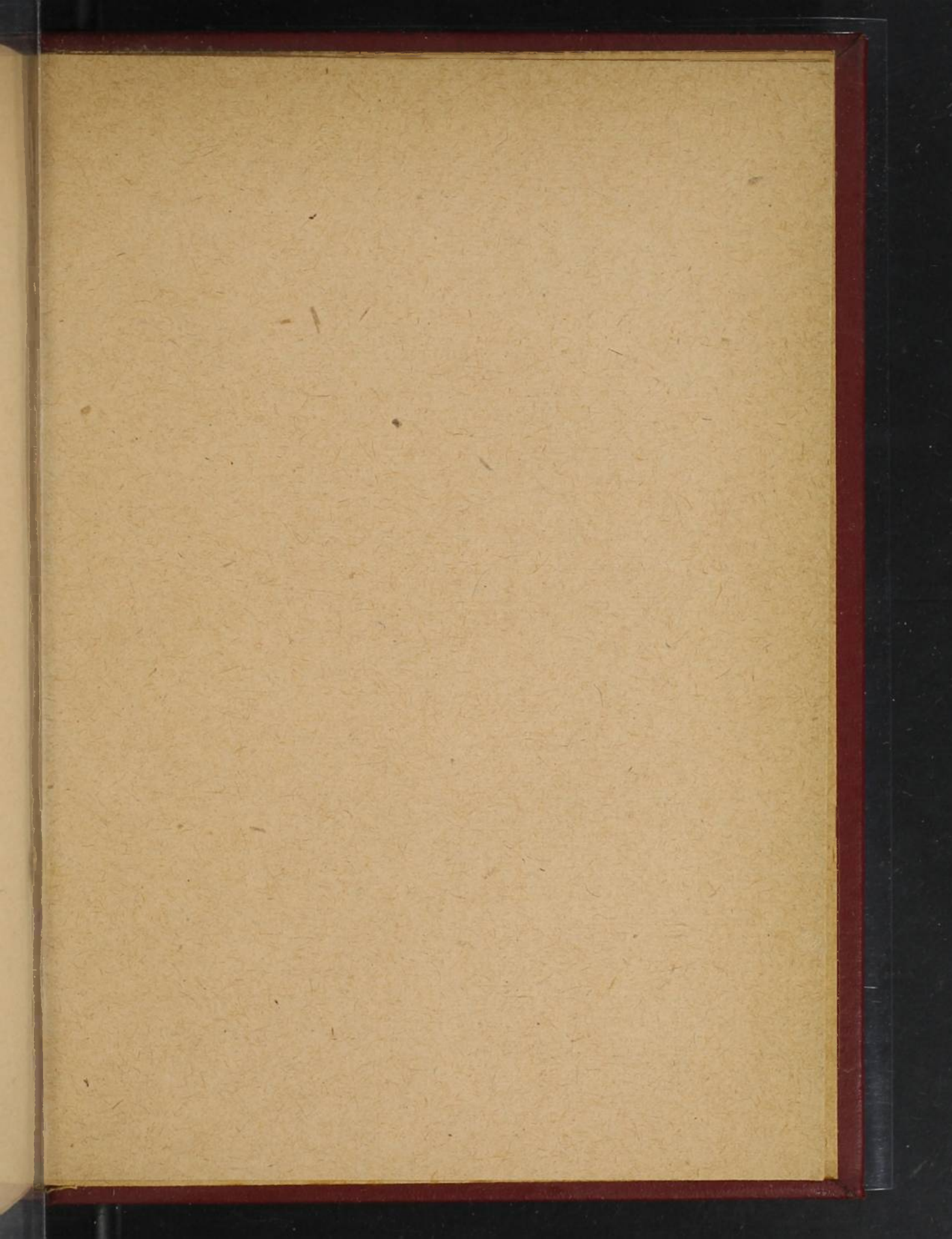












24985

